



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA

JOÃO PAULINO GOMES DELGADO GARCIA

**MISERICÓRDIA COMO MODELO À LUZ DO EPISÓDIO
DE NAIM Lc 7,11-17:**

Um estudo exegetico e teológico.

Dissertação Final

sob orientação de:

Professor Doutor José Tolentino Mendonça

Lisboa

2019

AGRADECIMENTOS

A todos aqueles que me acompanharam nesta aventura de Cafarnaum a Naim, onde Jesus fez voltar à vida o jovem, a sua mãe, deu mais vida, o meu reconhecido agradecimento. Percorrer os caminhos de Jesus, nem sempre é fácil, mas não me faltou o apoio nem a companhia.

Antes de todos, agradeço ao meu sábio e paciente orientador, o Professor Doutor José Tolentino Mendonça. Mesmo depois a sua eleição episcopal e de ter ido para Roma, a fim de assumir a importante missão que o Papa Francisco lhe confiou, manteve a sua disponibilidade para me ajudar e orientar.

Também ao Cónego Armando Duarte que, a pedido do meu bispo, o Cardeal Arlindo Furtado, me abriu fraternalmente, neste meu último ano de Seminário, as portas da Residência da Paróquia de Nossa Senhora dos Mártires, agradeço quanto me ajudou a acertar ideias e a corrigir o meu português.

Ainda um agradecimento especial aos professores da Faculdade de Teologia, pelos ensinamentos nas aulas e pela dedicação; aos colegas, pela amizade, incentivo e confronto de ideias; às muitas pessoas amigas que me incentivaram, apoiaram e, de muitos modos, me ajudaram a perseverar ao longo destes muitos anos de estudo e de amadurecimento vocacional. Agradeço a Deus a minha Família, sempre a minha grande referência, o berço da minha vocação, o suporte de oração que não falha, o amor que quotidianamente me envolve.

“Bendito seja Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que , na sua grande misericórdia, nos fez renascer, pela ressurreição de Jesus Cristo de entre os mortos, para uma esperança viva, para uma herança que não se corrompe, nem se mancha, nem desaparece. Esta herança está reservada nos Céus para vós, que pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para salvação que se vai revelar nos últimos tempos. Isto vos enche de alegria, embora vos seja preciso ainda, por pouco tempo, passar por diversas provações, para que a prova a que é submetida a vossa fé – muito mais preciosa que o ouro perecível, que se prova pelo fogo – seja digna de louvor, glória e honra, quando Jesus Cristo Se manifestar. Sem O terdes visto, vós O amais; sem O ver ainda, acreditais n’Ele. E isto é para vós fonte de uma alegria inefável e gloriosa, porque conseguis o fim da vossa fé: a salvação das vossas almas”.

(1Pd, 1,3-9. 2ª leitura do Domingo da Divina Misericórdia, ano A).

RESUMO

O episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim (cf. Lc 7,11-17), do qual procurámos uma melhor compreensão ao longo da nossa pesquisa, torna claro que a misericórdia, que coincide com o agir de Jesus, restitui vida aos mortos. Ao entregar à mãe, vivo, o filho que estava morto, Jesus revela ser o Senhor da vida e da morte. Ele é o novo Elias esperado por Israel, é Deus que vem visitar o seu povo, e, sendo Deus, enfrenta a morte e a vence para sempre. N'Ele se revela a misericórdia, como principal atributo divino, que restitui o homem à sua dignidade mais genuína e constitui o núcleo central da mensagem evangélica.

O milagre de Naim constitui um sinal de esperança para todos aqueles que, tal como o filho da viúva de Naim, experimentando a morte, esperam, da misericórdia do Senhor, escutar aquela palavra anastática: *Levanta-te!* Uma ordem dada num tom imperativo que recria o homem, ferido mortalmente, nas dimensões mais recônditas do seu ser, o restabelece na sua capacidade de se relacionar e o abre para a vida.

A misericórdia, própria do ser e do agir de Deus, deve ser replicada no jeito de estar e de agir do discípulo, em cumprimento do mandato de Jesus: “*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*” (Lc 6,36). Ela deve ser a expressão da nossa *koinônia* fraterna e a manifestação evangélica da nossa adesão ao “mandamento novo”. Ainda recentemente, o Papa Francisco convocou toda a Igreja para o Jubileu Extraordinário da Misericórdia com o objetivo de nos recolocar no seguimento de Cristo, o “Rosto da Misericórdia”.

Palavras-chave: Jesus, Misericórdia, Naim, Lucas, Ressurreição, Viúva, Profeta, Povo.

ABSTRACT

The episode of the resurrection of the son of the widow of Naim (cf. Lk 7: 11-17), from which we have sought a better understanding throughout our research, makes it clear that mercy, which coincides with the action of Jesus, dead. By giving the living child to the mother who was dead, Jesus reveals to be the Lord of life and death. He is the new Elijah awaited by Israel, it is God who comes to visit his people, and, being God, faces death and conquers forever. In him mercy is revealed, as the principal divine attribute, which restores man to his most genuine dignity and constitutes the central nucleus of the Gospel message. The miracle of Naim is a sign of hope for all those who, like the son of the widow of Naim, who experience death, expect from the mercy of the Lord to hear that anastatic word: Arise! An order given in an imperative tone that recreates man, mortally wounded, in the most recondite dimensions of his being, reestablishes him in his capacity to relate and opens him to life. Mercy, proper to God's being and action, must be replicated in the disciple's way of being and acting, in fulfillment of Jesus' command: "Be merciful, as your Father is merciful" (Luke 6:36). It should be the expression of our fraternal *koinônia* and the evangelical manifestation of our adherence to the "new commandment". Recently, Pope Francis summoned the whole Church to the Extraordinary Jubilee of Mercy to bring us back to Christ, the "Face of Mercy".

Keywords: Jesus, Mercy, Naim, Luke, Resurrection, Widow, Prophet, People.

SIGLAS E ABREVIACOES

AAS	Acta Apostolicae Sedis
AnVal	Anales Valentinus
AT	Antigo Testamento
BLE	Bulletin de Littérature Ecclésiastique
BS	BALZ, H. - SCHNEIDER, G., Dicionario Exegetico del Nuevo Testamento. Vol. I-II, Sigume, Salamanca, 1996-2012.
Coor.	Coordenador
DCBNT	Dizionario dei Concetti Biblici del Nuovo Testamento
DENT	Dicionario Exegetico del Nuevo Testamento
Dir.	Diretor
<i>DivTh</i>	<i>Divus Thomas</i>
Ed.	Editor
Eds.	Editores
EstAg	Estudio Agustiniano
ETR	Études Théologiques et Religieuses
GLNT	Grande Lessico del Nuovo Testamento
LeDiv	Lectio Divina
<i>LumVit</i>	<i>Lumen Vitae</i>
<i>LibAn</i>	<i>Liber Annuus</i>
NRT	Nouvelle Revue Théologique
NT	Novo Testamento
NTS	New Testament Studies
RCI	Revue Catholique Internationale (<i>Communio</i>)
RTL	Revue Théologique de Louvain

<i>S. SS</i>	Versículo (s) Seguinte (s)
StMor	Studia Moralia
TOB	Traduction Œcuménique de la Bible
<i>V. VV</i>	Versículo(s)
VTB	Vocabulaire de Théologie Biblique
Vol.	Volume
LXX	Versão da Bíblia grega dos Setenta

SUMÁRIO

SIGLAS E ABREVIACÕES.....	7
INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO PRIMEIRO - ANÁLISE EXIGÉTICA DE LC 7, 11-17.....	15
Introdução.....	15
1. Texto e Tradução.....	15
2. Variantes textuais (Crítica textual)	16
2.1. Análise das variantes.....	19
2.1.1. As variantes do v. 11.....	19
a) <i>Ἐν τῷ ἐξῆς</i>	19
b) <i>Ναῖν</i>	20
c) <i>Omissão de ἰκανὸι</i>	21
2.1.2. <i>Variantes do v. 12</i>	22
2.1.3. <i>Variantes do v. 13</i>	22
2.1.4. <i>Variantes do v. 14</i>	24
2.1.5. <i>Variantes do v. 15</i>	24
2.1.6. <i>Variantes do v. 16 e v. 17</i>	25
3. Análise morfo-sintáctica e comentário exegético de Lc 7, 11-17.....	26
3.1. O encontro com a mãe enlutada, vv.11-12.....	27
3.2. A compaixão do Senhor, v. 13.....	31
3.3. Análise do v. 14.....	32
3.4. Análise do v. 15	35
3.5. Reação das testemunhas, vv. 16-17.....	36
Conclusão	39

CAPÍTULO SEGUNDO - LINGUAGEM BIBLICA DA MISERICÓRDIA: ESTUDO DO	
VERBO σπλαγγίζομαι	41
Introdução	41
4. Léxico hebraico	43
4.1. <i>Raham</i>	44
4.2. <i>Hesed</i>	45
4.3. <i>Hanun e hasíd</i>	47
5. O Deus da misericórdia no Antigo Testamento.....	49
5.1. No Pentateuco	49
5.2. O Deus da misericórdia nos profetas	51
5.3. A misericórdia nos Salmos	53
6. A misericórdia no Novo Testamento	54
6.1. O uso terminológico nos LXX e no Testamento dos Doze Patriarcas	55
6.2. O substantivo Σπλάγγνα	56
6.3. O verbo σπλαγγεύω e ἐσπλαγγίζομαι	58
6.3.1. O emprego do verbo σπλαγγίζομαι em Lc 7, 11-17	59
6.4. O termo οἰκτιρμός	60
6.5. O termo ἔλεος	61
7. Lucas, Evangelho da misericórdia	64
7.1. Jesus, o rosto da Misericórdia	64
7.2. Misericórdia que flui... ..	65
7.3. Misericórdia anunciada	66
7.4. Misericórdia realizada	68
7.5. A misericórdia reconhecida	71
7.6. A misericórdia que recria	72
7.7. O “hoje” da misericórdia na atuação de Jesus.	73

Conclusão	75
CAPITULO TERCEIRO - RETORNO À VIDA DO FILHO DA VIÚVA DE NAIM:	
TRILOGIA DAS PERSONAGENS	78
Introdução	78
8. Enquadramento de Lc 7 11-17 dentro do Evangelho lucano.....	79
8.1. Enquadramento literário do texto (Lc 7,11-17)	80
8.1.1. Enquadramento em relação ao texto precedente	81
8.1.2. Enquadramento em relação ao texto subsequente	81
8.2. Milagres em Lucas	82
8.2.1. O Milagre de Naim.....	84
9. A Trilogia das personagens: Jesus, a mãe viúva e o povo	86
9.1. Jesus, o grande profeta, o <i>Κύριος</i> enviado de Deus	87
9.1.2. A misericórdia divina revelada nas “σπλαγχνα” de Cristo	89
9.1.3. Os gestos misericordiosos de Jesus	91
9.2. A mãe viúva, visitada pela misericórdia de Deus.....	93
9.2.1. A relação da viúva com seu filho é restaurada por Jesus.....	96
9.3. Um povo que celebra a «visita de Deus».	97
10. Atualidade do episódio de Naim como paradigma da vida cristã	98
Conclusão	101
CONCLUSÃO FINAL	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS	106

INTRODUÇÃO

A ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17) torna evidente que a presença misericordiosa do Deus Vivo faz viver os mortos. A Sagrada Escritura faz prova do mistério insondável dos atributos divinos da justiça e da misericórdia que excede sempre a nossa capacidade compreensiva e reflexiva¹. Tema fundamental da Sagrada Escritura, a misericórdia convida-nos a dirigir o olhar para Deus (misericórdia divina) e para o próximo (obras de misericórdia), a fim de se tornar viva na nossa vida².

Hoje, mais do que nunca, o anúncio do Evangelho supõe o anúncio da misericórdia como uma realidade que encarna aqui e agora, nas coordenadas do tempo e do espaço em que vivemos. A Igreja é chamada a ser testemunha da misericórdia divina, verdadeiro rosto de Deus, como bálsamo para um mundo ferido, que abre aos homens novos horizontes de vida e esperança. O anúncio testemunhal do amor misericordioso e compassivo, sustenta e dá credibilidade à Igreja. Por isso somos chamados a ser misericordiosos como o Pai (cf. Lc 6,26). Estas palavras condensam todo o Evangelho, todo o modo de ser e atuar de Jesus, o rosto misericordioso do Pai e constituem a norma para todos os discípulos de Cristo. Só quando a Igreja professa e proclama a misericórdia, principal atributo de Deus Criador e Redentor, e conduz os homens a Cristo, fonte da misericórdia da qual ela é depositária e dispensadora, a sua missão se torna credível (cf. *Misericordiae vultus* nº 11).

O que se entende e em que consiste realmente a misericórdia de Deus para o homem? Como se pode viver e testemunhar? Qual o alcance e significado do verbo *πλαγχνίζομαι* que Lucas utiliza na narração do episódio de Naim para exprimir a compaixão de Jesus? Qual a sua origem e quais os termos a ele associados tanto no Antigo como no Novo Testamento? Como

¹ Cf. D. LUCIANI, «Les œuvres de miséricorde dans l’Ancien Testament: des œuvres ou de la miséricorde?» in *RTL*, 47 (2016) 313-314.

² Cf. W. KASPER, *Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Lisboa, 2015, 19-21.

se concretiza a compaixão, em Jesus? Como no-la apresenta Lucas no seu Evangelho? Eis algumas questões que procurámos entender e às quais nos propomos responder como objetivo desta dissertação, à luz do episódio da viúva de Naim.

Pela misericórdia se nos revela o mistério da Santíssima Trindade³. É o ato supremo pelo qual Deus vem ao nosso encontro; a lei fundamental que deve habitar o coração de cada ser humano no olhar sincero que dirige ao irmão nos caminhos da vida; é o elo que une Deus aos homens porque abre o nosso coração à experiência de sermos amados por Ele mesmo nos limites das nossas fragilidades (cf. *Misericordiae vultus* nº 2; 10). Em todo o tempo e lugar o homem está sob o olhar de Deus rico em misericórdia, que nos visita⁴ e que Jesus nos revela como Pai.

A presente dissertação se estrutura e desenvolve em três etapas: No primeiro capítulo apresentaremos algumas propostas de tradução e uma breve análise exegético-teológica de Lc 7,11-17, procurando compreender melhor o significado dos termos utilizados no texto em si, e o seu enquadramento literal mais próximo, dentro do Evangelho lucano. No seguimento da exegese deste capítulo, apresentaremos algumas variantes que o aparato crítico de Nestle-Aland nos apresenta para esta perícopa, analisando as que têm mais potencial exegético, seguida de uma análise morfo-sintática e comentário exegético da perícopa.

No segundo capítulo faremos um estudo mais aprofundado do verbo *σπλαγχνίζομαι*, dos termos hebraicos a ele associados, no Antigo Testamento, assim como os termos gregos no Novo Testamento, em suas diversas associações, sentidos e ocorrências, para percebermos melhor o sentido com que Lucas nos apresenta a *maternal misericórdia*⁵ de Deus neste episódio. Fazendo um breve percurso pelo terceiro Evangelho, também chamado “Evangelho da

³ Cf. F. C. ARELLANO, «Misericordia, amor a los pobres, colaboración en la construcción de la casa común», in *Isidorianum*, 49 (2016) 30-39.

⁴ Cf. M. DE LOVINOSSE, «L'événement visé par la seconde «visite» du Benedictus: d'après le champ sémantique entourant Lc 1,78», in *Science et Esprit*, 69/3 (2017) 361-379.

⁵ Cf. M. GIUSTO, «Eucharistie, révélation suprême de la miséricorde chez saint Augustin», in *NRT* 138 (2016) 222-230.

Misericórdia”, veremos como é que, em Jesus, a misericórdia adquire contornos expressivos através dos seus gestos e palavras.

Finalmente no terceiro capítulo, debruçando-nos sobre o episódio de Naim, o seu enquadramento no Evangelho de Lucas, e a sua inserção lucana no contexto identitário da pessoa de Jesus e da questão dos milagres, será apresentado um breve estudo sobre alguns personagens que aparecem neste episódio e o papel de cada um dentro do texto. À luz desta perícopa, da sua interpretação teológica e situação atual, procuraremos oferecer algumas propostas de atuação eclesial para os dias de hoje.

Os conceitos de *compaixão* e de *misericórdia* têm significados similares que se entrecruzam. A misericórdia é uma atitude compassiva do nosso coração que se debruça sobre a miséria, e nos leva a agir, ou seja, é o próprio Deus que vem socorrer a nossa fragilidade. Na abordagem breve de alguns testemunhos da Escritura, tanto do AT como do NT, veremos em que consiste, realmente, a misericórdia de Deus. O testemunho da Escritura mostra que Deus sai sempre ao encontro dos seus filhos, mostrando o seu rosto e suas entranhas de misericórdia de diversos modos⁶. É nossa intenção, à luz do episódio da viúva de Naim e de outras passagens evangélicas, ir fazendo aproximações sucessivas ao sentido profundo da misericórdia revelada por Jesus.

⁶ Cf. P. C. MORALES, «Como vuestro Padre es misericordioso. La misericordia en el Evangelio de Lucas», in *Isidorianum*, 50 (2016) 287-289.

CAPÍTULO PRIMEIRO

ANÁLISE EXEGÉTICA DE LC 7, 11-17

Introdução

Neste primeiro capítulo é apresentada a versão grega de Lc 7,11-17, proposta por Nestle Aland⁷, uma tradução por nós assumida neste trabalho, e ainda a crítica textual da perícopa. Em seguida são apresentadas algumas abordagens exegéticas deste episódio narrado por Lucas. Esta breve análise ajudar-nos-á, por certo, a melhor conhecer e situar o texto na sua orgânica própria e a enquadrá-lo no contexto literal mais próximo.

1. Texto e Tradução

Neste quadro apresentamos a proposta do texto grego de Nestle-Aland e uma hipótese de tradução literal portuguesa.

Texto grego (Lc 7,11-17)	Tradução
<i>11 Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ ἐξῆς ἐπορεύθη εἰς πόλιν καλουμένην Ναϊν καὶ συνεπορεύοντο αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ὄχλος πολὺς.</i>	11 E aconteceu que, logo de seguida, foi para uma cidade chamada Naim. Acompanhavam-no os seus discípulos e uma numerosa multidão.
<i>12 ὡς δὲ ἤγγισεν τῇ πύλῃ τῆς πόλεως, καὶ ἰδοὺ ἐξεκομίζετο τεθνηκὼς μονογενῆς υἱὸς τῆ μητρὶ αὐτοῦ καὶ αὐτὴ ἦν χήρα, καὶ ὄχλος τῆς πόλεως ἱκανὸς ἦν σὺν αὐτῇ.</i>	12 Quando se aproximou da porta da cidade, eis que um defunto era levado a sepultar, filho único de sua mãe que era viúva. Com ela estava uma considerável multidão da cidade.

⁷ Cf. Eb. NESTLE – Er. NESTLE, Er - B. ALAND, K. ALAND, (Ed.) *Novum Testamentum Graece*, 27ª ed., Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1993, 176-177.

<p>13 καὶ ἰδὼν αὐτὴν ὁ κύριος ἐσπλαγχνίσθη ἐπ’ αὐτῇ καὶ εἶπεν αὐτῇ· μὴ κλαῖε.</p>	<p>13 Ao vê-la, o Senhor compadeceu-se profundamente dela e disse-lhe: “Não chores”.</p>
<p>14 καὶ προσελθὼν ἤψατο τῆς σοροῦ, οἱ δὲ βασιτάζοντες ἔστησαν, καὶ εἶπεν· νεανίσκε, σοὶ λέγω, ἐγέρθητι.</p>	<p>14 E, aproximando-se, tocou no caixão. Os que o transportavam pararam e Ele disse: “Jovem, Eu te digo: levanta-te!”</p>
<p>15 καὶ ἀνεκάθισεν ὁ νεκρὸς καὶ ἤρξατο λαλεῖν, καὶ ἔδωκεν αὐτὸν τῇ μητρὶ αὐτοῦ.</p>	<p>15 E o morto sentou-se, e começou a falar e Jesus⁸ entregou-o à sua mãe⁹.</p>
<p>16 ἔλαβεν δὲ φόβος πάντας καὶ ἐδόξαζον τὸν θεὸν λέγοντες ὅτι προφήτης μέγας ἠγέρθη ἐν ἡμῖν καὶ ὅτι ἐπεσκέψατο ὁ θεὸς τὸν λαὸν αὐτοῦ.</p>	<p>16 O medo apoderou-se de todos, e glorificaram a Deus, dizendo: “Um grande profeta surgiu entre nós!”, e: “Deus visitou o seu povo!”.</p>
<p>17 καὶ ἐξῆλθεν ὁ λόγος οὗτος ἐν ὅλῃ τῇ Ἰουδαίᾳ περὶ αὐτοῦ καὶ πάσῃ τῇ περιχώρῳ.</p>	<p>17 Esta notícia acerca dele espalhou-se na Judeia inteira e por todos os arredores.</p>

2. Variantes textuais (Crítica textual)

Apresentam-se seguidamente variantes a partir do aparato crítico de Nestle-Aland, complementadas com outros estudos realizados. Para esta perícopie (Lc 7,11-17), são apresentadas ao todo 14 variantes que nos parecem ser as mais relevantes, das quais vamos analisar aquelas que mais podem interferir no trabalho de tradução e condicionar a sua interpretação. Das variantes textuais que são apresentadas por Nestle-Aland¹⁰, duas delas consideram-se particularmente pelo seu forte potencial exegético: nos versículos 11 (*Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ*) e em 13 (o termo *κύριος*).

⁸ “Jesus” é acrescento da tradução.

⁹ A evocação do milagre de Elias (1Rs 17,23) é aqui ainda mais clara.

¹⁰Cf. Eb. NESTLE – Er. NESTLE, Er - B. ALAND, K. ALAND, (Ed.) *Novum Testamentum Graece*. 27ª ed., Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1995, 176.

Esta perícopre encontra-se em muitos manuscritos que incluem o conteúdo lucano, embora os lecionários e os Padres da Igreja a omitam, o que pode indicar que a Igreja dos primeiros séculos a desconheceu. Muitos estudiosos põem a hipótese de que tal aconteceu por esta perícopre estar bastante corrompida no *Códice de Beza Cantabrigiensis* e nos cursivos, nas famílias 1 e 13, que contêm um maior número de variantes que não encontram suporte¹¹ na documentação mais qualificada.

A tabela que segue apresenta, de forma resumida, as variantes que Nestle-Aland, no seu aparato crítico, propõe acerca desta perícopre, com as diferenças entre os manuscritos¹².

Texto grego (Lc 7,11-17)	Ver.	Variantes ¹³
<i>Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ ἐξῆς</i>	11	<i>ἐγένετο ἐν τῷ</i> é substituído por: - τη em D; <i>ἐγένετο τη</i> em W; <i>ἐγένετο εν τη</i> em ⋈*C K 565.892.1424.pm sy ^{p,h} .
<i>ἐπορεύθη εἰς πόλιν καλουμένην Ναῖν</i>		<i>Ναῖν</i> é substituído por: - <i>Ναιμ</i> em f ¹ (579) lat; Capharnaum e l*
<i>υνεπορεύοντο αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ὄχλος πολὺς.</i>		A incorporação de <i>ικανὸι</i> em <i>μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ὄχλος</i> po A C D Θ Ψ f ⁽¹⁾ 13 ⋈b c q sy ^h ; -txt ⋈ ⁷⁵ ⋈ B D L W Ξ 1241 pc lat sy ^{s,p} co
<i>ὡς δὲ ἤγγισεν τῇ πόλει τῆς πόλεως,</i>	12	<i>ὡς δὲ</i> é substituído por <i>εγενετο δε ως</i> em D it

¹¹ Cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc7,11-17) - Emprego do verbo splangxizomai na perícopre e no Evangelho de Lucas*, PUC, Rio de Janeiro. Tese apresentada em Teologia, orientada pelo Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015, 104.

¹² Cf. NESTLE – ALAND, *Novum Testamentum Graece*, 176.

¹³ As siglas que são utilizadas seguem a proposta de NESTLE – ALAND, 176.

<p>καὶ ἰδοὺ ἐξεκομίζετο τεθνηκῶς μονογενῆς υἱὸς τῆ μητρὶ αὐτοῦ</p>		<p>- τεθνηκῶς n̄o aparece em A <i>pc c</i> - μονογενῆς em A C D Θ <i>f^{1,13} 33</i> ℳ^{lat sy^h aparece invertida - <i>txt</i> ℞⁷⁵ ℵ B D L W Ξ Ψ 579 <i>pc c</i>}</p>
<p>καὶ αὐτὴ ἦν χήρα</p>		<p>- καὶ αὐτὴ ἦν χήρα nesta expressão o termo αὐτὴ é substituído por αὐτή em B² <i>f¹ 892. 1241 al.</i> - <i>text</i> L^{vid} Θ Ψ <i>f¹³</i> ℳ (℞⁷ ℵ A B* C W <i>sine-acc</i>) - Em D (e) a expressão καὶ αὐτὴ ἦν χήρα, καὶ ὄχλος τῆς πόλεως ἰκανὸς ἦν σὺν αὐτῇ é substituída por χήρα αὔσης καὶ πολὺς ὄχλος τῆς πόλεως συνῆ ληλύθει αὐτό</p>
<p>καὶ ἰδὼν αὐτὴν ὁ κύριος ἐσπλαγχνίσθη ἐπ’ αὐτῇ καὶ εἶπεν αὐτῇ· μὴ κλαῖε.</p>	13	<p>- O termo κύριος é substituído por Ἰησοῦς em D W <i>f¹ 700, 1241 pc f vg^{mss} sy^{s,p} bo</i> - ἐπ’ αὐτῇ é substituído por επ αυτην em: ℵ K Γ Ψ <i>f^{1,13} 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. al</i> - Θ <i>pc ff² 1</i></p>
<p>καὶ προσελθὼν ἤψατο τῆς σοροῦ, οἱ δὲ βαστάζοντες ἔστησαν, καὶ εἶπεν· νεανίσκε, σοὶ λέγω, ἐγέρθητι.</p>	14	<p>- Há a inclusão do termo νεανίσκε em D a <i>ff²</i> entre os termos νεανίσκε^T e σοὶ.</p>
<p>καὶ ἀνεκάθισεν ὁ νεκρὸς καὶ ἤρξατο λαλεῖν, καὶ ἔδωκεν αὐτὸν τῆ μητρὶ αὐτοῦ.</p>	15	<p>- A expressão ἀνεκάθισεν é substituída por ἐκάθισεν em B <i>pc e</i>.</p>
<p>ἔλαβεν δὲ φόβος πάντας καὶ ἐδόξαζον τὸν θεὸν λέγοντες ὅτι προφήτης μέγας ἠγέρθη ἐν ἡμῖν</p>	16	<p>- πάντας é substituído por ἅπαντας em: ℵ A C L W Γ Θ Ξ Ψ 33. 579.892. 1424. 2542 <i>al.</i> - <i>txt</i> ℞⁷⁵ B D <i>f^{1,13}</i> ℳ</p>

καὶ ὅτι ἐπεσκέψατο ὁ θεὸς τὸν λαὸν αὐτοῦ.		- No final deste versículo, depois de αὐτοῦ é inserido εἰς ἀγαθὸν em: X ^{f3} al it sy ^h .
καὶ ἐξῆλθεν ὁ λόγος οὗτος ἐν ὄλῃ τῇ Ἰουδαίᾳ περὶ αὐτοῦ καὶ πάσῃ τῇ περιχώρῳ	17	

2.1. Análise das variantes

As variantes que aparentam ser mais relevantes encontram-se nos vv. 11 e 13, por isso as vamos analisar com especial atenção. Na tabela anterior apresentava-se, como referimos, uma síntese significativa das variantes propostas no aparato crítico de Nestle-Aland.

2.1.1. As variantes do v.11

Καὶ ἐγένετο ἐν τῷ ἐξῆς ἐπορεύθη εἰς πόλιν καλουμένην Ναὶν καὶ συνεπορεύοντο αὐτῷ οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ ὄχλος πολὺς.

a) Ἐν τῷ ἐξῆς

Qualquer das versões apresentam formas sintáticas aceitáveis, embora com algumas diferenças¹⁴. Os manuscritos D e W apresentam uma alteração estilística, sendo que Lucas em outras ocasiões não utiliza o prefixo ἐν na expressão τῷ ἐξῆς), como podemos verificar:

- Ἐγένετο δὲ τῇ ἐξῆς ἡμέρα κατελθόντων αὐτῶν ἀπὸ τοῦ ὄρους συνήνητησεν αὐτῷ ὄχλος πολὺς (Lc 9,37);

- Ὡς δὲ ἐγένετο ἀναχθῆναι ἡμᾶς ἀποσπασθέντας ἀπ' αὐτῶν, εὐθυδρομήσαντες ἦλθομεν εἰς τὴν Κῶ, τῇ δὲ ἐξῆς εἰς τὴν Ρόδον κάκειθεν εἰς Πάταρα, (At 21,1);

¹⁴ Cf. I. PERONDI, *A compraixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 107.

- Συνελθόντων οὖν [αὐτῶν] ἐνθάδε ἀναβολὴν μηδεμίαν ποιησάμενος τῇ ἐξῆς καθίσας ἐπὶ τοῦ βήματος ἐκέλευσα ἀχθῆναι τὸν ἄνδρα· (At 25,17)

- Σφοδρῶς δὲ χειμαζομένων ἡμῶν τῇ ἐξῆς ἐκβολὴν ἐποιοῦντο (At 27,18)

Outra diferença notável tem a ver com o emprego do artigo definido em dativo (*ἐγένετο ἐν τῇ*), que inclusive pode alterar a tradução. Lucas utiliza *τῇ ἐξῆς* relacionado com ἡμέρα em outras ocasiões (cf. 9,37, At 21,1; 25,17; 27,18) e opta pelo artigo no feminino, com o significado de *dia seguinte*. Portanto esta preposição só é utilizada no v.11. Esta expressão *ἐν τῷ ἐξῆς*, sugere a introdução temporal de “em seguida”¹⁵. O termo *ἐν τῇ ἐξῆς* não é usual em Lucas. No entanto, a evidência externa que prefere *τῷ ἐξῆς*, é ligeiramente melhor do que aquela que opta por *τῇ ἐξῆς*. Nestle- Aland prefere a forma masculina *τῷ ἐξῆς*¹⁶. O texto oscila entre a forma subentendida masculina (*χρόνῳ*) e a feminina (*ἡμέρα*)¹⁷.

Os melhores manuscritos gregos e edições críticas usam a expressão *ἐν τῷ ἐξῆς*, que podemos traduzir por “*logo depois, de seguida, no tempo seguinte*”. Outros manuscritos como (N⁺, C, D) usam o artigo no feminino *ἐν τῇ ἐξῆς* “*no dia seguinte*”¹⁸, referido somente ao tempo em que se deu viagem para Naim¹⁹.

Fitzmyer sublinha que este episódio pré-lucano, pertence a «L», uma fonte particular de Lucas, a quem também se deve atribuir este versículo introdutório (v.11).

b) Naïv

Jesus dirigiu-se para uma cidade chamada Naim, do hebraico *ná'im*²⁰. Esta cidade encontra-se referida em Flávio Josèfo (*Bell. IV, IX, 4 Nise escrito “ain”, um nome pouco familiar*)²¹.

¹⁵ O texto grego oscila, nos antigos manuscritos, entre a expressão que subentende dia seguinte, *a seguir, e pouco depois*. A vulgata seguiu a fórmula que pareceu mais segura, traduzida por *deinceps*, «em seguida».

¹⁶ Cf. NESTLE - ALAND, *Novum Testamentum Graece*, 176.

¹⁷ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc 1,1-9,50*, Labor et Fides, Genève, 1991, 252.

¹⁸ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas: Tomo II Traducción y comentarios, Capítulos 1-8,21*, Ediciones Cristiandad, Madrid 1987, 645.

¹⁹ Cf. *La Sagrada Escritura*, (Texto y Comentario, Nuevo Testamento, Evangelios), Madrid: Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1964, 623.

²⁰Cf. Van den BORN (Org.), *Naim*, in *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Vozes, Petrópolis, 1971, 1029.

²¹ Cf. J.- M. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Luc*, 5ªed., Librairie Lecoffre, Paris, 1941, 208.

Segundo Fillion²², *Naim de Josèphe* situa-se no outro lado do Jordão, pelo que não poderia ser identificada com a povoação de Naim, hoje mais conhecida, situada a noroeste do pequeno Hermom.

A tradução manuscrita grega refere *Naïv*, com exceção de *f*¹ que lê *Naiμ*. A Vulgata e uma parte da tradição latina, bem como *f*¹ e pelo minúsculo 579, alteram a letra final e leem *Naim*²³. Este nome não é mencionado no AT e só aparece uma vez no NT²⁴. No entanto, a crítica externa preferiu *Naïv*, preservada pelo texto mais antigo²⁵. Naim, etimologicamente vem do hebraico *naim* e pode significar “amável e bela” fica situada a uns 10 kms a sudoeste de Nazaré e a cerca de 7- 8 km a sudoeste do monte Tabor²⁶. A dois quilómetros de distância situa-se *Nein*, nome com que é designada atualmente a vila de Sulam (*Suném na Bíblia*), onde o Profeta Eliseu curou a esterilidade da sua anfitriã e esta, sendo já idosa, tal como o seu marido, teve um filho (cf. 2 Re 4,8-17)²⁷.

c) Omissão de *ικανὸι*

Depois de *μαθηταὶ αὐτοῦ*, inúmeros manuscritos apresentam a incorporação de *ικανὸι*. No entanto foi preferida a versão que omite este acréscimo, ou seja, a versão mais curta. Esta expressão, *οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ ἱκανὸι*, não se encontra no NT e pode ter sido inserida inadvertidamente. O NT usa o termo *ικανὸι* em sentido atributivo, predicativo e em sentido absoluto, referindo a uma quantidade suficiente de povos, discípulos, palavras, de tempo, etc. Das trinta e nove vezes que este termo aparece no NT, a maior parte delas encontra-se em Lucas (nove vezes) e nos Atos (dezoito vezes)²⁸.

²² Cf. Cl.- L. FILLON, *Les Miracles de Notre Seigneur Jésus Christ*, Tome II, P. Lethielleux, Librairie - Editeur, Paris, 1910, 347.

²³ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 253; J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 645.

²⁴ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, Editorial Herder, Barcelona, 1968, 206.

²⁵ Cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 108.

²⁶ Cf. *Bíblia 2000*, Lucas e João, Publicações Alfa, Lisboa, 1997, 33; - J. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 645.

²⁷ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 353; G. URBANI, «Il villaggio/città di Nain: archeologia delle acchitture di un paesaggio antico», in *Liber Annuus*, 65 (2015) 432-452.

²⁸ Cf. P. TRUMMER, *ικανός*, in BS, DENT, vol. I, 1986-1987.

2.1.2. Variantes do v.12

- ὥς δὲ ἤγγισεν τῇ πύλῃ τῆς πόλεως, καὶ ἰδοὺ ἐξεκομίζετο τεθνηκῶς μονογενῆς υἱὸς τῆ μητρὶ αὐτοῦ καὶ αὐτὴ ἦν χήρα, καὶ ὄχλος τῆς πόλεως ἱκανὸς ἦν σὺν αὐτῇ.

O termo ὥς δὲ, bastante frequente nas obras de Lucas, é substituído no manuscrito D e na Vetus Latina por ἐγένετο δε ὥς que, somente uma vez, aparece em Atos.

O termo τεθνηκῶς no particípio perfeito (*havia morrido*), inserido no campo semântico de morte²⁹, não aparece no Códice Alexandrino e no latino Colbertinus. É aqui inserido para evidenciar uma situação trágica: um morto, filho único da mãe que era viúva. Segundo E. Delebecque, este termo não é para traduzir, porque serve unicamente para mostrar o sentido do verbo ἐκκομίζειν³⁰.

2.1.3. Variantes do v. 13

- καὶ ἰδὼν αὐτὴν ὁ κύριος ἐσπλαγχνίσθη ἐπ' αὐτῇ καὶ εἶπεν αὐτῇ· μὴ κλαῖε.

a) - O termo κύριος (*Senhor*) vem substituído em D W f¹ 700, 1241 pc f vg^{mss} sy^{s,p} bo por Ἰησοῦς. Esta é a variante que aparece nesta perícopie com maior relevância exegética. Segundo Ildo Perondi, Lucas não se refere a Jesus como “Senhor”, mas sim como Jesus. Contudo, a crítica externa não é suficientemente forte, tendo em conta a abrangência dos escritos lucanos. Segundo J. Fitzmyer, das 719 vezes que este substantivo aparece no NT, com exceção de Tito e nas cartas de João, Lucas é quem o usa com maior frequência, 104 vezes no Evangelho e 107 vezes nos Atos dos Apóstolos. Aparece 189 vezes nas cartas paulinas³¹. É um termo preferido por Lucas e Paulo, atribuído a Cristo ressuscitado. Lucas atribui este título a Jesus cerca de 20 vezes, sem falar do vocativo *Senhor*, com menos força expressiva, para sublinhar assim a sua realeza misteriosa, expressão que Mateus e Marcos usam uma única vez (Mt 21,3;

²⁹ Cf. W. BIEDER, *θνηκῶς*, in H. BALZ.; G. SCHNEIDER, *DENT*, vol. I, Sigume, Salamanca, 1996, 1892- 1893.

³⁰ Cf. E. DELEBECQUE, *Études grecques sur l'Évangile de Luc*, Les Belles Lettres, Paris, 1976, 39.

³¹Cf. J. FITZMYER, κύριος, in H. BALZ, - G. SCHNEIDER, (Eds.), *DENT*. Vol. I, Sigume, Salamanca,1996, 2438-2439.

Mc 11,13)³². Portanto, o argumento mais consistente, prova que Lucas usa com frequência este termo para referir expressamente, como gosta de fazer, o senhorio de Jesus e a sua missão de Messias salvador³³.

b) - ἐπ' αὐτῇ é substituído por ἐπ' αὐτὴν em: ⲛ Κ Γ Ψ *f*^{1,13} 33. 565. 700. 892. 1241. 1424. *al* e não aparece em: Θ *pc* ff² 1. Ἐπ' αὐτῇ está no feminino dativo e ἐπ' αὐτὴν, aparece no acusativo feminino. Tanto um como outro podem referir-se ao lugar “sobre”, direção ou referência de emoções, pensamentos e palavras³⁴.

c) -καὶ ἰδὼν αὐτὴν ὁ κύριος ἐσπλαγγνίσθη ἐπ' αὐτῇ

O verbo ἐσπλαγγνίζομαι, usado para exprimir a compaixão de Jesus, aparece no indicativo aoristo passivo, terceira pessoa do singular, sob a forma de ἐσπλαγγνίσθη, que pode ser traduzido por: *ter piedade de alguém, ser movido pelas entranhas*, ou seja, trata-se de um amor, uma comoção eminentemente materna³⁵.

O verbo na voz ativa, σπλαγγνέω também pode significar: *celebrar um banquete cultural* (cf. 2 Mc 6,8). O significado especial do verbo depoente, tem o seu sentido peculiar, com significado de: *sentir misericórdia, ter compaixão* (σπλάγγνον). Encontramo-lo, usado neste sentido, na Tradução dos LXX, no Livro dos Provérbios (cf. Prov. 17, 5). Nos apócrifos, aparece por seis vezes no Testamento de Zabulão, e também no Testamento de Abraão (B) 12³⁶.

Este verbo, na sua forma oposta, aparece em três parábolas de Jesus: Mt 18, 23,ss , no v. 27 e no v.34, referindo-se ao servo mau *οργίζομαι*; Lc 15, 11,ss, no v. 28, referindo-se à cólera do filho mais velho que contrasta com a atitude do pai do filho pródigo; Lc 10, 29,ss temos a do bom samaritano, que cuida do homem que descia de Jerusalém para Jericó e é alvo da violência dos salteadores que o deixam quase morto. O samaritano ajusta as suas ações à “medida” da misericórdia divina, identificando-o, desta forma, com a pessoa de Jesus.

³² Cf. J. FITZMYER, κύριος, In BS., DENT, Vol. I, 2445.

³³ Cf. F. BOVON, L'Évangile selon Saint Luc, 125.

³⁴ Cf. W. C. TAYLOR, Introdução ao estudo do Novo Testamento grego, Typographia do C: A: B, Recife, 1932, 245.

³⁵ Cf. N. FUSARO, Con-Passione: L'evangelo di Nain come paradigma di vita spirituale, Citadella Editrice, Assisi, 2016, 105.

³⁶Cf. N. WALTER, σπλαγγνίζομαι, in BS., DENT, vol. II, 1469-1470.

No episódio de Naim, o olhar de Jesus dirige-se para a mãe e não para o filho. Um olhar misericordioso de Deus que nos visita em Jesus, e que Lucas, atento aos detalhes, observa. Este verbo - ἐσπλαγχνίσθη - aparece unicamente nos sinópticos, num total de doze vezes: 4 vezes em Marcos, 5 em Mateus e 3 vezes em Lucas (Lc 7,13; 10,33 e 15,20³⁷).

2.1.4. Variantes do v. 14

Καὶ προσελθὼν ἤψατο τῆς σοροῦ, οἱ δὲ βαστάζοντες ἔστησαν, καὶ εἶπεν· νεανίσκε, σοὶ λέγω, ἐγέρθητι.

O termo σορός, que não se encontra em mais nenhum lugar no NT, traduzido pela Vulgata como *loculus* (caixão), embora o filho da viúva estivesse a ser transportado, não num caixão, mas numa padiola³⁸.

Verifica-se que há uma inclusão do termo νεανίσκε em D a ff² entre os termos νεανίσκε^T e σοὶ. Esta duplicação do vocábulo, no Codex Bezae (D), indica que o jovem é um homem robusto³⁹. O vocábulo νεανίσκε (jovem) é usado no grego para designar um homem com menos de quarenta anos.

2.1.5. Variantes do v. 15

- Καὶ ἀνεκάθισεν ὁ νεκρὸς καὶ ἤρξατο λαλεῖν, καὶ ἔδωκεν αὐτὸν τῇ μητρὶ αὐτοῦ

a) O verbo ἐκάθισεν aparece no Codex Vaticanus e latino Palatinus, em lugar de ἀνεκάθισεν. Este verbo ἀνεκάθισεν só aparece neste episódio do Evangelho de Lucas e em At 9,40, para indicar pessoas cujas vidas foram regeneradas e se reergueram⁴⁰: (ἐκβαλὼν δὲ ἔξω πάντας ὁ Πέτρος καὶ θεὶς τὰ γόνατα προσηύξατο καὶ ἐπιστρέψας πρὸς τὸ σῶμα εἶπεν· Ταβιθά, ἀνάστηθι. ἡ δὲ ἤνοιξεν τοὺς ὀφθαλμοὺς αὐτῆς, καὶ ἰδοῦσα τὸν Πέτρον ἀνεκάθισεν (At 9,40). Este

³⁷ Cf. W. F. MOULTON – A. GEDEN, *A Concordance to the Greek Testament, according to the Texts of Westcott and Hort, Tischendorf and to the English Revisers*, T&T Clark, Edinburgh, 1967⁴, 901.

³⁸ Cf. A. VALENSIN – J. HUBY, *Évangile selon Saint Luc*. Traduit et commenté, Beauchesne, Paris, 1927⁴, 136-137.

³⁹ Cf. M. L. VEYRON- MAILLET, «Polysémie d'un texte: Analyses narrative et psycho-anthropologique de Luc 7,11-17», in *ETR*, 82 (2007) 187.

⁴⁰ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 648.

termo, caso se tratasse de um erro, seria corrigido em Atos, o que não acontece. É um verbo utilizado pelos médicos, para se referir a um doente que se sentou, em sinal de recuperação⁴¹. Segundo F. Bovon⁴², nenhuma tradução dá a este verbo o sentido de ressurreição, que é sempre expressa pelo vocábulo *ἐγείρω*.

2.1.6. Variantes do v.16 e v.17

- ἔλαβεν δὲ φόβος πάντας καὶ ἐδόξαζον τὸν θεὸν λέγοντες ὅτι προφήτης μέγας ἠγέρθη ἐν ἡμῖν καὶ ὅτι ἐπεσκέψατο ὁ θεὸς τὸν λαὸν αὐτοῦ

a) O vocábulo *πάντας* é substituído por *ἅπαντας*, numa série de documentos, nomeadamente, Ⲛ A C L W Γ Θ Ξ Ψ 33. 579.892. 1424. 2542 *al. txt* ⲡ⁷⁵ B D *f*^{1,13}. Ambas as expressões se podem traduzir por “todos os homens” quando não são precedidas de artigo, embora o termo *ἅπαντας* seja um grego mais clássico.

b) - O acréscimo *εἰς ἀγαθὸν* no Códex Manacensis, nos minúsculos de *f*³, na Vetus Latina e na Heracleana, estando ausente nos principais manuscritos lucanos, poderá ser, talvez, um acréscimo corretional posterior⁴³.

Um temor invadiu a todos, (aos dois grupos mencionados nos vv. 11-12). Lucas emprega o termo *φόβος* *temor, medo*, para dizer a reação dos que estavam presentes, diante da intervenção divina de Jesus (cf. Lc 1,65; 5,26; 8, 25.37; At 2,43,5, 5.11;1917).

A expressão *προφήτης μέγας* (um grande profeta), poderia aludir ao profeta escatológico como Elias, opinião refutada por alguns comentaristas⁴⁴.

⁴¹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 109.

⁴² Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 355.

⁴³ Cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 116.

⁴⁴ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 649.

No que diz respeito ao v.17 - και ἐξῆλθεν ὁ λόγος οὗτος ἐν ὅλη τῇ Ἰουδαίᾳ περὶ αὐτοῦ καὶ πάση τῇ περιχώρῳ, não há variantes a assinalar. A palavra λόγος, utilizada no texto, pode traduzir-se *por notícia, fama*, tal como acontece noutras passagens lucanas (cf. Lc 4, 37;5,15).

3. Análise morfo-sintáctica e comentário exegético de Lc 7, 11-17

Este episódio, tipicamente lucano, situa-se no início do ministério de Jesus na Galileia -500 dos 1160 versículos que compõem o Evangelho de Lucas - depois da cura do servo do centurião romano (7,1-10) e antes da entrada em cena dos discípulos de João Baptista (7, 18-30). Não tem paralelo em nenhum dos outros Evangelhos. É um episódio que integra os «relatos de milagres» tomado da fonte «L», uma fonte particular de Lucas. Encontra-se no meio de uma secção proveniente de Q (6,20 - 7,10; 7,18-35)⁴⁵. Este, é o primeiro dos três relatos de ressurreição introduzido por Lucas nos seus escritos (cf. Lc 7,11-17; 8,40-42.49-56; At 9,36-43)⁴⁶.

Jesus dirige-se a Naim e aproxima-se da porta da cidade, acompanhado por uma grande multidão. O relato tem pontos comuns com o episódio da viúva de Sarepta (1Rs 17,17-24), facto que pode levar o leitor a pensar que o objetivo de Lucas é apresentar Jesus como Elias, que regressaria nos tempos messiânicos. Em Jesus, Deus veio visitar o seu povo, o *grande profeta* messiânico, contudo, superior a Elias⁴⁷. Alguns investigadores admitem também um certo paralelismo entre esta narrativa e a história de Apolónio de Tiana, contemporâneo de Jesus, que ressuscitou uma jovem recém-casada. Porém, não está provado que as fontes desta narrativa prodigiosa seja anterior à narrativa evangélica⁴⁸. No relato evangélico, o essencial é a apresentação de Jesus, humanamente compassivo com os sofrimentos, que, sendo divinamente

⁴⁵ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 348.

⁴⁶ Cf. J. A. FITZMYER., *El Evangelio según Lucas*, 641-642.

⁴⁷ Cf. M. SEVIN, *L'approche des textes bibliques*, in *LumVit*, 50 (1995/3) 255-256; S. SABUGAL, «Joven, te lo digo, levántate!» (Lc 7,11-17): Análisis histórico-tradicional, in *EstAg*, 23 (1988) 475.

⁴⁸ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 643-644; F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 351.

poderoso, restitui o filho morto a uma mãe viúva, numa manifestação do seu amor capaz de restituir a vida⁴⁹.

Esta secção prepara a resposta de Jesus aos enviados de João Baptista (7,22), fazendo coincidir as respostas dadas com a realidade das suas obras messiânicas que se manifestam nos gestos que realiza.

Esta perícopé, segundo N. Fusaro, está estruturada da seguinte forma: uma introdução, descrevendo a chegada de Jesus a Naim e a situação trágica do funeral do filho único de uma mãe viúva (11-12); a parte central, que narra o milagre realizado por Jesus, por pura compaixão (13-15); finalmente o relato da reação das testemunhas e da difusão da notícia do sucedido (16-17)⁵⁰.

3.1. *O encontro com a mãe enlutada - vv.11-12*

a) Καὶ é, sem dúvida, entre as várias partículas gregas, aquela que mais aparece no NT, nomeadamente no terceiro Evangelho. Καὶ é usado 9.161 vezes, sendo 1.131 vezes nos escritos lucanos⁵¹. O uso abundante desta partícula não contrasta com o estilo elegante da língua grega, pois assume uma função conetiva e adverbial⁵².

Nesta secção inicial, a partícula καὶ seguida do verbo γίνομαι, no indicativo aoristo médio, traduz-se por “e aconteceu”, aludindo ao tempo. Καὶ ἐγένετο é forma geralmente usada por Lucas, no seu Evangelho, para introduzir um episódio, um personagem, indicar o início de uma ação e para construir a sua unidade literária fazendo conexões com o episódio anterior⁵³. Neste caso, é utilizada para enfatizar a relação deste episódio com o anterior⁵⁴, a cura do servo

⁴⁹ Cf. P. GRELOT, *Jésus de Nazareth, Christ et Seigneur*, (LeDiv 167), Les Éditions du Cerf, Paris, 1997, 256-257; M-L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 179.

⁵⁰ Cf. FUSARO, N., *Con-Passione*, 99.

⁵¹ Nos outros Evangelhos aparece: 1100 vezes em Marcos; 1194 em Mateus; 868 vezes em João e 1570 vezes nos escritos de Paulo.

⁵² Cf. L. CHRUPCALA, CHRUPCALA, «*IL καὶ avverbiale in Lc-At*», in *Liber Annus*, 61 (2011) 285.

⁵³ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 100-101.

⁵⁴ Cf. K.-H. PRIDIK, καὶ, in BS., *DENT*, (vol. I), Ediciones Sigume, Salamanca, 1996, 746.2124.

do centurião romano, em Cafarnaum (7, 1-10), ao mesmo que dá início a um novo relato⁵⁵. Esta expressão composta - *καὶ ἐγένετο* - é usada 20 vezes em Lucas, 11 das quais para assinalar o início de uma ação importante.

No mesmo versículo, refira-se ainda a expressão composta ἐν τῷ ἐξῆς, formada pela preposição ἐν “em” mais τῷ, o artigo em dativo, masculino singular, seguida do adverbio temporal ἐξῆς, traduzido por: “em seguida, depois”; e não por “dia seguinte”⁵⁶. A expressão parece unicamente nas duas obras de Lucas (cf. Lc 7,11; 19,37 e At 21,1), para introduzir uma secção. Tem uma função semelhante à do advérbio lucano *καθεξῆς*⁵⁷. O episódio começa com uma deslocação realizada por Jesus com os seus discípulos, uma deslocação geográfica⁵⁸.

Lucas emprega *καὶ ἐγένετο* mais a expressão verbal ἐπορεύθη, do verbo πορεύομαι, no indicativo aoristo passivo, terceira pessoa do singular, traduzido como “caminhou, dirigiu-se, fez caminho”. A expressão assim construída aparece cerca de 120 vezes nos sinóticos⁵⁹, sendo que Lucas a usa 89 vezes: 51 vezes no Evangelho e 38 vezes nos Atos⁶⁰. É referida exclusivamente a Jesus que toma a iniciativa de se pôr a caminho, tendo como meta Jerusalém. Significa caminhar numa direção, decididamente.

Segundo F. Bovon, Jesus caminhava para Jerusalém (cf. 9,51;13,22), ao encontro do *seu povo* que ele quer salvar⁶¹. O verbo usado - συνεπορεύοντο (preposição συν, mais o verbo πορεύομαι), é um *hápax* no NT, um anaforismo típico de Lucas, que pode ser traduzido como: *caminhar com ele*, partilhar a estrada⁶², ou seja, os discípulos *caminhavam com ele*.

⁵⁵ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 352.

⁵⁶ Cf. *La Sagrada Escritura*, «Texto y Comentario», 623.

⁵⁷ Cf. K.-H. PRIDIK, *καὶ*, BS., *DENT*. Vol. I, Sigume, Salamanca, 1996, 1437-1438.

⁵⁸ Cf. F. SEVIN, *L'approche des textes bibliques*, 256; - J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 645.

⁵⁹ Cf. G. EBEL, *πορεύομαι*, in I. COENEN – B. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, *DCBNT*, Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991⁴, 1987- 1988.

⁶⁰ Cf. W. RADL, *πορεύομαι*, in BS., *DENT*, (vol. II), 2012, 1081-1084.

⁶¹ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 353.

⁶² Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 101.

A decisão de ir até Naim pertence a Jesus e os discípulos *caminhavam com ele*. Esse verbo diz o essencial da vida cristã, no seu conjunto, orientada para uma meta⁶³, tendo como guia e mestre Jesus Cristo. O termo μαθηταί, referido aos discípulos, é o termo mais antigo utilizado para designar os que seguiam Jesus mais de perto e de um modo estável.

b) A expressão que aparece no início do v.12, ὥς δὲ ἤγγισεν, formada por uma conjunção coordenativa e outra subordinativa, mais o verbo ἐγγιζω, no aoristo indicativo passivo, pode ser traduzida por: *e quando, pois, aproximou-se*. Aqui, só Jesus é referido por Lucas no momento em que chega à porta da cidade⁶⁴.

A expressão introdutória καὶ ἰδοὺ, traduzida como: “eis que”, uma expressão típica, utilizada 26 vezes por Lucas, é uma particularidade linguística para introduzir um acontecimento no meio de um evento contínuo⁶⁵. É usada para enfatizar uma situação trágica: *Um morto, filho único de sua mãe, viúva*⁶⁶.

O verbo ἐξεκομίζετο, no indicativo perfeito da voz passiva, pode ser traduzido com o sentido de: “conduzir, levar para fora, levar à sepultura, transportar”⁶⁷. O participio perfeito, da voz ativa, τεθνηκώς, do verbo θνηκω, no nominativo masculino, singular, refere-se àquele que está morto, não “um morto” qualquer, mas sim “um filho morto”, filho único⁶⁸ de sua mãe viúva, uma situação dilacerante, especialmente tratando-se de uma mulher viúva⁶⁹. Para a generalidade dos mortos usa-se o termo νεκρος. Segundo o costume judaico, o enterro deveria

⁶³Cf. G. EBEL, *πορεύομαι*, 1989.

⁶⁴ Cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 124. Esta expressão corresponde exatamente ao de 1Reis 17-10.

⁶⁵ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 353.

⁶⁶ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 102.

⁶⁷ O cortejo fúnebre, sai para fora da cidade, em direção a uma sepultura que era cavada na rocha, que se encontrava fora dos muros da cidade. Segundo os costumes judaicos os enterros eram realizados geralmente no fim da tarde pelos familiares e amigos. Assim como a maioria das cidades judaicas, Naim estava cercada por um muro e uma porta. Cf. J. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Luc*, 210.

⁶⁸ Lucas tem uma predileção especial por «filho único, filha única» *μονογενής*, (Cf. Lc 8,42).

⁶⁹ Cf. J. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Luc*, 210; - L – Cl. FILLON, *Les Miracles de Notre-Seigneur Jésus-Christ*, 348.

ser na tarde do dia da morte⁷⁰, e o morto era envolto num pano, e posto num *caixão* ou esquife, uma espécie de padiola sem cobertura⁷¹.

Neste ponto, o relato lucano aproxima-se de 1Reis 17, 24 e 2Reis 4, 8-37, onde a viúva de Sarepta e a sunamita, mulher dona de uma casa, embora de condições sociais diferentes, acolheram um profeta, Elias, a viúva de Sarepta, Eliseu, a sunamita, e foram agraciadas⁷². Embora no episódio de Naim seja relevante a superioridade de Jesus, que atua como Deus, em relação aqueles dois profetas que atuaram como instrumentos de Deus⁷³.

Uma multidão numerosa da cidade estava com ela, (καὶ ὄχλος τῆς πόλεως ἱκανὸς ἦν σὸν αὐτῇ). O adjetivo ἱκανὸς é usado, por Lucas, para caracterizar a multidão que acompanhava a mãe viúva, que difere da que acompanhava Jesus, ὄχλος πολὺς. Fica bem expressa, no primeiro dos cortejos, a solidariedade das pessoas do lugar para com a mãe viúva, participando da sua dor profunda. O outro cortejo acompanha Jesus, o taumaturgo, mestre da vida. Lucas põe em confronto duas multidões, o cortejo da vida e o da morte⁷⁴.

Segue-se, depois, a cena central, a ação do taumaturgo. Nos três milagres de ressurreição, Lucas refere sempre pessoas jovens, nas quais a morte é particularmente trágica⁷⁵. Diante destas situações, Jesus não recua, mas enfrenta-as como Senhor da vida. O versículo 12 coloca frente a frente três personagens principais: Jesus, a viúva e o seu filho morto⁷⁶.

⁷⁰ Cf. *La Sagrada Escritura*, «Texto y Comentario», 624.

⁷¹ Cf. J. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Luc*, 211 ; R. VOELTZEL, *Selon les Ecritures- Nouveau Testament*, Editions clé, Yaoundé 1972, 238.

⁷² Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 354; S. SABUGAL, «*Joven, te lo digo, levántate*» (*Lc 7,11-17*), 471.

⁷³ Elias ressuscitou o filho da viúva de Sarepta, um território submetido ao deus Baal e não ao Deus de Israel, onde ele mostra o poder benéfico de Yahvé. O milagre realizado por Eliseu em favor do filho da sunamita. Cf. S. SABUGAL, «*Joven, te lo digo, levántate*» (*Lc 7,11-17*), 475.

⁷⁴ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 102.

⁷⁵ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 350.

⁷⁶ Cf. M – L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 181.

3.2. A compaixão do Senhor, v. 13

O centro deste relato que começa com a expressão καὶ ἰδὼν (“vendo-a”), participio aoristo, nominativo singular, masculino, da voz ativa, do verbo ὁράω⁷⁷, é a primeira ação de Jesus. Tudo começa com o olhar de Jesus, dirigido unicamente para a mãe viúva, em lágrimas, que precisava, ela própria, de ajuda e conforto, e não o filho, já morto⁷⁸. Um olhar acompanhado de um sentimento, o amor compassivo de Jesus. Lucas deixa transparecer a emoção de Jesus, suscitada pelo seu olhar, um olhar profundo, intenso e extraordinário, que prepara a ação seguinte⁷⁹. O vínculo entre o olhar e a compaixão, Segundo F. Bovon, é frequente nos evangelhos sinóticos⁸⁰. Jesus toma a iniciativa de agir motivado por aquilo que os seus olhos veem.

Jesus toma conta da situação e age enquanto *Senhor* (Κύριος). O Senhor se compadece! Aqui é a figura de κύριος que é central, está associada ao termo ἐσπλαγγνίσθη (*estar comovido até às entranhas*). O termo Κύριος “Senhor”, convida-nos a contemplar o *senhorio* de Jesus, um senhorio sobre a morte e sobre os mortos, capaz de uma infinita misericórdia⁸¹, um senhorio que expressa neste amor compassivo de, gratuitamente, restituir a vida.

O verbo ἐσπλαγγνίζομαι aparece sob a forma ἐσπλαγγνίσθη, “*ser movido pelas entranhas ou foi movido até às entranhas, compadeceu-se, teve misericórdia*”, no indicativo aoristo da voz passiva, terceira pessoa do singular, seguido de preposição contraída, depois do pronome, indica a direção para onde Jesus orienta os seus sentimentos, depois de ver a mãe viúva. O verbo, na voz ativa, σπλαγγνίζω pode ser traduzido como: “*comer as entranhas de uma vítima*”⁸². É um verbo usado por Lucas para exprimir a misericórdia visceral do Senhor⁸³.

⁷⁷ Cf. M. CARREZ, *Grammaire grecque du Nouveau Testament*, Labor et Fides, Genève, 1985, 109.

⁷⁸ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 103.

⁷⁹ Cf. M - L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 181.

⁸⁰ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 354.

⁸¹ Cf. L.- Cl. FILLON, *Les Miracles de Notre-Seigneur Jésus-Christ*, 348-349.

⁸² cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 354.

⁸³ Aqui estas imagens do útero, vísceras, entranhas maternal, são usadas por analogia.

É a mesma compaixão do Pai misericordioso (cf. Lc 6,36), imagem do Deus de Israel na relação com o seu povo⁸⁴. O cristianismo da era apostólica aplica este verbo ἐσπλαγγίσθη a Cristo, para referir aquele que, como Filho, é Deus que veio para salvar o seu povo⁸⁵. A associação do verbo ἐσπλαγγίσθη a Κύριος, põe ainda mais em evidência a figura e a compaixão messiânica de Jesus.

- Καὶ εἶπεν αὐτῇ· μὴ κλαῖε - “*E disse para ela: não chores!*” O verbo εἶπεν, no indicativo aoristo ativo, terceira pessoa do singular, do verbo λέγω, pode ser traduzido como: “*e disse para ela ou a ela*”. A expressão verbal μὴ κλαῖε, no imperativo presente ativo do verbo κλαίω, pode ser traduzido como: *deixa de chorar, deixa de derramar lágrimas*. Uma consolação que tem a sua origem em Deus e que pode até levantar os mortos, como se verifica depois nos gestos e palavras de Jesus⁸⁶. A esperança se reacende na mãe a quem Jesus olha, na compaixão do Messias que consola e dá vida. Uma palavra que é não apenas um simples consolo, mas que prepara também o milagre que se segue, ou seja, prepara a concretização de uma promessa⁸⁷. A expressão μὴ κλαῖε, “*não chores!*” no imperativo presente, indica uma ação começada; seguida de uma negação, o que significa pôr termo a esta ação⁸⁸. Com esta exortação, Jesus rompe o silêncio que se gerou ente as partes. Uma ordem que põe termo ao lamento fúnebre⁸⁹.

3.3. Análise do v. 14

O verbo προσελθὼν, sendo transitivo, pede um complemento: “*caminhar para, aproximar-se de*”. Jesus aproxima-se da causa do drama para actuar. Toca no caixão⁹⁰ sem se preocupar em contrair, como estipulavam as leis e as tradições, a impureza ritual. Toca para

⁸⁴ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 105.

⁸⁵ Cf. K. KOSTER, *σπλαγγισθων*, in G. KITTEL, G. - FRIEDRICH, G. (edd.), *GLNT XII*, Paideia, Brescia, 1979, 931-934.

⁸⁶ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 354

⁸⁷ Cf. J. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, 207; L.- Cl. FILLON, *Les Miracles de Notre-Seigneur Jésus-Christ*, 349.

⁸⁸ Cf. E. DELEBECQUE, *Études grecques sur l'Évangile de Luc*, Les Belles Lettres, Paris, 1976, 39.

⁸⁹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 105.

⁹⁰ Na Palestina, os corpos eram levados para sepultura numa padiola e envoltos num lençol. Esta cena é apresentada por Lucas ao modo greco-romano.

libertar e curar da impureza da morte, porque nem a morte é capaz de contaminar Aquele que é capaz de purificar o que se considerava impuro (cf. Is 6,5-7)⁹¹. Os que transportavam o caixão pararam⁹² - “ἔστησαν”, como que obedecendo a uma ordem idêntica àquela que Jesus havia dirigido à mulher. Este tocar, aqui como em outros milagres, é a comunicação de uma força divina⁹³. Um tocar teofânico, acompanhado de uma palavra eficaz, que vivifica, reveladora d’Aquele que é o Senhor, doador de vida a quem está morto.

Oi δὲ βαστάζοντες, usado sem complemento, sendo um verbo transitivo, pode significar *aqueles que carregavam, que transportavam o caixão (ἡ σορός)*. É um verbo com o sentido de estancar, um *hápax* do NT proveniente do verbo *βαστάζω*, no particípio presente da voz ativa, no nominativo, masculino plural.

Na opinião de Maillet-Veyron, o termo *σορός*, no feminino, é por vezes utilizado num outro sentido, para designar *uma mulher idosa*, o que poderia levar ao entendimento de que Jesus caminhou em direcção à mulher e a tocou. A mesma ambiguidade, acontece no que diz respeito aos homens que carregam o caixão, também se poderia entender no sentido de que suportavam a mãe. Significando uma ou outra coisa, Lucas evidencia a dor da mãe, como se toda a sua pessoa estivesse reduzida, configurada, àquele caixão que transportava o seu filho⁹⁴.

Jesus fez o milagre, ordenando ao morto: *νεανίσκε, σοὶ λέγω, ἐγέρθητι*. Jesus, inesperadamente, dirige-se ao filho da viúva chamando-o de “jovem” e não “morto”. No meio do silêncio, o Salvador, cheio de misericórdia, faz ecoar a sua voz. O pronome *σοὶ*, «a ti», colocado antes do verbo, tem uma força particular. *Σοὶ λέγω* «eu te digo», tem o significado de eu te ordeno.

⁹¹ Cf. N. FUSARO., *Con-Passione*, 106.

⁹² Normalmente estes carregadores costumam ser de quatro pessoas, como aconteceu em (Mc 2,3).

⁹³ Cf. F. BOVON, *L’Évangile selon Saint Luc*, 355; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 136.

⁹⁴ Cf. M - L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d’un texte*, 185-186.

O verbo ἐγέρθητι, no imperativo aoristo passivo, com toda a força da voz média, ou seja, em sentido transitivo, com o mesmo significado do imperativo ativo⁹⁵ (cf. Lc 5, 23.24; 6,8; 8,54)⁹⁶, é um convite de Jesus ao jovem. Um convite a pôr-se de pé, a que se levante (cf. Lc 1,69; 3,8; 5, 23.24; 6,8; At 9,8; 10,26; 12,7). Um convite a que o jovem faça como o profeta que, conforme lhe foi ordenado pelo anjo se levantou e seguiu até ao Horeb (cf. 1 Re, 19, 4-8). Se levante e siga o próprio Cristo, Aquele que estando morto voltou à vida⁹⁷.

Para que retorne à vida, Jesus ordena ao jovem que se levante, que acorde⁹⁸. Um convite dirigido a cada mulher e a cada homem que, pela misericórdia de Jesus, são perdoados (cf. Lc 5,23,24), curados (cf. 6,8; 13, 11-13) e chamados à vida (cf. 8,54). É um verbo utilizado (ἐγέρθητι) para exprimir a ressurreição dos mortos, desde que esta esperança surge no AT (cf. Dn 12,2). Lucas emprega este verbo para referir tanto a ressurreição do último dia (20,37), como “ressurreições” operadas por Jesus⁹⁹.

Segundo O. Vallet, o verbo ἐγείρω também pode exprimir a ideia da ressurreição¹⁰⁰, sendo usado na voz passiva, referindo-se aos mortos que «ressuscitam» (cf. Lc 7, 22; 9, 7.22; 20, 37;24, 6. 34). Daí a tentação de traduzir a frase no imperativo - “ressuscita!”¹⁰¹, o que poderia levar o leitor a pensar que o filho da viúva ressuscitou para não voltar a morrer. Neste episódio, o que é posto em evidência é o poder de Jesus, a vitória que alcança sobre a morte, fruto inseparável da sua misericórdia¹⁰². O verbo fulcral, o mesmo que também significa ressuscitar, exprime aqui o poder de Jesus sobre a morte: “levanta-te”. Um convite, mas um convite em que Jesus fala com autoridade, para que o jovem escute e acolha o que lhe é dito.

⁹⁵ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 647.

⁹⁶ Lucas usa o indicativo aoristo passivo com o sentido de levantar-se da cama (cf. Lc 11,8; 13,25).

⁹⁷ Cf. M. L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 187; BRONSSIER, F. [et al.], « Paroles de vie: 59 textes bibliques pour les funérailles », in *Cahiers Évangile*, 120, CERF, Paris, 2002, p. 47.

⁹⁸ Esta ordem de Jesus corresponde à de Lc 8,54 e Jo 11,43.

⁹⁹ Cf. TOB., Nouveau Testament, Édition Intégrale, CERF, Paris, 1972, (notas sobre Lc 7, 11-17), pp. 215-216.

¹⁰⁰ É o mesmo verbo usado para anunciar a ressurreição de Jesus às mulheres que tinham ido ao sepulcro na manhã de Páscoa (Lc 24,6) “οὐκ ἔστιν ὧδε, ἀλλ’ ἠγέρθη”, que pode ser traduzido como: *Ele não está aqui, ressuscitou*.

¹⁰¹ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 647.

¹⁰² Cf. O. VALLET, *L'Évangile des païens: Une lecture laïque de l'Évangile de Luc*, Albim Michel, Paris, 2003, 91.

Uma palavra capaz de atravessar e reabrir à escuta aqueles ouvidos que a morte tinha fechado¹⁰³. Uma palavra que comunica a vida ao morto que escuta (cf. Jo 5,25). É por isso que este episódio de Naim relata não apenas um acontecimento extraordinário e maravilhoso, mas nos abre e nos prepara para o mistério central da fé, a ressurreição de Cristo¹⁰⁴.

Em síntese, como refere Ildo Perondi, há que diferenciar, usando embora o mesmo verbo, a reanimação do jovem, ou melhor, a sua revivificação – ele irá ainda retomar suas relações históricas, as ocupações que tinha antes de morrer, e, bem assim, passar pela morte corporal - e a ressurreição de Jesus que implica ser revestido de um corpo gloriosa e daquela vida reservada para a face a face com Deus¹⁰⁵.

3.4. Análise do v. 15.

No Novo Testamento este verbo *ἀνακάθισω*, aparece também, e só, nos Atos dos Apóstolos, na ressurreição de Tabita (9,40). O verbo, composto pelo prefixo *ἀνα* mais *κάθισω*, pode ser traduzido como: “sentar-se, pôr-se de pé”. Indica a possibilidade de um doente se pôr de pé ou estar sentado¹⁰⁶. O verbo *λαλεῖν* (*falar*), no infinitivo presente ativo, mostra o caráter audível do seu regresso à vida, restabelecendo desta forma a relação que a morte tinha rompido¹⁰⁷. Ele *começou a falar*, evoca a ação de proferir sons articulados ou mal articulados, como acontece com as crianças quando começam a balbuciar as primeiras palavras e a construir as primeiras frases.

Não deixa de ser estranho que se continue a falar do jovem, mesmo quando já se levantou e começou a falar, portanto já sem estar morto, como “o morto”: *καὶ ἀνεκάθισεν ὁ νεκρὸς καὶ ἤρξατο λαλεῖν*¹⁰⁸.

¹⁰³ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 107.

¹⁰⁴ Cf. F. BRONSSIER, [et al.], « Paroles de vie, 47.

¹⁰⁵ Cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 139.

¹⁰⁶ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 109; J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 648; E. DELEBECQUE, *Évangile de Luc*, 40.

¹⁰⁷ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 355.

¹⁰⁸ Cf. M - L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 184.

Jesus, que tinha adquirido um direito especial de pertença sobre o jovem, ao chamá-lo à vida, deu-o a sua mãe (*καὶ ἔδωκεν αὐτὸν τῇ μητρὶ αὐτοῦ*). Esta frase coincide literalmente com a passagem do Primeiro Livro dos Reis, na versão dos LXX, quando Elias entrega, com vida, à viúva de Sarepta o seu filho (cf. 1Rs 17,23)¹⁰⁹. Os únicos profetas a quem no Antigo Testamento se atribuem milagres de ressurreição são Elias (1Rs17, 17-24) e Eliseu (2Rs 4, 8-37). Estas mães – a viúva de Sarepta, a sunamita e a viúva de Naim – recebem de volta os seus filhos como dom, fruto da visita de Deus. Segundo N. Fusaro, este dom, restitui-lhes vida e dá início à sua consolação¹¹⁰.

Nestes versículos centrais (13-15), tudo começa com o olhar de Jesus, o Senhor da vida e da morte, dirigido àquela mãe em lágrimas. Um olhar cheio de compaixão, que precede o milagre. O Deus de Lucas é misericordioso, e essa misericórdia revela-se em Jesus, o enviado do Pai, misericórdia que comunica vida, restabelece as relações cortadas pela morte e introduz numa existência nova¹¹¹. São três os gestos através dos quais Jesus expressa a sua misericórdia e compaixão: uma palavra de consolação para a mãe, a palavra de autoridade que ressuscita o filho e o dom do filho àquela mãe¹¹².

3.5. Reação das testemunhas, vv. 16-17

Nos versículos 16-17, encontramos a ressonância, desta notícia – o acontecimento de Naim - no espaço e no tempo.

Lucas emprega a expressão *λαὸς* (povo), um termo que ele usa com frequência, preferindo-o a *ὄχλος* (*multidão*), como nos vv.11 e 12. Esse povo é o povo de Deus e não qualquer outro povo. Um povo que reconhece as maravilhas e a visita de Deus em Jesus¹¹³.

¹⁰⁹ Cf. J.A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 648; Lc 9, 42.

¹¹⁰ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 109.

¹¹¹ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 354-235 ; - N. FUSARO, *Con-Passione*, 108-109.

¹¹² Cf. S. YVES, «Évangile de Jésus Christ selon Saint Luc» in *Cahiers Évangile*, Cerf, Paris, 137 (2006) 41.

¹¹³ Cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 146.

A notícia difundiu-se pela Judeia inteira e por toda a redondeza - και ἐξῆλθεν ὁ λόγος οὗτος ἐν ὅλῃ τῇ Ἰουδαίᾳ περὶ αὐτοῦ καὶ πάσῃ τῇ περιχώρῳ: na linguagem lucana, a Judeia designa, quase sempre, todas as regiões da Palestina, incluindo a Galileia, onde se situa Naim; as regiões das redondezas podem referir-se aos países pagãos circunvizinhos¹¹⁴.

F. Bovon é de opinião que Lucas prolonga a propagação desse acontecimento em três direções: soteriológica, porque pelo aparecimento daquele profeta através do qual Deus visita o seu povo, se deve reconhecer e confessar a possibilidade de salvação já presente; eclesiológica, porque esta ação de Jesus se repercute a todo o povo de Deus, ou seja, pela graça concedida a um membro do povo, todo o povo é agraciado; cristológica, porque em Jesus se cumpre a vontade e a obra do Pai¹¹⁵.

O efeito do milagre naqueles que estavam presentes e viram é, inicialmente, de temor face ao poder divino, seguido de louvor pela manifestação desse poder em Jesus. É um “louvor final” característico de Lucas, tanto no Evangelho como nos Atos dos Apóstolos¹¹⁶. O povo vê em Jesus um grande profeta, como Elias e Eliseu (1Rs 17,17; 2Rs 4,18) vira uma intervenção de Deus que visitara o Seu povo (cf. Lc 1, 68.78; 19,44; At 15,14), e a sua fama se difunde além fronteiras¹¹⁷. Lucas exprime este assombro pela palavra *φόβος* (*temor, medo*). Estas duas multidões, que, inicialmente, pareciam distintas – uma, a que segue Jesus, a outra aquela que acompanha aquela mãe viúva – unem-se agora como um único povo que em uníssono louva e bendiz o Seu Deus.

O verbo *ἔλαβεν* (*apoderar*), no indicativo aoristo ativo, mais o substantivo *φόβος*, pode ser entendido como um simples predicado, uma vez que Lucas tende muitas vezes a substantivar

¹¹⁴ Cf. TOB, NT, (notas), p.216.

¹¹⁵ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 356.

¹¹⁶ Cf. Lc 1,64; 2,20.28.38;5,25-26; 7,16; 13,13; 17,15.18; 18,43; 19,37; 23,47; 24,53; At 2,47; 8,9;4,21;21,20.

¹¹⁷ Cf. J. SCHMD, *El Evangelio según San Lucas*, 208.

o temor (cf. 4,36). O que se apoderou das pessoas é um sentimento de temor e respeito a Deus e não de medo, segundo algumas traduções¹¹⁸.

Este episódio de Lucas lembra imediatamente o já referido milagre do profeta Elias (cf. 1Rs 17, 17- 24). Para os judeus, Elias era o grande profeta que surgiria nos tempos messiânicos. Não admira, pois, o dizer final das testemunhas, «*Um grande profeta se levantou entre nós, Deus veio visitar o seu povo*». O povo reconhece Jesus como um grande profeta, que cheio de misericórdia o visita e restitui a vida¹¹⁹. De notar que Lucas utiliza a mesma expressão verbal (*ἠγέρθη*), usada para reanimar o jovem, para referir o surgimento do *grande profeta*.

A referida identificação que o povo faz entre Jesus , um grande profeta, e Elias, surge na continuação de um processo. Muitas passagens evangélicas afirmavam o regresso de Elias na pessoa de João Batista (cf. Mc 6,15;8,28; 9,11-13; Mt 11,14; 17,10-12; Jo 1, 21.25). O próprio Jesus afirma acerca de João Batista: “[...] *Elias já veio, mas não o reconheceram. Ao contrário, fizeram com ele tudo quanto quiseram [...] Então os discípulos entenderam que se referia a João Batista* (Mt 17, 12-13). *E, se quiserdes dar crédito, ele é o Elias que deve vir* (Mt 11,14). Lucas, assim como os outros sinóticos, começa por apresentar João Batista como Elias (1, 17.26) e depois procura evitar esta identificação, como o evangelista João (cf. Jo 1, 21) e afirma que o novo Elias é o próprio Jesus. Para Lucas, Jesus é o profeta esperado. Por isso apresenta os grandes acontecimentos da vida de Jesus que recordam os milagres de Elias e Eliseu, como exemplificam os episódios: Ressurreição do filho da viúva de Naim (Lc 7,11-17, cf. 1Rs 17,17-24); Exigências da vocação apostólica (Lc 9,59-60, cf. 1Rs 19,19-21 onde Elias aceitou que Eliseu, antes que o seguisse, fosse despedir-se dos seus pais); Jesus recebe conforto do anjo no Getsémani (Lc 22,43-45, cf. 1Rs 19, 5-7, onde Elias no deserto, é reconfortado pelo anjo; Na Ascensão Jesus vai abençoando os discípulo (Lc 24,51, cf. 2Rs 2,13, aonde Elias é arrebatado ao céu e envia o seu manto a Eliseu. Também no episódio da Transfiguração de

¹¹⁸ A Bíblia de Jerusalém traduz por “medo”; cf. I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 141.

¹¹⁹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 113.

Jesus (cf. Lc 9,28,ss) Moisés e Elias surgem ladeando Jesus, simbolizando, Elias, a chegada dos últimos tempos, e Moisés, a Lei que se cumpre em Jesus¹²⁰.

Conclusão

Esta secção prepara a entrada em cena dos discípulos de João Baptista, dando suporte ao recado que Jesus envia a João através dos seus discípulos: *Ide contar a João o que vêdes e ouvis: [...] e os mortos ressuscitam* (Lc 7,22)¹²¹. Este episódio renova a esperança de todo o povo que vê, neste gesto, a salvação prometida a realizar-se, e que encontra na Páscoa e nas palavras do seu Senhor ânimo para se colocar em pé, e voltar a viver¹²². Lucas quer mostrar Jesus como o Messias, enviado por Deus, que veio libertar as pessoas do mal que as faz sofrer (cf. Lc 5,1-9-17), como se torna evidente no dom que Jesus concede àquela mãe viúva, que tinha perdido, com a morte do filho, o único apoio que lhe restava.

É um milagre que aponta para o mistério central da nossa fé: a ressurreição de Jesus. Esta maravilha realizada por Jesus, leva cada um de nós a reconhecer que a morte não é o fim da existência, mas a condição para uma vida que continua, fundamentada na morte e ressurreição de Cristo. Toda a morte e cortejo fúnebre, à semelhança daquele que acompanhava o filho da viúva de Naim, cruza-se sempre, no caminho, com o Ressuscitado, tal como sucedeu com os discípulos de Emaús, de quem Jesus se aproxima, pondo-se a caminho com eles (cf. Lc 24,13-14). O Ressuscitado que sempre se faz presente nas dores e sofrimentos de cada um, com palavras de consolação e como vencedor da morte, chamando-nos a viver na esperança da ressurreição¹²³.

¹²⁰ Cf. P. GRUSON, «Elie et Jésus dans les évangiles», in *Les dossiers de la Bille*, 50 (1993) 25-26.

¹²¹ J. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, 206.

¹²² Cf. M – L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 190.

¹²³ Cf. BRONSSIER, F. [et al.], « Paroles de vie, 47.

O episódio da ressurreição do filho da viúva de Naim presta-se a uma interpretação psicanalítica que, naturalmente, não nos parece relevante neste nosso contexto. Essa hermenêutica considera que a revivificação que Jesus opera não é mais que o quebrar daquela relação fusional entre o filho e a mãe, que liberta o filho para que ele passe a ter uma relação com a mãe que o não impeça de viver a sua própria vida. Jesus não actua como Aquele que tem poder para fazer passar da morte à vida, mas como um credenciado terapeuta que opera a cura de um rapaz dos seus complexos¹²⁴.

¹²⁴ Cf. M – L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 189.

CAPÍTULO SEGUNDO

LINGUAGEM BÍBLICA DA MISERICÓRDIA: ESTUDO DO VERBO *σπλαγγνίζομαι*

Introdução

Todo o texto bíblico deve ser lido no contexto e segundo o espírito em que foi escrito, para a sua melhor compreensão¹²⁵. Por isso, para perceber hoje o conceito de misericórdia na Bíblia, e o sentido da palavra, convém analisar o sentido do verbo *σπλαγγνίζομαι* desde as suas origens, no texto veterotestamentário e no Novo Testamento. Só assim poderemos compreender, no episódio de Naim, os sentimentos, os gestos e as palavras de Jesus para com a viúva.

A linguagem bíblica da compaixão e da misericórdia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, adquirem diferentes tons e significados, consoante os vocábulos hebraicos e gregos utilizados. Assim, no original hebraico da Bíblia encontram-se expressas, com a sua riqueza semântica e linguística, diversas palavras que exprimem a experiência compassiva e misericordiosa que o povo de Israel recebeu por iniciativa de Deus: *rahm, réhem rahamîm, rahûm, hesed*, expressões que no grego têm a seguinte correspondência: *σπλαγγνα, σπλαγγνίζομαι, οἰκτιρμός* e *ἔλεος*¹²⁶.

Conforme são utilizados uns ou outros vocábulos, assim se descreve uma atitude espontânea de piedade ou de compaixão, como o Bom Samaritano em relação ao homem espancado, ou um amor mais deliberado, revelador de uma própria decisão livre e consciente de fazer misericórdia.

Em latim, na Vulgata, estes vocábulos foram traduzidos pela palavra *miser cordia*, do termo *ἔλεος* dos LXX, que por sua vez traduz a expressão hebraica *hesed, rahâmîm* (seis

¹²⁵ Cf. COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1994, 15-16.

¹²⁶ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 17.

vezes)¹²⁷, traduzido em português por: *ter misericórdia, ter piedade, ter compaixão*, diante do mal e da miséria do outro¹²⁸. Estes termos evocam as diversas facetas daquilo que é a misericórdia na Bíblia.

O nosso vocábulo *misericórdia*, derivado do latim, traduzido também por *compaixão, piedade*, é composto por *misereor*, cuja raiz é *miser - miserável, infeliz, pobre - e cor, cordis - coração*. Ou seja: aquele cujo coração reage diante da miséria do outro¹²⁹.

A compreensão de *misericórdia*, supõe que se tenha em conta o conceito bíblico de “coração” (*leb, lebab; cardia*). *Coração*, na Bíblia, designa o centro da pessoa, a sede do julgamento e dos sentimentos do homem, e, em sentido figurado, do próprio Deus. Na Bíblia, a pessoa tem necessidade de manifestar os seus sentimentos, pode queixar-se a Deus sem se envergonhar das suas lágrimas¹³⁰.

Misericórdia supõe também a ideia de piedade, perdão, compaixão para com o próximo. É assim a misericórdia divina em relação ao homem. Sublinha a bondade e a graça de Deus, no seu desígnio salvífico para com a humanidade¹³¹. O termo *misericordia* aparece 273 vezes na Vulgata; o verbo *misereor*, aparece 173 vezes; e o adjetivo *misericors*, 17 vezes¹³².

A linguagem corrente, por influência do latim eclesial, identifica a misericórdia com a compaixão ou perdão, o que empobrece a riqueza semântica original deste termo, que se situa na confluência de *compaixão e fidelidade*¹³³.

¹²⁷ Cf. V. SCHAİK, *Misericórdia*, in V. DEN BORN (Dr.), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Vozes, Petrópolis, 4ª ed., 1987, 994.

¹²⁸ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 17.

¹²⁹ Cf. D. CERBELAUD, *Miséricorde*, in L. JEAN-YVES, (Dir.), *Dictionnaire Critique de Théologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1998, 738.

¹³⁰ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 59.

¹³¹ Cf. C. VILLAE, «La miséricorde dans la Bible», in *Cahiers Evangile*, 178, Cerf, Paris, 2016, p. 7.

¹³² Cf. D. CERBELAUD, *Miséricorde*, 739.

¹³³ Cf. X. L. DUFOUR - J. CAMBIER, *Miséricorde*, in X. LÉON-DUFOUR (Dir.), *VTB*, Cerf, Paris, 1974³, 766

4. Léxico hebraico.

São João Paulo II, na Carta Encíclica *Dives in Misericordia*, afirma que o conceito de *misericórdia*, no Antigo Testamento, tem uma longa e rica história, que convém recordar, ainda que sinteticamente, para que possa resplandecer a misericórdia revelada por Cristo, tanto em obras como em palavras.

Os termos hebraicos com o qual se exprime a misericórdia no AT têm em comum a raiz *rhm*. Desta raiz fazem parte vários termos da linguagem semítica, com significações e caracterizações diversas: *ter compaixão, ter misericórdia, ter piedade, amar, ter afeto, acolher*.

Deus revela-se sempre como Aquele que se debruça sobre a nossa miséria, o nosso sofrimento, penetrando até ao mais profundo do nosso ser. Um Deus que se revela ao longo de toda a história do seu povo, como um Deus justo e misericordioso (cf. Ex 20, 5-6). Um Deus que visita a nossa história, manifestando a sua misericórdia, que cura e vivifica o seu povo, com a sua presença misericordiosa, numa liberdade absoluta¹³⁴.

A Bíblia quando fala da misericórdia de Deus, refere-se, antes do mais, a um sentimento profundo e intenso, utilizando, naturalmente uma linguagem analógica. Trata-se de um sentimento que nasce no mais profundo do ser daquele que se comove e move a agir; a sua profundidade e a sua intensidade é uma porta aberta ao seu mistério. Por esse motivo, os autores hebraicos utilizam uma linguagem figurativa que implica o corpo, para referir esta incomensurável ternura de Deus (cf. Jr 31,20). Sendo uma força transformadora do ser humano, a misericórdia divina revela, literalmente, com grande realismo e verdade, um acto criador e gerador de vida nova¹³⁵.

¹³⁴ Cf. J. P. SONNET, «Justice et miséricorde: Les attributs de Dieu dans la dynamique narrative du Pentateuque» in *NRT*, 138 (2016) 3-22.

¹³⁵ Cf. R. VOLO, «Dio misericordioso e pietoso (Es 34,6): Il sorprendente Dio della misericordia nell'Antico Testamento», in *Clarentianum*, 56 (2016/7) 140-141.

4.1. *Raham*

O verbo *raham*, do qual deriva a palavra *rahem*, faz referência ao ventre, melhor dizendo, ao útero materno, no qual é gerada a vida, tanto humana como animal, ou as entranhas de uma pessoa, que tanto no Antigo Testamento como o Novo Testamento são tidas como sede dos sentimentos¹³⁶. Tem a ver com o romper do útero materno no primeiro parto (cf. Ex 13,2. 12.15; Nm 3,12; Ez 20,26)¹³⁷. Significa, literalmente, “ter entranhas maternas”, evoca o sentimento materno por um filho e é traduzido habitualmente por *ter compaixão, ter piedade, fazer misericórdia*. Deus, como Senhor da vida¹³⁸, é o sujeito da compaixão para com o seu povo: “*Meu coração se contorce dentro de mim, minhas entranhas comovem-se*” (Os 11,8); “*Olha desde o céu, desde a tua morada santa e gloriosa. Onde estão teu zelo e teu valor? O frêmito das tuas entranhas e a tua compaixão para comigo se recolheram?*” (Is 63, 15). Discretamente, Deus é apresentado, no seu atributo divino de misericordioso, numa dimensão materna, sendo que *justiça e misericórdia*, integram traços tanto paternos como maternos¹³⁹.

Os *rahamim* constituem um modo de ser de Deus, caracterizando a sua relação dinâmica com a humanidade e ao mesmo tempo um dom de Deus aos homens, que são convidados a serem misericordiosos como o Pai (cf. Dn 1,9; Ne 1,11; Zc 9,10)¹⁴⁰.

Deus não é homem, nem mulher... É Deus acima de tudo, afirma Bento XVI, embora a fé bíblica, na sua oração, use a imagem do pai e não da mãe. O próprio Filho encarnou como homem e nos ensinou a chamar a Deus, Pai¹⁴¹. No entanto, as representações de Deus sempre

¹³⁶ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Lisboa, 2015, 58.

¹³⁷ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 18; C. VILLAE, «La miséricorde dans la Bible», in *Cahiers Evangile*, 178 (2016) 8.

¹³⁸ Cf. J. CAMBIER-X. L. DUFOUR, *Miséricorde*, 959.

¹³⁹ Cf. H. J. STOEBE, *Tener misericordia*, in E. ENNI - C. WESTERMANN (Dr.), *Diccionario Teologico - Manual del Antiguo Testamento*, Vol. II, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1985, 958.

¹⁴⁰ O carácter comunitário de *hesed* vem expresso no sentido que, graças a bondade de Deus os homens se respeitem uns aos outros, numa relação renovada com os valores de Deus, exercitando na vida quotidiana os dons recebidos, na prática da justiça, bondade e piedade. Assim *hesed* qualifica a relação de Deus com os homens e dos homens entre si. Cf. L. LEPORE, «Il midras di Giacobbe in funzione del giubileo», in *Biblia e Oriente*, 265-266 (2015/3-4) 183-184.

¹⁴¹ A palavra «Pai» é, uma metáfora porque Deus continua sendo inquestionável, que não é homem ou mulher, mas sim Deus. Trata-se de uma imagem que Cristo nos deixou para nos proporcionar algo sobre a ideia de Deus.

lhe adicionaram atributos femininos. Como exemplo disso temos o termo *rahamîm* “o seio materno” de Deus, que equivale à compaixão.

Da mesma raiz *rhm* é o adjetivo *raham*, “*misericordioso*”: *pois Iahweh teu Deus é um Deus misericordioso: não te abandonará e não te destruirá, pois nunca vai se esquecer da Aliança que concluiu com os teus pais por meio de um juramento (Dt 4,31).*

Na opinião de R. Volo, é aceitável, na exegese bíblica, dizer que esta raiz- *rhm* - e as palavras dela derivadas - *raham (rahamîm), rahem, rahum* – se referem, analogicamente, a um intenso sentimento de piedade, de compaixão íntima, visceral da parte de Deus, que traz à memória a ideia de algo em gestação, que se vai formando e criando. Um sentimento materno-paterno que leva Deus a agir em favor das suas criaturas (cf. Jr 31,18-20)¹⁴².

4.2. *Hesed*

Um outro termo hebraico que traduz a *misericórdia*, é *hesed*, que também possui uma pluralidade de sentidos, além de uma grande densidade teológica. Refere, antes do mais, uma relação interpessoal. Pode ser traduzido com o sentido de: *fidelidade, amor, afabilidade, lealdade, bondade, graça e misericórdia divina*. Significa o amor na sua essência, um amor fiel, incondicional e absoluto. Como numa relação matrimonial, de aliança (cf. Os 2,21)¹⁴³. É um dos primeiros termos que aparece na Bíblia, e ocorre 245 vezes no Antigo Testamento, sempre referido à misericórdia, no contexto de uma relação de aliança de Deus com o seu povo (cf. Sl 25, 10; 33,5)¹⁴⁴ que se prolonga no tempo¹⁴⁵. Indica, sobretudo nos Salmos, a conduta de Deus para com o homem necessitado, o clamor dos que se sentem aflitos, oprimidos e mal compreendidos (cf. Sl 6,5; 31,10; 56,1; 86,3; 109)¹⁴⁶. Este substantivo *hesed*, exprime de

¹⁴² Cf. R. VOLO, *Dio misericordioso e pietoso (Ex 34,6)*, 142.

¹⁴³ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 8-10.

¹⁴⁴ «Aliança» é um conceito chave no Pentateuco que exprime a relação de Deus com os homens e vice-versa, com diversas formas, nuances e referências. É a expressão normativa, na teologia deuteronômica, da relação de Deus com Israel e serve como categoria teológica fundamental que dá unidade ao conjunto das escrituras hebraicas. Cf. F. G. LÓPEZ, *Comment lire le Pentateuque*, Labor et Fides, Genève, 2003, 358.

¹⁴⁵ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 60; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 33.

¹⁴⁶ Cf. Van Den BORN (Org.), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 994.

maneira mais habitual o agir gracioso e misericordioso de Deus, que encontra uma das suas expressões no perdão de Deus à infidelidade de Israel à aliança (cf. Ex 15,13). Para Isaías (cf. Is 16,5), *hesed* pertence à própria natureza de Deus¹⁴⁷, um dos principais atributos do Deus da Aliança para com o seu povo, revelados no Decálogo (Ex 20,4-6; 34,6; Jr 33,11)¹⁴⁸. Exprime um dom inesperado e imerecido da graça de Deus que ultrapassa todas as expectativas, categorias humanas e relação mútua de fidelidade¹⁴⁹. Designa os benefícios que Deus concede a Israel, bem como as atitudes que Ele espera por parte do seu povo: “*É a misericórdia que eu quero e não sacrifícios*” (Os 6,6).

O termo *hesed*, associado a *'emet* - “fidelidade, lealdade”- representa um acto de bondade resultante da fidelidade à própria palavra dada¹⁵⁰. *Hesed w'emet*, acentua a durabilidade e a fidelidade da benevolência ou uma acção misericordiosa para com os parentes e amigos: “*não retires jamais tua fidelidade para com minha casa* (1Sm 20,15)¹⁵¹. Aparece ainda associado a outros substantivos que reforçam o valor da misericórdia como: *mis'ephat, da'at, rahamîm, c'edaqa, hanan, hen*. Trata-se de uma acção vital e vitalizante¹⁵².

Os termos *rahamîm* e *hesed* aparecem algumas vezes associados, exprimindo a misericórdia e a compaixão de Deus: “*Hei de celebrar as graças “hesed” de Iahweh, os louvores de Iahweh, por tudo o que Iahweh fez por nós, por sua grande bondade para com a casa de Israel, pelo que fez na sua compaixão “rahamîm”, segundo a grandeza do Senhor* (Is 63,7). As mesmas expressões aparecem em Jr 16,5; Lm 3,32; Sl 51(50),3¹⁵³.

Enquanto *hesed* acentua as características masculinas da fidelidade para consigo mesmo e da “responsabilidade pelo próprio amor”, *rahamîm*, acentua mais o amor de mãe desde o seio

¹⁴⁷Cf. O. ARTUS, «*Miséricorde et Charité dans les Traditions d'Israël*», in *RCl*, 243 (2016), 28.

¹⁴⁸ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 4-8 ; L. LEPORE, *Il midras di Giacobbe in funzione del giubileo*, 182.

¹⁴⁹ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 60-61.

¹⁵⁰Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 8-10.

¹⁵¹ Na época messiânica a misericórdia de Deus é concedida à casa de David, para quem a descendência será eterna (2Sm 7,8-16.25; 23,5).

¹⁵² Cf. L. LEPORE, *Il midras di Giacobbe in funzione del giubileo*, 181-182.

¹⁵³ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 10.

materno. É uma variante feminina da fidelidade masculina, expressa pelo vocábulo *hesed*¹⁵⁴. O *rahamîm* é reconhecido como um sentimento espontâneo, visceral, inato, e *hesed* como um afeto caracterizado por uma decisão benevolente e fiel numa relação.

4.3. *Hanun e hasîd.*

A palavra *hen*¹⁵⁵ - “graça” - é semelhante ao verbo *hanan* “favorecer”, “agraciar” (cf. Gn 33,5), que muitas vezes se encontra associado a *rhm*. Este termo, (*hanun/hanan*) aplicado a Deus e aos homens, designa o dom de um favor imerecido, uma graça concedida por um superior a um inferior, uma pura gratuidade¹⁵⁶.

Ele invocou o nome de Iahweh. Iahweh passou diante dele, e ele exclamou: “Iahweh! Iahweh, Deus de compaixão (rahuum) e de piedade (hanun), lento para cólera e cheio de amor e fidelidade (hesed); que guarda o seu amor a milhares, tolera a falta, a transgressão, o pecado, mas a ninguém deixa impune e castiga a falta dos pais nos filhos e nos filhos dos seus filhos, até a terceira e quarta geração” (Ex 34,6-7).

A primeira reação de *Iahweh* para com o pecador é a ira: um castigo que vai até à terceira e quarta geração e uma misericórdia que vai até milhares de gerações¹⁵⁷. Não sendo estranha a ideia de um Deus que pune os pecados do seu povo¹⁵⁸, a acentuação é posta na sua misericórdia, uma misericórdia ilimitada para os que permanecem fiéis à aliança¹⁵⁹. A fé num Deus bondoso

¹⁵⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 18-19. IOANNES PAULUS II, *Litterae Encyclicae Dives in Misericordia*, in AAS 72 (1980)1177-1232. Nas notas faço referência dessa encíclica a partir da versão portuguesa e não da AAS.

¹⁵⁵ A palavra *hen*, designa sobretudo traços, características de uma pessoa, ou seja, a sua beleza, aquilo que a torna agradável, sedutor, charmoso (cf. Sl 45,3). Não se refere somente a uma qualidade física, mas também psicológica. Encontrar graças aos olhos de alguém. Associa-se também, algumas vezes, à orbita semântica de *hesed*.

¹⁵⁶ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 8-10.

¹⁵⁷ Cf. J. RATZINGER, *Deus e o mundo: a fé cristã explicada por Bento XVI*; uma entrevista com Peter Seewald, Ed., Tenacitas, Coimbra, 2005, 94; A. Van Den BRON, *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, 994.

¹⁵⁸ Esta ideia de justiça divina, em que temos nas leis de Talião (cf. Ex 21,22-25) a ilustração mais evidente, foi sendo purificada pelo povo de Israel na compreensão do seu Deus. Nas tradições mais antigas do Antigo Testamento, o que caracteriza o Deus de Israel é o exercício da justiça, mais do que o da misericórdia. O regime da justiça instaurada na Torah foi substituído pelo amor, instaurado pelo próprio Cristo, como princípio de uma nova justiça (cf. Mt 5,38). Deus mostra que não está na lógica de olho por olho e dente por dente. Assim Cristo leva ao cumprimento um movimento já começado nas tradições da Bíblia Hebraica. Cf. O. ARTUS, «*Miséricorde et «Charité» dans les Traditions d’Israel*», 26-29.36.

¹⁵⁹ Cf. J.-P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 5.

e compassivo recorda a infidelidade do povo que se apercebe, ao revisitar a sua história, ser continuamente perdoado por Deus (cf. Sl 78 (77), 38-29)¹⁶⁰.

Hasíd, da raiz *hesed*, indica tanto o agente como o beneficiário da ação de *hesed*, aquele que, tendo feito a experiência da fidelidade de Deus, se esforça para ser fiel a Deus. É uma relação de compaixão, benevolência e misericórdia, ou seja, uma relação de amor que une Deus aos homens: “*Sabei que Iahweh faz maravilhas para seu fiel “hasíd”: Iahweh ouve quando eu o invoco*” (Sl 4,4)¹⁶¹. Um Deus que faz graça, que ama gratuitamente.

O termo *hanun*, exprime um conceito mais alargado: expressa a manifestação da graça que comporta uma certa predisposição benévola e clemente¹⁶².

A compaixão é expressão da soberania, liberdade e lealdade de Deus misericordioso, fiel a si mesmo e ao seu povo, que não está dependente da fidelidade ou infidelidade do povo¹⁶³. O profeta Isaías, (cf. 49,15), diz, numa forma muito bela, este amor de Deus que transcende toda realidade humana comparável: *Por acaso uma mulher se esquecerá da sua criancinha de peito? Não se compadecerá ele do filho do seu ventre? Ainda que as mulheres se esquecessem eu não me esquecerei de ti.*

Deus, que tem um amor materno e paterno para com os seus filhos, quando se lembra deles as suas entranhas movem-se (cf. Jr 31,20). A misericórdia é um amor impossível de conter, mesmo se está encolerizado com o filho¹⁶⁴.

Segundo W. Kasper, tanto no Antigo como no Novo Testamento, o conceito de misericórdia está relacionado com o conceito de justiça. A misericórdia de Deus está ao serviço da justiça e da sua realização, ou seja, a misericórdia é a justiça própria de Deus¹⁶⁵. Em Deus,

¹⁶⁰ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 24.

¹⁶¹ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 11.

¹⁶² Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 20.

¹⁶³ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 66; N. FUSARO, *Con-Passione*, 22; J.-P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 11.

¹⁶⁴ Cf. D. JANTHIAL, *La miséricorde chez les Prophetes*. Institut d'Études Théologiques : Faculté jésuite de théologie à Bruxelles, (2016). 2 Áudio (56:26 mm).

¹⁶⁵ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 58-59.

misericórdia e justiça são inseparáveis, conforme diz o Salmo 86: *amor e verdade se encontram, justiça e paz se abraçam; da terra germinará a verdade, e a justiça se inclinará do céu*¹⁶⁶.

Além destes termos semânticos fundamentais, para exprimir misericórdia, há, no Antigo Testamento, outros, ainda que menos frequentes, como: *hāmal*, *hūs* e *'emet*¹⁶⁷.

Para além da questão do vocabulário, é preciso ter em conta que a realidade da misericórdia de Deus, nas suas diversas vertentes, está sempre presente na Bíblia, tanto no Antigo como no Novo Testamento, mesmo quando não se exprime por palavras¹⁶⁸. Na história da salvação, a misericórdia divina cria, sem cessar, novos espaços de vida e de bênção para o ser humano¹⁶⁹.

5. O Deus da misericórdia no Antigo Testamento

O agir misericordioso de Deus é constante ao longo de toda a história da salvação. Vejamos alguns exemplos, no Antigo Testamento.

5.1. No Pentateuco

Logo no primeiro livro da Bíblia, o Génesis, somos introduzidos na contemplação da misericórdia divina que brilha, em contraste com a obscura iniquidade do mal que se quer apropriar do homem. Na verdade, a compaixão divina é efetiva desde o princípio (cf. Gn 1,21), abrindo novos espaços de vida e de bênção para o ser humano¹⁷⁰. Deus apresenta-se profundamente comovido pela situação precária de Adão e Eva que se descobrem nus, num mundo que para eles se tornará irreconhecível¹⁷¹. No coração do Pentateuco as narrativas

¹⁶⁶ Cf. J.-P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 3-5; O termo *'emet*, tem o significado de fidelidade e lealdade referindo a Deus que não se engana e não nos engana, um Deus fiável, leal.

¹⁶⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 20.

¹⁶⁸ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 12.

¹⁶⁹ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 60-62.

¹⁷⁰ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 17.

¹⁷¹ Cf. R. VOLO, *Dio misericordioso e pietoso (Es 34,6)*, 133-134.

evidenciam um Deus misericordioso que cuida da sua criação e das suas criaturas¹⁷², tanto no perdão concedido a Israel, como na proteção aos desfavorecidos: os órfãos, as viúvas e os emigrantes. Na lei dada no Sinai (cf. Ex 22,20-26; Lv 19,33-34; Dt 24,19-22; Am 8,4-7)¹⁷³, a justiça é exercida em nome da misericórdia a favor dos mais pobres¹⁷⁴. Em Ex 22,20-26, não é mais o “direito” e a “justiça” que fundamentam a lei, mas sim a proximidade de Deus relativamente aos mais pobres, em nome da misericórdia. O Deus misericordioso é o garante de uma lei que, em primeiro lugar está ao serviço dos mais pobres e frágeis¹⁷⁵.

No Êxodo, Deus revela-se como um Deus cheio de misericórdia, quer aquando da libertação de Israel, como no monte Sinai ou no Horeb¹⁷⁶. Um Deus que vê a aflição do seu povo, escuta os seus clamores, intervém, liberta e o redime (cf. Ex 3,7-9). Deus revela aquilo que é pelo modo como atua. Israel nem sempre foi fiel, renegou o Deus verdadeiro e adorou o bezerro de ouro. Apesar dessa infidelidade, Deus não permitiu que o seu povo caísse na desgraça e, renovando a aliança, concede ao povo uma nova oportunidade (cf. Is 54,7-10)¹⁷⁷. Também no deserto, face aos pecados e infidelidades de Israel, Deus age cheio de misericórdia. Em Ex 34,6, Deus se revela a Moisés como um *Deus compassivo e misericordioso, lento para a ira e cheio de bondade e de fidelidade*. A revelação do seu nome a Moisés está envolvida pela bondade e pela fidelidade (*'emet*)¹⁷⁸.

¹⁷² Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 15.

¹⁷³ Aqui a lei manifesta a misericórdia de Deus, ao mesmo tempo que convida os crentes a pôr em prática a misericórdia de Deus.

¹⁷⁴ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 19.

¹⁷⁵ O. ARTUS, « *Miséricorde* » et « *Charité* » dans les Traditions d'Israel, 33.

¹⁷⁶ No monte Horeb, Deus se revela como o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacob, como um Deus que chama a sair e guia essa saída. Cf. W. KASPER, *Misericórdia*, 63.

¹⁷⁷ Cf. W. KASPER, *Misericórdia*, 64-66; JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 16; J. P. SONNET, *justice et miséricorde*, 11.

¹⁷⁸ O termo hebraico *'emet*, inclui a raiz *'aman*, que significa “ser acertado, incontroverso, ganhar firmeza”. Significa confirmar em Deus, apoiar-se e ganhar solidez n'Ele, mediante a fé.

5.2. O Deus da misericórdia nos profetas

Nos profetas, Deus é muitas vezes apresentado como justo e misericordioso. Justo porque proclama que a injustiça e a iniquidade não são toleráveis, pelo que não permanecem sem punição¹⁷⁹; misericordioso, porque se ocupa das suas criaturas, perdoa aos que se arrependem sinceramente e se convertem, seja qual for o pecado, e os chama a seguir o caminho do bem¹⁸⁰. A justiça implica a reparação dos pecados; a misericórdia, debruça-se sobre o sofrimento que causa o pecado ao pecador. Deus vem ao encontro do homem para o sarar com a sua presença misericordiosa, desde que o homem acolha a sua visita através daqueles que envia.

O profeta Jeremias leva-nos a uma compreensão luminosa e surpreendente da misericórdia de Deus, que nos faz penetrar no âmago da própria misericórdia: “*Será Efraim para mim um filho tão querido, que cada vez que falo dele quero ainda me lembrar dele? É por isso que minhas entranhas se comovem por ele, que por ele transborda a minha ternura, oráculo de Iahweh*” (Jr 3,20). Deus é um Pai que não reprime os seus sentimentos, tem uma preferência, uma ternura e misericórdia sem limites, um amor profundo pelos filhos¹⁸¹.

No profeta Oseias, a misericórdia é a identidade do Deus justo (cf. Os 11,8-ss), ou seja: O Deus da justiça, é o Deus da misericórdia, que se revela naquilo que é sobretudo no perdão e na absolvição (cf. Mq 7,18; Is 55,7; Ex 34,6; Sl 130, 4). “*Eu quero misericórdia e não sacrificios*” (Os 6,6). Estas palavras de Oseias enunciam um tema profético fundamental: o vazio e a superficialidade do culto sacrificial que se esquece do amor a Deus e ao próximo¹⁸². No Novo Testamento, Mateus retoma duas vezes esta sentença de Oseias (Mt 9,13; 12,7), para expressar o aspecto central de uma “justiça maior” requerida para o Reino dos Céus (Mt 5,20).

¹⁷⁹ Segundo J. Ratzinger, os castigos de Deus não são castigos no sentido em que Deus estabelece sanções, comprazendo-se depois em aplicá-las, mas significa que errei no bom caminho, tendo ficado sujeito às consequências de ter seguido falsas pistas, de ter abandonado a verdadeira vida e de me opuser ao amor divino. Cf. J. RATZINGER, *Deus e o mundo*, 94.

¹⁸⁰ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 20.

¹⁸¹ Cf. R. VOLO, *Dio misericordioso e pietoso (Ex 34,6)*, 142-144.

¹⁸² “*Car c’est l’amour qui me plaît, non le sacrifice*”, “*É o amor que eu quero e não sacrificios*». Assim traduz a TOB e a Bíblia de Jerusalém.

Para o profeta Oseias, o reconhecimento do pecado por parte do povo e a sua fealdade é o primeiro passo para a justiça. Segundo W. Kasper, num mundo injusto, a demonstração da justiça é já uma obra de misericórdia para com os oprimidos, ou seja, aqueles que estão privados de direitos¹⁸³. A misericórdia divina é o poder de Deus que conserva, protege, fomenta, recria e fundamenta a vida. É uma misericórdia que quer a vida, por isso ultrapassa a lógica da justiça.

O profeta Jonas é incapaz de entender a misericórdia divina e por isso se põe em fuga¹⁸⁴. A justiça de Deus, ele entende, mas não compreende a sua misericórdia. Por isso recusa-se a ser instrumento da misericórdia de Deus junto dos pagãos de Nínive, o que, no seu entender, iria contra a justiça: *“Por isso fugi apressadamente para Tárzis; pois eu sabia que tu és um Deus de piedade e de ternura, lento para ira, e rico em amor e que se arrepende do mal”* (Jn 4,2)¹⁸⁵. Acaba, contudo, levado pelas circunstâncias, a pregar em Nínive, o que levou, tal a eficácia da Palavra, à conversão de toda cidade. Ainda assim, levado pela sua obstinação, continua à espera de presenciar a manifestação da cólera de Deus, e não da sua misericórdia¹⁸⁶.

O profeta Joel, ao contrário de Jonas¹⁸⁷, proclama junto do povo: *“Rasgai os vossos corações, e não as vossas roupas, retornai a Iahweh, vosso Deus, porque ele é bondoso e misericordioso, lento para a ira e cheio de amor, e se compadece da desgraça”* (Jl 2,13).

Para o profeta Amós, o verdadeiro culto a Deus, exige o direito e a justiça em vez de majestosas oferendas (cf. Am 5,21; Mq 6,8). Para Amós e para a generalidade dos profetas, não pode haver uma relação justa com Deus, se não houver uma relação boa, justa e misericordiosa com o próximo¹⁸⁸.

¹⁸³ Cf. W. KASPER, *Misericórdia*, 71.

¹⁸⁴ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 25.

¹⁸⁵ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 17-20 ; J.-P. SONNET, *D’Isaie à Jonas. Les ailes de la colombe*, in *NRT*, 138 (2016/5) 545-547.

¹⁸⁶ Cf. J. T. MENDONÇA., *Elogio da sede*, Quetzal, Lisboa, 2018, 67-68.

¹⁸⁷ Este Deus que passa da sua justiça à sua misericórdia, e que Jonas denuncia e foge, vai ser, pelo contrário, Aquele que Jesus vai anunciar, como Messias da Justiça e da misericórdia. Cf. J. P. SONNET, *justice et miséricorde*, 22.

¹⁸⁸ Cf. W. KASPER, *Misericórdia*, 74-75; Mt 12, 7.

O profeta Ezequiel apresenta-nos uma dimensão social da misericórdia divina, na figura do pastor de uma ovelha maltratada e abandonada (Ez 34,11-16). O olhar misericordioso de Deus não pode tolerar nem suportar a dramática situação dos seus filhos. Por isso ele intervém para os libertar deste estado de prostração, de sofrimento e abandono. A misericórdia é como o germe de uma redenção social e comunitária, que supõe uma opção preferencial pelos pobres¹⁸⁹.

Na Sagrada Escritura, a justiça é concebida essencialmente como um confiante abandono à vontade de Deus, superando assim uma perspectiva legalista da justiça¹⁹⁰. Segundo a Papa Francisco, na Exortação Apostólica, *Gaudete et Exultate*, o olhar e agir com misericórdia, é a santidade¹⁹¹.

5.3. A misericórdia nos Salmos

Nos Salmos encontramos inúmeras passagens, de grande beleza poética, que referem a misericórdia de Deus (cf. Sl 25, 10; 36,6). Deus é descrito como sendo “clemente e compassivo, lento para a ira e cheio de misericórdia” (Sl 103,8; 145,8); como Aquele que se compadece dos que o temem (Sl 103,13); um Deus que dá uma atenção preferencial aos mais carenciados. O *Miserere* de David - *Compadecei-Vos de mim, ó Deus, pela vossa bondade e pela vossa grande misericórdia, apagai os meus pecados* (Sl 50, 3) - e outros Salmos (Sl 106,1; 107,1; 136), constituem um único cântico de louvor à misericórdia, compaixão e fidelidade de Deus. Os filhos e as filhas de Israel, logo que caíam na conta dos seus pecados, voltem-se para o Senhor, clamando a sua misericórdia, como fez o rei David, ao tomar consciência da gravidade do seu pecado¹⁹². O salmista, fez ele próprio, a título pessoal, a experiência da misericórdia de Deus

¹⁸⁹ Cf. R. VOLO, *Dio misericordioso e pietoso* (Es 34,6), 148-151.

¹⁹⁰ Cf. L. LEPORE, *Il midras di Giacobbe in funzione del giubileo*, 180.

¹⁹¹ Cf. PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, Paulus, Lisboa, 2018, 46.

¹⁹² Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 16-17.

(cf. Sl 31, 8-9; 86, 12-13). A mesma experiência é celebrada por Israel, enquanto povo (cf. Sl 78, 38-39)¹⁹³.

Há uma evolução na Bíblia da compreensão do mistério de Deus. Israel vai-se purificando progressivamente a sua compreensão inicial, que tinha traços comuns com as culturas dos povos seus vizinhos que faziam dos deuses o último arquétipo da justiça humana. Afasta-se dessa concepção, para construir uma figura original de Deus como misericórdia e caridade. Esta evolução reflete-se e vai-se ajustando também nas relações inter-pessoais¹⁹⁴.

A misericórdia divina, que nos remete para a total alteridade de Deus e para a absoluta incompreensibilidade da sua bondade e do seu amor¹⁹⁵, atravessa todo o Antigo Testamento e está intimamente associada a outras formas de revelação de Deus que ultrapassam as fronteiras de Israel (cf. Sl 103, 8-18) e se tornam universais¹⁹⁶.

6. A misericórdia no Novo Testamento

Está bastante difundida a ideia de que o Deus do Antigo Testamento é vingativo e castigador, enquanto que o Deus do Novo Testamento é bom e misericordioso. W. Kasper tenta rebater esta ideia que considera falsa porque, tanto o Antigo como o Novo Testamento dão testemunho do mesmo Deus, um Deus que aplacou definitivamente a sua ira¹⁹⁷. Contudo, é no NT, sobretudo nos evangelhos, que mais se usam termos relacionados com a misericórdia, o que não admira, já que Jesus é a manifestação da divina misericórdia¹⁹⁸.

¹⁹³ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 34; E.R. RUIZ, «Rostros de Dios justo y misericordioso en el Salterio», in *Estudios Bíblicos*, 75 (2017/1), 77-102.

¹⁹⁴ Cf. O. ARTUS, « *Miséricorde* » et « *Charité* » dans les Traditions d'Israel, 26-27.

¹⁹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 20-21; W. KASPER, *Misericórdia*, 69.

¹⁹⁶ Cf. W. KASPER, *Misericórdia*, 76-77 ; Cf. O. ARTUS, « *Miséricorde* » et « *Charité* » dans les Traditions d'Israel, 38.

¹⁹⁷ Cf. W. KASPER, *A misericórdia*, 58-87.

¹⁹⁸ Cf. J.M. DÍAZ, «La enseñanza y los signos de Jesús. La misericordia, núcleo del Evangelio», in *AnVal*, Nueva Serie Año III (2016/5), 77.

6.1. O uso terminológico nos LXX e no Testamento dos Doze Patriarcas

No Novo Testamento encontramos diversos termos gregos que fazem referência à misericórdia: *σπλάγχνα*, *οἰκτιρμός* e *ἔλεος*.

A terminologia grega, na versão dos LXX, empobrece a terminologia hebraica, porque não reflete todos os *nuances* e consistências semânticas do texto original. Reflete sobretudo sentimentos, reações em relação a uma situação, uma doença, morte e sofrimento. Porém, o Novo Testamento vai beber da riqueza e profundidade que configuram o Antigo Testamento¹⁹⁹. Particularmente no Evangelho de Lucas, encontramos em Cristo a manifestação dos atributos divinos da misericórdia, tornando a misericórdia o âmago da sua mensagem salvífica²⁰⁰. Nas narrativas lucanas, a história evangélica é apresentada, no seu todo, como uma “visita misericordiosa de Deus” (cf. Lc 1, 68. 78) No cântico do *Benedictus*, Zacarias canta que Deus “visitou o seu povo” com “as suas entranhas misericordiosas”, *διὰ σπλάγχνα ἐλέους θεοῦ ἡμῶν, ἐν οἷς ἐπισκέπεται ἡμᾶς ἀνατολὴ ἐξ ὕψους*, (Lc 1,78)²⁰¹.

O termo *σπλάγχνα* (com o sentido de entranhas maternas), tem um uso limitado nos LXX, da mesma forma que o verbo *σπλαγχνίζομαι*. Este termo também se encontra no Testamentos dos Doze Patriarcas (cf. *Testamento de Zabulon* 8, 1-3; *Testamento de Asser* 7, 7; *Testamento de Neftali*, 4, 5; *Testamento de Levi* 4, 4), onde *σπλάγχνα* indica, no homem, a sede dos sentimentos, ou seja, descreve o homem atravessado pela força de um afeto, de uma misericórdia de Deus, o lugar onde acontece a misericórdia divina, que é personificada na figura messiânica (cf. *Testamento de Levi*, 4, 4). É descrita como fundamento do agir e do ser Deus que visita e habita o homem. O Testamentos dos Doze Patriarcas preservou o termo *rahamîm*, assim como o verbo *raham*²⁰².

¹⁹⁹ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 19; D. CERBELAUD, *Miséricorde*, 739.

²⁰⁰ Cf. J. CAMBIER, *Misericórdia*, in DÍEZ MACHO, A. – BARTINA, S. (Dir.), *Enciclopedia de la Biblia*, Vol. 5, Garriga, Barcelona, 1965, 182.

²⁰¹ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21.

²⁰² Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 33-34.

Nos textos de Qumrân (cf. 1QSI, 26-II, 1), encontramos este termo *rahamîm*, “entranhas de Deus” que é misericordioso e que perdoa (*raham*). Também na tradição muçulmana encontra-se este atributo divino. Todas as suratas do Corão se iniciam com invocação: *bismillâh al-Rahamân al-Rahîm*, “Em nome de Deus, o benévolo, o Misericordioso”²⁰³.

Nos LXX e no Novo Testamento diversas palavras e verbos gregos exprimem a noção de misericórdia: *σπλάγχνα* “entranhas de misericórdia” (Lc 1,78; *σπλάγχνα οἰκτιρμοῦ* “sentimentos de compaixão” (cf. Cl 3, 12) e também o seu plural, *πολύσπλαγγνός* “misericórdia e compaixão” (cf. Tg 5,11)²⁰⁴. Um outro termo para exprimir misericórdia no NT é *οἰκτιρμός*, traduzido como: “emoção, dor, a compaixão, piedade e benevolência”. Assim, em Romanos, Paulo diz: *διὰ τῶν οἰκτιρμῶν τοῦ θεοῦ - pela compaixão de Deus* (Rm 12, 1). Um outro termo é *ἔλεος*: *bondade, compaixão, misericórdia, piedade* (cf. Lc 1,50.54)²⁰⁵.

6.2. O substantivo *Σπλάγχνα*

Este termo *Σπλάγχνα*, equivalente ao hebraico *rahamîm*²⁰⁶, aparece quinze vezes nos LXX: treze vezes, como substantivo; duas vezes como verbo²⁰⁷. Aparece no Novo Testamento em sentido físico, designando órgãos internos, ou seja, vísceras em sentido anatómico (cf. At 1,18) e em sentido figurado, como sede dos sentimentos (cf. 2Cor 7,15; Fl 1,8; Fm 7.12.20; 1Jo 3,17), usado quase sempre no plural²⁰⁸. Já no Antigo Testamento, *σπλάγχνα* – *entranhas* - simboliza a misericórdia que vem do coração. Assim é no *Benedictus: Graças ao misericordioso coração (σπλάγχνα ἐλέους) do nosso Deus, pelo qual nos visita o Astro das*

²⁰³ Cf. D. CERBELAUD, *Miséricorde*, 739 ; J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21.

²⁰⁴ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 10-11.

²⁰⁵ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 30 ; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 10-11.

²⁰⁶ Segundo H. Koster, nos LXX, o equivalente hebraico de *rahamîm*, que aparece doze vezes, não é *σπλάγχνα*, mas sim *οἰκτιρμοί*, só recentemente é que os tradutores passaram a fazer essa equivalência. Cf. H. KOSTER, *σπλαγγνον*, 909 - 910.

²⁰⁷ Cf. H. ESSER, *σπλάγχνα*, in I. COENEN, - B. BEYREUTHER, - H. BIETENHARD, (Eds.), *DCBNT*, 4ª ed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991, 1008; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 151.

²⁰⁸ Cf. N. WALTER, *σπλάγγνον*, 1471-1472. H. ESSER, *σπλάγχνα*, 1011.

alturas (Lc 1,78). Paulo, usando os mesmos termos, exorta os Colossenses dizendo: “*Portanto como eleitos de Deus, santos e amados, revesti-vos de sentimentos de compaixão (σπλάγχνα οἰκτιρμοῦ), de bondade, humildade, mansidão, longanimidade* (Cl 3,12)²⁰⁹.”

A raiz grega σπλαγχνίζω, evoca antes o seio materno. A tradução grega, geralmente, faz referência às “vísceras / ventre materno, sobretudo o útero materno²¹⁰” como lugar da força procriadora”: *As palavras do difamador são guloseimas que descem ao ventre profundo* (Pr 26, 22); sede dos sentimentos: “*Aquele que mimma o filho cuidará de suas feridas, e a cada grito suas entranhas se comoverão* (Eclo 30,7); lugar de onde surge a misericórdia: “*O justo conhece as necessidades do seu gado, mas as entranhas dos ímpios são cruéis* (Pr 12,10). É um termo que evoca as *vísceras* compassivas de Deus, o *rahamim* divino. Contudo, também pode significar banquetes sacrificais considerados ímpios (cf. 2Mc 6, 7; 7, 42; Sb 12, 5)²¹¹.

Este termo, σπλάγχνα, tem um significado mais material, mais rude e violento que o diferencia de καρδιά (coração), a sede dos sentimentos como: amor, ódio, coragem, temor alegria e dor. No grego pré-cristão, este termo não se usava como sede da misericórdia proveniente do coração²¹². Era usado para referir a parte das vítimas, os órgãos vitais que eram sacrificados aos deuses, nos banquetes sacrificiais²¹³.

Em Fílon de Alexandria (25 a.C – 50 d.C.) e Flávio Josefo 37-100 d.C.), mais em Filon de Alexandria, que em Flávio Josefo, σπλάγχνα aparece, para descrever os sacrifícios, fazer referência ao interior de uma pessoa (alma e coração)²¹⁴.

²⁰⁹ Cf. H. KOSTER, σπλαγχνον, 908 - 909 ; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 10-11.

²¹⁰ Cf. R. VOLO, *Dio misericordioso e pietoso* (Es 34,6), 152.

²¹¹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 30; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 151.

²¹² Cf. H. KOSTER, σπλαγχνον, 906.

²¹³ Cf. H. KOSTER, σπλαγχνον, 904-905.

²¹⁴ Cf. H. KOSTER, σπλαγχνον, 917-918.

6.3. O verbo σπλαγγεύω e ἐσπλαγγίζομαι

O verbo σπλαγγεύω adota o significado próprio do substantivo σπλάγγνα (*interior da vítima no banquete sacrificial*). Na sua utilização mais arcaica, segundo H. Esser, pode significar: comer o interior, profetizar observando o interior²¹⁵.

O verbo ἐσπλαγγίζομαι²¹⁶, nos LXX, só no livro dos Provérbios, aparece com o sentido de “ser misericordioso” (cf. Pr 17, 5). Segundo P. Sonnet, este termo (*ser invadido de compaixão*) e os verbos que lhe estão associados, aparecem raras vezes nos LXX. Nos escritos judaicos anteriores ao Novo Testamento, nomeadamente nos já referidos Testamento dos Doze Patriarcas e textos do Qumrân, este termo significa entranhas divina (*rahamîm*). No Novo Testamento mantém o mesmo significado²¹⁷.

Sendo um verbo no aoristo passivo - ἐσπλαγγίζομαι - subentende-se que é o sujeito quem sofre a ação: “movido de compaixão”. Segundo J. P. Sonnet, em muitas passagens dos sinóticos, (cf. Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Mc 1,41; 6,34; 8,2; e Lc 7,13), Jesus é o sujeito: Jesus foi movido de compaixão antes de intervir em favor da mulher²¹⁸.

Nos evangelhos sinóticos, este verbo é geralmente usado para caracterizar Jesus como Messias, como aquele que usa de compaixão, n’Ele está presente e se manifesta a misericórdia de Deus (cf. Lc 7,13; 10,33; Mt 9,36; 14,14; 15,32; 20,34; Mc 1,41; 6,34; 8,2). Assim como no episódio da viúva de Naim, o Senhor “ficou comovido” (ἐσπλαγγίσθη) e pediu para ela não chorar, da mesma forma o Pai do filho pródigo (falando do Pai do céu) se encheu de compaixão aquando do regresso do filho (cf. Lc 15, 20)²¹⁹. Nos sinóticos este verbo é usado para exprimir a misericórdia visceral do Messias (cf. Mc 1,41; 6,34; Mt 14,14; 15, 32; 9,36; Lc 7,13). É usado

²¹⁵ Cf. H.- H. ESSER, σπλάγγνα, 1008.

²¹⁶ Este verbo ἐσπλαγγίζομαι, na voz passiva, aparece sob a forma ἐσπλαγγίσθη, “*ser movido pelas entranhas ou foi movido pelas entranhas, compadeceu-se, teve misericórdia*”. Na voz ativa, σπλαγγίζω pode ser traduzido como: “*comer as entranhas de uma vítima*”. cf. F. BOVON, *L’Évangile selon Saint Luc*, 354 ; H. KOSTER, σπλαγγνον, 904.

²¹⁷ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21 ; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 156.

²¹⁸ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21-22.

²¹⁹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 30-34 ; J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21.

para salientar o comportamento dos protagonistas nas três parábolas da misericórdia (cf. Mt 18, 23-33; Lc 15, 11-20)²²⁰

6.3.1 O emprego do verbo *σπλαγγίζομαι* em Lc 7, 11-17

O verbo *σπλαγγίζομαι* é utilizado em três passagens de Lucas (7,13; 10,33 e 15,20), mas também em Mateus (5 vezes) e em Marcos (4 vezes). No grego clássico significa *ser corroído nas entranhas*. É utilizado por Lucas para descrever os sentimentos, o amor compassivo de Jesus, aquele olhar que Ele dirige à mãe viúva que havia perdido o seu filho único. É um verbo que está associado ao *Senhor* e ao *ver*²²¹. Não é uma expressão típica de Lucas, mas surge nas fontes que utiliza, pelo que, por razões teológicas, a conserva.²²² O Deus de Lucas é clemente e compassivo, pelo que Jesus é a própria compaixão, uma compaixão visceral²²³ capaz de levantar os mortos. Lucas usa esse verbo conscientemente, tendo como sujeito o próprio Jesus, diante da viúva de Naim (7,13).

Algumas vezes Lucas omite o uso deste verbo²²⁴, em episódios em que ou outros sinópticos o utilizam: na multiplicação dos pães (Lc 9,10-17), na cura de um leproso (Lc 5,12-16), na cura do jovem epiléptico, onde o pai do menino suplicou: “*Mas, se tu podes, ajuda-nos, tem compaixão de nós*” (Mc 9,22).

Nos três casos em que Lucas emprega este verbo, há uma crítica ao rigorismo da Lei em confronto com a prática da compaixão. A nova lei, em Jesus, tem que ser a expressão dos atributos divinos da misericórdia, justiça, amor e compaixão (cf. Rm13,8.10). Jesus, Messias da justiça e da misericórdia divina, compadece-se e propõe aos seus discípulos que imitem esta

²²⁰ Cf. H.- H. ESSER, *σπλάγγνα*, 1009; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 153.

²²¹ Cf. M, -L. VEYRON-MAILLET, *Polysémie d'un texte*, 183.

²²² Cf. J.A. FITZMYER, *El Evangelio segun Lucas*, 641; F. BOVON., *L'Evangelio selon Saint Luc*, 354.

²²³ Cf. M. SALVIOLI, *La misericordia indivisibile del Padre nella compassione visibile di Gesù, il Figlio*, 80-87.

²²⁴ Cf. I. PERONDI., *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 230-233.

mesma misericórdia do Pai - “*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*” (Lc 6,36)²²⁵.

Com o uso do verbo *σπλαγχνίζομαι*, Lucas sublinha a visita misericordiosa de Deus em Jesus, ou seja, a manifestação das entranhas misericordiosas de Deus que se compadece e perdoa. Assim, o gesto de Jesus para com a viúva de Naim, é saudado unanimemente pelo povo: “*Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo*” (Lc 7,16). Na opinião de P. Sonnet, o verbo *σπλαγχνίζομαι*, aqui empregue por Lucas, apresenta Jesus plasmado pela mesma compaixão de Deus, que atinge a própria intimidade corporal de Jesus, comovido até às entranhas. No terceiro Evangelho, Jesus, nos momentos cruciais da sua vida, surge na totalidade do seu ser, corpo e alma, como Messias da justiça e da misericórdia divina²²⁶. É esta maneira de ser Messias que Ele revela aos seus discípulos (cf. Lc 6,36; Lv19,2).

6.4. O termo *οἰκτιρμός*

O verbo *οἰκτιρω* (ser piedoso, ser misericordioso) traduz, nos LXX, os verbos hebraicos *rhm* e *hnn*, para expressar os bens salvíficos que Cristo trouxe, o socorro de Deus para com a miséria humana. É preferido ao verbo *σπλάγχνα* quando se trata de exprimir a compaixão divina para com o sofrimento humano²²⁷. O vocábulo *οἰκτιρμός*, (piedade, compaixão, misericórdia), sobretudo o plural *οἰκτιρμοί*, é usado para traduzir o termo hebraico *rahamim*²²⁸. Da raiz *οἰκτός*, (*lamento, desânimo*), usa-se, por exemplo, para dizer o lamento pela morte de um homem, um lamento compassivo, piedoso²²⁹. Os vocábulos desta família aparecem cerca de 80 vezes nos LXX, sendo que o substantivo *οἰκτιρμός* e o verbo *οἰκτιρω* aparecem, cada um, 30 vezes.

²²⁵ Cf. J.P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21-22 ; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus para com a viúva de Naim*, 233-237.

²²⁶ Cf. J.P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21.

²²⁷ Cf. J. CAMBIER, *Misericórdia*, 184; N. FUSARO, *Con-Passione*, 34-35; H. ESSER, *οἰκτιρμός*, in I. COENEN, – B. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, *DCBNT*, 4ªed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991, 1007.

²²⁸ Cf. R. BULTMANN, *οἰκτιρω*, in KITTEL- G. FRIEDRICH (Dr.), *GLNT*, Paideia, Brescia, Vol. VIII, 1972, 449-455.

²²⁹ Cf. R. BULTMANN, *οἰκτίρω*, 450-451.

No Novo Testamento, apenas Paulo (e o autor da Carta aos Hebreus) usa o substantivo, no plural (*οἰκτιρμοί*), 4 vezes (cf. 2Cor 1,3; Rm 12,1; Cl 3,12; Hb 10,28); o verbo, usa-o 2 vezes (cf. Rm 9,15)²³⁰. O adjetivo “*οἰκτίρων*” é usado por Tiago (cf. Tg 5,11) e por Lucas (cf. Lc 6,17.36), quando Jesus exorta a agir com misericórdia, deixando claro que o fundamento desta misericórdia humana é a ação misericordiosa de Deus²³¹.

Trata-se duma expressão que exprime a “*misericórdia, a emoção, a compaixão e benevolência*”. Paulo, dirigindo-se aos romanos, diz: “*Exorto-vos, portanto, irmãos, pela misericórdia de Deus “τῶν οἰκτιρῶν τοῦ θεοῦ”, a que ofereçais vossos corpos como hóstia viva, santa e agradável a Deus: este é o vosso culto espiritual*” (Rm 12,1).

Expressa a compaixão diante do sofrimento, ou de qualquer coisa que nos surpreende, que contrai compulsivamente o “coração, as entranhas” e leva a uma intervenção compassiva e misericordiosa em favor do próximo²³².

6.5. O termo *ἔλεος*

É o termo *ἔλεος* aparece com maior frequência nos LXX, cerca de 400 vezes, traduzindo o *hesed*, que significa *compaixão, misericórdia*, mais do que *amor*²³³. É um vocábulo que apela a um sentimento de íntima comoção. Pode também significar, *fidelidade – fidelidade à aliança*²³⁴, contudo, nos LXX, *ἔλεος*, geralmente, significa misericórdia e piedade; embora se possa traduzir por outras expressões referentes à graça de Deus, como *bondade*. É um termo escatológico, já que o tempo de *ἔλεος* é o tempo da salvação (cf. 2Mc 2, 7; 7, 29)²³⁵.

²³⁰ Rm 9, 15, recorre a Gn 33, 19.

²³¹ Cf. H. ESSER, *οἰκτιρμός*, 1008; R. BULTMANN, *οἰκτιρω*, 454-456.

²³² Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 34.

²³³ Cf. J. CAMBIER, *Misericordia*, 182.

²³⁴ Cf. H. ESSER, *ἔλεος*, in: I. COENEN, B. BEYREUTHER, H. BIETENHARD, *DCBNT*, Edizioni Dehoniani, Bologna, 4ª ed. 1991, 1002-1007.

²³⁵ Cf. R. BULTMANN, *ἔλεος*, in: G. KITTEL - G. FRIEDRICH (Dr.), *GLNT*, Paideia, Brescia, Vol. III, 1967,407-412.

Indica, no AT, o agir de Deus e do homem, implicando uma relação de reciprocidade, do homem com Deus e com os outros (cf. Os 6,6). Na linguagem rabínica é um termo técnico que designa as obras de caridade²³⁶.

No NT, *ἔλεος* e outros termos derivados, aparece 78 vezes, das quais, 26 vezes em Paulo; No Evangelho de Lucas e nos Actos, aparece 20 vezes; em Mateus, aparece 15 vezes; não aparece no Evangelho de João, nem nas Cartas de Paulo aos Filipenses e aos Tessalonicenses.

Nos sinópticos aparece como verbo - *ἐλεῶ* fazendo referência à irrupção da misericórdia divina diante da miséria humana, através da acção regeneradora e salvadora de Jesus de Nazaré (cf. Mc 10,47.48; Mt 9,27; 15,22; 17,15; Lc 17,13). Indica a realização da misericórdia do homem para com o próximo (cf. Mt 5,7; 18,33); expressa o fundamento da misericórdia de Deus (cf. Lc 16,24). Lucas usa o substantivo *ἔλεος* com o significado de *graça*: *Os vizinhos e os parentes ouviram dizer que Deus a cumulava com sua misericórdia e com ela se alegraram (Lc 1,58)*. No *Magnificat*, encontramos o mesmo vocábulo na boca de Maria: *“e sua misericórdia perdura de geração em geração, para aqueles que o temem. (...) Socorreu Israel, seu servo, lembrado de sua misericórdia (ἔλεος)”* (Lc 1,50.54)²³⁷.

Paulo, usa o verbo *ἐλεῶ* para falar da bondade com que, ele próprio, foi agraciado por Deus tendo em vista o apostolado (cf. 1Tm 1,13.16; 7,25). Uma misericórdia que está intimamente ligada com a fidelidade à aliança (cf. Rm 9, 15.16.18, referindo-se a Ex 33, 19)²³⁸. Muitas vezes o verbo *ἐλεῶ*, é traduzido por “ter piedade de ou fazer misericórdia”: *“Bem-aventurados os misericordiosos “οἱ ἐλεήμονες”, porque alcançarão misericórdia “ἐλεηθήσονται”* (Mt 5,7)²³⁹.

²³⁶ cf. R. BULTMANN, *ἔλεος*, 399-419.

²³⁷ Cf. R. BULTMANN, *ἔλεος*, 414-415 ; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*,11.

²³⁸ Cf. H. ESSER, *ἔλεος*, 1004-1007.

²³⁹ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*,11.

Os tradutores gregos preferiram traduzir o hebraico *hesed* por ἔλεος (*misericórdia, compaixão*); da mesma forma a tradição latina (Vet. Lat. e Vulgata) preferiam *misericors e misericordia*²⁴⁰, cujo sentido se pode associar ao *perdão dos pecados*.

O termo ἐλεῆμων, é uma outra palavra grega que significa *piadoso, misericordioso*. Quando se refere ao homem, assume o significado de bondade, inteligência, prudência (cf. Pr 11,17; 19,11; 20,6)²⁴¹. O substantivo “ἐλεημοσύνην”, pertencente à mesma família, significa *piiedade, compaixão*. Tanto nos LXX, como no Novo Testamento, e, depois, na tradição cristã, seguindo São Tomás de Aquino, tem o sentido de “Obras de Misericórdia”²⁴². Na verdade, ἐλεημοσύνην, no Novo Testamento, não é um simples sentimento de compaixão, mas um comportamento, obras benéficas em favor do pobre. É utilizado para traduzir a justiça de Deus, em favor do pobre e, em Lucas, tem o significado de “ser benevolente” (Lc 11,41; 12,23; At 9,36).

Pedro na cura do aleijado no templo, dá a entender, de um modo simbólico, que o tempo da esmola e da misericórdia imperfeita, é substituído pela misericórdia perfeita - ἐλεημοσύνην- em nome de Jesus Cristo (cf. At 3,6)²⁴³, que havia exortado os seus discípulos à imitação dos atributos divinos da misericórdia: “*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*”, (Lc 6,36; Lv 19,2)²⁴⁴.

A mesma compaixão do Pai misericordioso (cf. Lc 6,36) é imagem do Deus de Israel para com o seu povo²⁴⁵. O cristianismo primitivo aplica este verbo ἐλεῖω a Cristo, para indicar aquele que como Filho, Salvador escatológico, é Deus no meio de nós²⁴⁶. Isto mesmo revela a comoção profunda de Jesus confrontado com a situação da viúva de Naim²⁴⁷.

²⁴⁰ Cf. J. CAMBIER, *Misericórdia*, 182.

²⁴¹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 36.

²⁴² Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 11.

²⁴³ Cf. R. BULTMANN, *ἐλεημοσύνην*, 420; H. ESSER, *ἔλεος*, in I. COENEN, – B. BEYREUTHER – H. BIETENHARD, (Dr.), *DTNT*, Ediciones Sigueme, Salamanca, Vol. III, 1983, 100-102.

²⁴⁴ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 21.

²⁴⁵ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 105.

²⁴⁶ Cf. H. KOSTER, *σπλαγχνον*, 931-934.

²⁴⁷ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 647.

7. Lucas, Evangelho da misericórdia

A misericórdia que se manifesta em Jesus, constitui uma “boa notícia” transversal aos Evangelhos, com *nuances* particulares em cada um dos autores. Mas é em Lucas, através dos gestos e palavras de Jesus que a misericórdia adquire contornos mais expressivos. Por isso, debruçar-nos-emos de uma forma especial sobre o terceiro Evangelho, o “Evangelho da Misericórdia”.

7.1. Jesus, o rosto da Misericórdia

Percorrendo o Evangelho de Lucas, descobrimos que as manifestações misericordiosas de Deus em Jesus Cristo apresentam traços diferentes. Encontramos o agir misericordioso de Jesus através dos seus encontros: com o parálítico que descem pelo terraço (5,17-25); com a pecadora, em casa de Simão (7, 36-50) e com Zaqueu (19,1-10). Através das chamadas Parábolas da Misericórdia: parábola do bom samaritano (10,30-37); da ovelha perdida (15,3-7); do dracma perdida (15,8-10) e a parábola do filho Pródigo (15,11-32). Através dos seus ensinamentos onde Jesus utiliza palavras precisas (6,36-38), fala de misericórdia e gratuidade, da mesma forma que adverte, aconselha e aponta caminhos (11,4; 12,9-10; 17,3; 18,7-8; 23,24; 23;43). Através do olhar: sobre Judas (22,21) e sobre Pedro (22,61). Através dos gestos de Jesus: faz-Se batizar, solidário com os pecadores; solidariza-se com a aflição da viúva de Naim (7,11-13); na transfiguração, anima os discípulos (9,35); aos discípulos de Emaús, revela-Se ao partir do pão (24,30); na Ascensão, abençoa e envia os discípulos (24,50)²⁴⁸.

Eis a referências de várias situações através das quais Lucas põe em evidência a misericórdia de Deus que se manifesta em Jesus, sendo o perdão uma das formas privilegiadas de o fazer como fica claro nas parábolas de Lucas dirigidas sobretudo aos que criticam Jesus por ele acolher e comer com os pecadores.

²⁴⁸ Cf. A. MATTHEUWS, «L'évangile de la miséricorde avec saint Luc», in *NRT*, 137 (2015) 529-541.

7.2. Misericórdia que flui...

Com o objetivo de expor ordenadamente os acontecimentos da obra da salvação de Deus anunciada e realizada por Jesus (cf. Lc 1, 1-4) e depois continuada pelos seus discípulos, Lucas apresenta Jesus como Aquele que revela o mistério de Deus e do seu amor²⁴⁹.

A misericórdia que flui de Jesus, ícone da compaixão do Pai, cheio de energia e vida, é oferecida a todos e todos são convidados a agir de modo que atinja a todos, a começar pelos pequenos e pobres: «*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*» (Lc 6,36), tendo a sua origem e modelo nas ações do Pai misericordioso²⁵⁰. Segundo M. Mejnzer, aquele que pratica a misericórdia participa no projeto íntimo de Deus misericordioso²⁵¹.

Tanto no Evangelho de Lucas, como nos Atos dos Apóstolos, repassa com naturalidade a mensagem salvífica de Jesus, dirigida preferencialmente aos pequenos, aos pobres e aos pecadores. Ele Jesus é o mensageiro da misericórdia de Deus, como podemos ver nos escritos lucanos, em especial nas páginas centrais do seu Evangelho, no capítulo 15, nas parábolas da misericórdia²⁵².

Jesus é apresentado por Lucas como amigo dos cobradores de impostos e pecadores (cf. Lc 7, 34); inaugura o seu ministério na Galileia declarando-se, na Sinagoga de Nazaré, como o ungido de Deus para anunciar a Boa Nova aos pobres (cf. Lc 4, 18); e proclama que é enviado aos pecadores e não aos justos (cf. Lc 5, 32)²⁵³. *O ano da graça do Senhor* transparecerá na pessoa de Jesus, pelos seus gestos e palavras, numa manifestação clara da presença de Deus no meio dos dos homens²⁵⁴.

²⁴⁹ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 64.

²⁵⁰ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 530.

²⁵¹ Cf. M. MEJNER, «Vantaggio o Perdita? - Le facce della misericordia nel "De opere et eleemosynis di Cipriano"», in *Gregorianum*, 98 (2017/1) 59.

²⁵² Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 64.

²⁵³ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 37.

²⁵⁴ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, 11; A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 531.

7.3. Misericórdia anunciada

Nos dois primeiros capítulos do Evangelho de Lucas - o chamado “evangelho da infância” - o nascimento de Jesus, o Salvador, é apresentado como uma “boa notícia”, como a chegada do reino de Deus, como a mais eloquente expressão da misericórdia de Deus pela humanidade. Misericórdia que se concretiza em sinais: Isabel e Zacarias, símbolo da esperança de Israel, já idosos e estéreis, deles nascerá o precursor do Messias, João, nome que em hebraico significa «Deus faz graça»²⁵⁵ ou «Yhwh Misericordioso». Isabel, por sua vez, se reconhece mergulhada no olhar fecundo e misericordioso de Deus, que a tira da vergonha a sua esterilidade, dando-lhe um filho²⁵⁶.

No *Benedictus*, Zacarias, recuperado da sua mudez, alegra-se por Deus exercer a sua misericórdia em favor de Israel e se recordar da sua Aliança (cf. Lc 1, 72), e nestas palavras do pai de João Baptista, encontramos alusões às vísceras de Deus, ao útero materno de Deus onde se gera a sua misericórdia²⁵⁷. É a misericórdia o motivo da visita de Deus ao homem, em Cristo: «*pelo qual nos visita o Astro das alturas, para iluminar os que jazem nas trevas e na sombra da morte*»²⁵⁸.

Por sua vez, a misericórdia divina anunciada no *Magnificat*, proclamado por Maria, comporta uma dimensão sócio-política (cf. Lc 1, 52, 53), opondo os poderosos que Deus depõe dos seus tronos, aos humildes de condição que ele quer salvar. Mediante a sua intervenção, Deus revela os seus atributos: misericordioso e forte, que faz prova da sua misericórdia àqueles que o temem, (v.54). A forma concreta que adquire a misericórdia, é a intervenção de Deus em favor de Israel, de quem ele nunca esquece²⁵⁹. Um Deus que reclama a vida toda do homem e coloca a sua onipotência ao serviço da sua misericórdia²⁶⁰.

²⁵⁵ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 38.

²⁵⁶ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 67.

²⁵⁷ Cf. Ph. WARGNIES, «Vous serez fils du Très-Haut – Luc 6,20-49», in *NRT*, 134 (2012/1) 15

²⁵⁸ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 66-67.

²⁵⁹ Cf. J. DUPONT, *Études sur les évangiles synoptiques*, Vol. II, Universit Press, Louven, 1985, 969-674.

²⁶⁰ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 44.

Nestes cânticos evangélicos se revelam traços do rosto misericordioso de Deus: A salvação é apresentada, primeiramente, como perdão dos pecados, descritos como trevas e regiões sombrias da morte (cf. Lc 1, 76-79)²⁶¹.

Tanto no *Magnificat*, como no *Benedictus* encontramos a expressão da imagem de um Deus que olha para o abismo da condição humana. É o mesmo olhar com que Deus viu a dor de Israel no Egito: “*Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito*” (Ex 3,7). Deus olha e aquilo que vê, leva-O a actuar cheio de misericórdia: visita cada situação humana para pôr fim ao seu sofrimento. Maria, no *Magnificat*, glorifica a Deus pela sua misericórdia que se manifesta derrubando os poderosos de seus tronos e exaltando os humildes, como havia prometido a Abraão e à sua descendência; da mesma forma, Zacarias vê no nascimento do precursor do Messias, o Enviado para libertar Israel dos seus inimigos, o modo de Deus exercer a sua misericórdia.

Maria faz-se eco da experiência espiritual de Israel, com sentimentos que caracterizam a mais pura piedade judaica: Deus visita o seu povo, Israel, e o faz reerguer²⁶². O *Magnificat* torna-se assim um apelo a que os crentes se consciencializem das graças que Deus lhes concede e se tornem testemunhas da misericórdia do Senhor²⁶³. Segundo Von Balthasar, Deus quer manifestar o seu amor e esse amor deve poder ser reconhecido pelo mundo. Só pode ser reconhecido, na sua realidade íntima, no próprio amor presente naquele que é amado. Deus faz oferenda da sua graça em seu filho Jesus. Pelo seu *fiat*, Maria torna possível a oblação do dom de Deus em seu Filho Jesus e através daquela *humilde serva* (cf. Lc 1, 38.48), torna-se visível esse encontro original e arquétipo, a penetração do amor de Deus no mundo. Uma resposta viva do amor humano, suscitado pela graça de Deus. À iniciativa divina deve corresponder um abandono original da parte da criatura²⁶⁴. Maria é o elo de inserção do Verbo com a nossa

²⁶¹ Cf. J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus. A surpresa de um retrato*, Prior Velho, Lisboa, 2015, 166-169.

²⁶² Cf. A. CHAPPELLE, «Israël, son serviteur (Lc 1,54)», in, *NRT*, 125 (2003) 176.

²⁶³ Cf. J. DUPONT, *Études sur les évangiles synoptiques*, 953.

²⁶⁴ Cf. H. U. Von BALTHASAR, *L'Amour seul est digne de foi*, Éditions Montaigne, Aubier, 1966, 93-99.

humanidade, a ponte pela qual Deus veio habitar entre nós. Por virtude do Espírito Santo, Maria inaugura a nova humanidade²⁶⁵.

Para W. Kasper, a Igreja aprendeu a ver em Maria, além de testemunho e tipo, uma especial criação da misericórdia divina, onde o pecado é vencido e é criado um novo espaço de vida. Ela é aquela que, entre todas as criaturas, corporiza a forma mais bela e pura do evangelho da misericórdia divina²⁶⁶.

Lucas torna claro, desde o início de seu Evangelho, que Deus tem vísceras de misericórdia e, por isso, move-se para, em Jesus, visitar o seu povo. Uma misericórdia que é exercida por Jesus em favor da viúva de Naim, se torna presente no samaritano, vivida pelo pai misericordioso dos dois filhos e, finalmente, contemplada sobre a Cruz nas palavras de Jesus ao bom ladrão²⁶⁷.

7.4. Misericórdia realizada

Desde o início do ministério de Jesus na Galileia, começam a cumprir-se por palavras, gestos e obras, a misericórdia e a compaixão anunciadas na primeira parte do Evangelho de Lucas. Assim, na sinagoga de Nazaré, Jesus declara que, com a sua presença, se inaugura um ano de graça divina²⁶⁸ (Lc 4,16-21). «*Hoje cumpriu-se aos vossos ouvidos essa passagem da Escritura*», afirma solenemente Jesus, após a proclamação do oráculo de Isaías (cf. Is 61,1-2), que fala da ação libertadora do Messias.

De notar que o versículo 2 da profecia citada por Jesus na Sinagoga de Nazaré tem uma segunda parte que é omitida: “*e um dia de vingança do nosso Deus, a fim de consolar todos os enlutados*”. A omissão é obviamente intencional: Jesus não referiu a vingança de Deus, porque o Deus que n’Ele se revela é o Deus da misericórdia, do perdão e libertação²⁶⁹; Ele é o

²⁶⁵ Cf. G. REMY, «Maternité virginal et filiation divine», in *NRT*, 137 (2015/1) 68.

²⁶⁶ Cf. W. KASPER, *A misericórdia*, 256-258.

²⁶⁷ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 68-70.

²⁶⁸ Cf. J.- M. HERNNAUX, «L’indulgence du Jubilé», in *NRT*, 122 (2000/1) 92.

²⁶⁹ Há neste texto uma certa complexidade, onde Lucas faz a inserção desta passagem da trito-Isaías (56-66). Lucas permanece fiel a versão dos LXX, que contém, em si mesmo, numerosas alterações em relação ao Texto

mensageiro da salvação e da paz e não um profeta da desgraça, é enviado a proclamar e a realizar a boa notícia do reino que está próximo, ou seja, a salvação aos pobres²⁷⁰, como *profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo* (Lc 24,19). Um ano de graça é proclamado a todos aqueles que se encontram oprimidos.

A misericórdia de Deus manifesta-se no agir de Jesus durante a sua vida pública, de Nazaré ao Gólgota onde, na Cruz, tudo se cumpre. E o mandato de Jesus aos discípulos é que sejam eles também sinais credíveis da misericórdia de Deus: *“Em qualquer cidade em que entrardes e fordes recebidos comei o que vos servirem; curai os enfermos que nela houver e dizei ao povo: O reino de Deus está próximo de vós.”* (Lc 10,8-9).

No Evangelho de Lucas é posta em evidência a predilecção pelos humildes, pelos pobres e pelos pecadores, oprimidos pelas circunstâncias da vida²⁷¹: *“Felizes vós, os pobres, porque vosso é o reino de Deus”*. (Lc 6,20). As bem-aventuranças, segundo Lucas (cf. 6, 20-23) rimam com misericórdia... Procurar vivê-las na sua radicalidade, é uma atitude filial: *“Sede misericordioso como o vosso Pai é misericordioso”* (Lc 6, 36); é também a “regra de ouro” do discipulado. Na versão de Lucas, após as bem-aventuranças a favor dos pobres, seguem-se as maldições referentes aos ricos: *“Mas, ai de vós os ricos, porque já tendes a vossa consolação!”* (Lc 6,24)²⁷².

Na parábola do rico e do pobre Lázaro (Lc 16,19-31), Jesus alerta para os perigos que as riquezas representam. Elas podem levar ao endurecimento do coração, tornando-se centro de tudo. O rico não usa de misericórdia para com o irmão e, como acontece na parábola, mergulhado na indiferença, chega a deixar o irmão morrer à sua porta *“Desejava saciar-se com do que caía da mesa do rico. E até os cães vinham lambendo-lhe as feridas”* (Lc 16,21). O pobre

Massorético. Cf. R. KOCK, «Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4,18-19», in *NRT*, 115 (2003/6) 877-879; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 40 ; B. NOUVEL, L'aujourd'hui de la grâce: Jésus à la synagogue de Nazareth (Lc 4,14-30), in *BLE*, 467 (2016/3) 13.

²⁷⁰ Cf. R. KOCK, *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4,18-19*, p. 885.

²⁷¹ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 40.

²⁷² Cf. J. RATZINGER, *Jésus de Nazareth*, Éditions Flammarion, Paris, 2007, 117-120 ; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 40.

Lázaro representa o grito dos pobres de todos os tempos face a um mundo contraditório, onde a maior parte das riquezas encontram nas mãos de poucos. Ignorar o pobre significa ignorar Deus, sublinhou o Papa Francisco, nas suas catequeses sobre a misericórdia. Para o Papa, nesta parábola está escondido o mistério da nossa salvação, no qual Cristo une a pobreza e misericórdia²⁷³.

Para os pecadores, aqueles que mais precisam da misericórdia de Deus, a vinda do reino de Deus é sempre uma Boa Notícia²⁷⁴. A eles, Jesus se dirige de forma privilegiada, ainda que isso acarrete a críticas e a condenação dos “notáveis” da época (cf. Lc 5,30-32). Ele come com os pecadores, prostitutas, cobradores de impostos, e até chama um deles para o grupo dos Doze: “*Depois disto, saiu, viu um publicano, chamado Levi, sentado no posto de cobrança e disse-lhe: segue-me! E, levantando-se, ele deixou tudo e seguiu-O*” (Lc 5,27-28). No entanto, o rico de notável posição, conhecido por “jovem rico” não O seguiu (cf. Lc 18,18-23)²⁷⁵.

Jesus, amigo dos pecadores e publicanos, apesar das críticas, deixou claro que “*o Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido*” (Lc 19,10). Por isso vai até ao ponto de perdoar os pecados, como nos mostra o episódio da pecadora arrependida, em casa de Simão (cf. Lc 7,44-50)²⁷⁶. Jesus é criticado porque *recebe os pecadores e come com eles*, mas aproveita a crítica para um ensinamento sobre a relação entre o amor e a dívida: “*Um prestamista tinha dois devedores: um, devia-lhe quinhentos denários e o outro, cinquenta. Não tendo eles com que pagar, perdoou aos dois. Qual deles o amará mais?*” (7, 41-42). O convite de ir jantar a casa de Simão, que Jesus aceitou, permitiu àquela mulher encontrar-se com o Salvador. A forma como ela acolhe a misericórdia, interpela salutarmente a Simão²⁷⁷.

²⁷³ Cf. PAPA FRANCISCO, *Misericordiosos como o Pai: Catequeses sobre a misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2018, 86-88.

²⁷⁴ Cf. A. GEORGE, *Le miracle dans l'œuvre de Luc*, in X. LÉON-DUFOUR (Dr), *Les miracles de Jésus*, Éditions du Seuil, Paris, 1977, 60.

²⁷⁵ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 40-41.

²⁷⁶ Cf. J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 158-161.

²⁷⁷ Cf. Ph. WARGNIES, «Le tiers inclus dans l'évangile de Luc», in *NRT*, 131 (2009/1), 15-16.

7.5. A misericórdia reconhecida

A misericórdia de Deus que em Jesus se manifesta, vai até ao dom da sua própria vida, oblação que é antecipada sacramentalmente na instituição da eucaristia, na última ceia (cf. Lc 22, 19-20)²⁷⁸. «Jesus dizia: “perdoa-lhe, ó Pai, porque não sabem o que fazem”» (Lc 23, 34), e Ele próprio viveu o amor aos inimigos até ao fim. Todos os que seguem Jesus, e celebram a Eucaristia, são chamados a fazer prova da mesma misericórdia, que Ele anunciou e testemunhou, entregando-Se por todos (cf. Lc 6,35).

Na parábola do bom Samaritano (cf. Lc 10,24-37), ao doutor da Lei que perguntou a Jesus, para o experimentar: «Quem é meu próximo?», o Mestre deixa claro que próximo é aquele que se torna próximo daquele que precisa da sua ajuda. Jesus recomenda ao seu interlocutor que se coloque na escola daquele samaritano com quem não simpatiza – os judeus consideram heréticos, os samaritanos - e faça como ele fez. Na parábola, foi um samaritano a ajudar um judeu, ou seja, alguém que ele não escolheu, mas livremente, tocado até às entranhas pela sua situação, se aproximou e se tornou o próximo daquele que era necessário socorrer²⁷⁹. Assim procede Jesus para conosco, tornando-Se nosso próximo para nos salvar.

Faz-Se nosso próximo, para, através nós, Se tornar próximo de cada um²⁸⁰. Aos seus discípulos, no episódio da multiplicação dos pães (cf. Lc 9, 13-17), dá-lhes este mandato: «*dai-lhes vós mesmos de comer*», isto é, dá-lhes o encargo de continuarem a sua própria missão, tornando-se mensageiros, por palavras e obras, da misericórdia de Deus: «*Em qualquer cidade em que entrardes e fordes recebidos, comei o que vos servirem; curai os enfermos que nela houverem e dizei ao povo: “o reino de Deus está próximo de vós”*» (cf. Lc 10,8-9)²⁸¹.

Para se ser embaixador da misericórdia de Deus é, necessário experimentá-la primeiro, como os pecadores, os pobres e os humildes. Uma ovelha, uma moeda e um filho, estavam

²⁷⁸Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 41-42.

²⁷⁹ Cf. H. PEREIRA - R. BORGES MENESES, «*Na parábola do desvalido no caminho (Lc 10, 25-37): pelo conceito de competência*», in *Burgense*, 57 (2016/1) 107-108;

²⁸⁰ Cf. J. RATZINGER, *Jésus de Nazareth*, 219-226; W. KASPER, *A Misericórdia*, 88-89.

²⁸¹ Cf. C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 42.

perdidos e foram encontrados (cf. Lc 15), todos foram recriados pelo mistério do perdão. É como se Jesus dissesse a cada um: *És tu também esse homem capaz de se inquietar com essa ovelha perdida, que, no entanto, é o teu irmão, e por conseguinte, beneficia da atenção do Bom Pastor*²⁸². Só quem já foi perdoado se alegra com a conversão do pecador. Os fariseus, consideravam-se justos, não precisavam de ser perdoados, não entram na lógica de Jesus e, por isso, O criticam. Não percebem a alegria que Deus tem em acolher os pecadores e ao perdoá-los. Não podem, portanto, ser instrumentos do perdão e da misericórdia de Deus.

7.6. A misericórdia que recria

A parábola do filho pródigo (Lc 15, 11-32), é como que uma pérola evangélica e o ponto alto do Evangelho de Lucas²⁸³, uma história que nos apanha por dentro. Esta parábola retrata o comportamento cheio de misericórdia daquele pai de dois filhos; o filho mais novo, levemente delapida os bens que reivindicou do pai e delapidou-se a ele mesmo, perdendo a dignidade de filho na casa paterna. Porém, a misericórdia paterna supera a expectativa do filho no seu regresso... O Pai recebe-o de novo em casa, não como trabalhador, mas como filho. A misericórdia daquele pai recriou o filho, como filho. Recebê-lo como trabalhador, já lhe garantiria a sobrevivência. Ser-lhe entreque o anel de família, manifesta a misericordiosa gratuidade do pai, como um dom que cura e salva a humanidade do filho. É assim, Deus: Só o excesso do amor misericordioso de Deus nos eleva, de forma absolutamente gratuita, à dignidade da nossa condição filial²⁸⁴, recriando-nos.

O pai deixa partir o filho, acolhe e respeita o risco da sua liberdade, que não reprime, nem suprime. Pela fome que lhe faz doer as entranhas, o filho mais novo percebe o que significa estar na casa do pai. Levanta -se e põe-se a caminho. O pai, perscrutando o horizonte, vê ao

²⁸² Cf. Ph. WAGNIER, *Le « tiers inclus » dans l'évangile de Luc*, 16.

²⁸³ Cf. M. RASTOIN, «Le génie littéraire et théologique de Luc en Lc 15.11-32 éclairé par le parallèle avec Mt 21.28-23», in *NTS*, 60 (2014/1) 17.

²⁸⁴ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 532 ; J. T. MENDONÇA, *Elogio da sede*, 123.

longe o seu filho; não o manda buscar pela força, espera-o, e quando o vê aproximar-se corre ao seu encontro. Jesus, na parábola, coloca frente a frente, duas liberdades que se jogam e são complementares no perdão: o Pai que vai à procura do pecador e o pecador que vem ao encontro do Pai²⁸⁵. Na parábola do filho prodigo é sobretudo o coração do Pai que fala.

Já o filho mais velho, convencido dos seus méritos e agindo com os critérios de uma justiça humana, não se deixa envolver, pelo amor, pela misericórdia, pela justiça do pai. O pai vai ao seu encontro, mas o filho mais velho fica no seu pecado. Dentro de casa, mas tão longe da casa do Pai!

Com esta parábola, Jesus afirma, diante dos seus opositores, a justiça suprema e misericordiosa de Deus Pai, que ultrapassa toda medida expectável. Uma misericórdia que recria, que leva o homem a “regressar à verdade acerca de si mesmo”. É a história de cada homem e cada mulher que Jesus resgata. Deus, cheio de misericórdia, em Jesus vem ao nosso encontro e nos restitui a nossa dignidade de filhos, aquela dignidade que se perde quando se pretende viver como senhor absoluto de si mesmo²⁸⁶, na vã pretensão de buscar a felicidade sem Deus e sem a experiência da solidariedade com os outros. É este Deus, infinitamente bom e misericordioso para com os pecadores, que Jesus propõe que imitemos²⁸⁷.

7.7. O “hoje” da misericórdia na atuação de Jesus.

Nos episódios de Zaqueu (Lc 19,1-10) e do “bom” ladrão (Lc 23, 35-40), Lucas enfatiza o “hoje” da salvação. Aliás, o terceiro evangelista recorre ao advérbio “hoje” nos momentos-chaves da vida de Jesus: no nascimento (2,11), na apresentação no Templo (2,29), no batismo

²⁸⁵ Cf. J. RATZINGER, BENOIT XVI, *Jésus de Nazareth*, 226-232; A. GEORGE, *Le miracle dans l'œuvre de Luc*, 62-63.

²⁸⁶ Cf. R.M. PISÓN LIÉBANAS, «Devenir homme est le chemin de l'expérience de Dieu», in *NRT*, 117 (1995/4) 541-551; D. LOMBARD, «Une lecture de Luc 15», in *Sémiotique et Bible*, 101 (2001/1) 50-55.

²⁸⁷ Cf. W. KASPER, *A Misericórdia*, 90-91; J. T. MENDONÇA, *Elogio da sede*, 123-131; F.R. DARDER, *Lucas, Evangelista da ternura de Deus, Dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, Grafica de Coimbra, 1997, 52-55; M. GOURGUES, «Le Père prodigue (Luc 15,11-32) De l'exégèse à l'actualisation», in *NRT*, 114 (1992/1) 18-20; JOÃO PAULO II, *Dives in misericordia*, 23-29; J. BARTOLOMÉ, «Como vuestro Padre. Perfectos. Misericordiosos. (Mt 5,48; Lc 6,36)», in *Estudios Bíblicos*, 74 (2016/1) 33-50.

no Jordão (3,22), na sinagoga de Nazaré (4,21), no encontro com Zaqueu (19,5.9), no diálogo com o “bom” ladrão (23,45), pelo que pode considerar-se um advérbio característico da teologia lucana: Deus eterno, é “hoje” que nos chama e nos quer salvar; o Seu olhar poisa sobre nós agora e nos julga, desvelando a verdade de cada um, num “hoje” que antecipa e se cumprirá no julgamento escatológico, quando todos forem salvos. Jesus é a boa notícia, o “hoje” do reino e o cumprimento da promessa, que os homens deverão acolher para fazerem a experiência da salvação. É um “hoje” da graça que convida a uma decisão. É a graça de Deus que se cumpre, que se realiza na sua pessoa e que se oferece à liberdade de todos os homens, mesmo para além das fronteiras de Israel²⁸⁸.

Zaqueu procurava ver Jesus, mas Jesus antecipa-se: «*Quando Jesus chegou ao lugar, levantou os olhos e disse-lhe: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa”*» (Lc 19, 5). Jesus toma a iniciativa de chamar Zaqueu e de se convidar para sua casa. É a maneira de Deus tratar os pecadores.

O episódio do “bom” ladrão adquire todo o sentido no contexto onde se situa, naquele diálogo entre Jesus e um daqueles que com Ele foi condenado, estando cada um deles ainda pregado na cruz. O “bom” ladrão dirige a Jesus um pedido: «*Lembra-te de mim quando vieres com o teu reino*», e Jesus lhe anuncia uma salvação bem mais profunda: «*hoje estarás comigo no Paraíso*». O ladrão é o exemplo daquele que se converte, de um pecador que confessa o seu pecado e aceita a sua pena: «*Quanto a nós, é de justiça; estamos pagando por nossos atos*». Jesus pregado na cruz, nu, desprezado, de repente um moribundo, condenado como Ele, reconhece a sua realeza. Jesus afirma ao ladrão que hoje estará com ele no paraíso. Estar com Jesus é ser perdoado, uma das formas por excelência da salvação²⁸⁹. Na verdade, este episódio constitui o mais belo e rico ensinamento sobre o perdão (cf. Lc 23,39-43).

²⁸⁸ Cf. B. NOUVEL, *L'aujourd'hui de la grâce*, 14; J. M. DÍAZ, *La enseñanza y los signos de Jesús*, 82-83.

²⁸⁹ Cf. A. GEORGE, *Le miracle dans l'œuvre de Luc*, 65-66.

Jesus derrama a sua misericórdia, convertida em esperança, no coração do “bom” ladrão. Revela ao “bom” ladrão o sentido da sua existência e lhe promete o paraíso. Este perdão é oferecido a todos os homens no dia de Páscoa. Deus cria todos os homens para a salvação e dá a todos aquilo que é necessário para a alcançar. Uma salvação que é o “hoje da graça” oferecida a todos, aceita por uns e rejeitada por outros, ou seja, é a misericórdia que se acolhe ou se rejeita. Segundo B. Nouvel, a teologia lucana é uma Cristologia do hoje da graça ou da misericórdia, centrada no mistério pascal²⁹⁰. Deus é um Pai de ternura e misericórdia e através de Jesus, o Senhor, podemos descobrir a Sua paternidade.

Conclusão

Misericórdia faz parte do léxico da teologia contemporânea. Na Bíblia, para dizer misericórdia, há três vocábulos hebraicos, similares, que se relacionam: o amor, a misericórdia e o perdão. Aquilo que Deus é em Si mesmo, manifesta-se no seu agir em favor do povo. Segundo o profeta Miqueias, Deus perdoa, ama e é misericordioso (cf. Mq 7,18).

As tradições de Israel deixam transparecer uma relação dialética entre justiça e a misericórdia, onde subsiste a ideia de uma relação jurídica do homem com Deus que, no entanto, foi ultrapassada pela gratuidade do amor para com o próximo (cf. Lv 19,18.34)²⁹¹.

No AT, a misericórdia de Deus manifesta-se em actos realizados que desafiam o mal. Há nela uma matriz feminina, as entranhas maternas de onde nasce a vida. Tudo o que existe, existe por misericórdia de Deus; é Ele quem conduz a história, com amor, justiça e fidelidade, até a sua consumação em Jesus, como plenitude da misericórdia²⁹².

²⁹⁰ Cf. B. NOUVEL, *L'aujourd'hui de la grâce*, 28.

²⁹¹ Cf. O. ARTUS, « *Miséricorde* » et « *Charité* » dans les Traditions d'Israel, 37-38.

²⁹² Cf. F.E. RAMÓN, «Un Dios compasivo y fiel. La misericordia en el Antiguo Testamento», in *AnVal*. Nueva Serie, Año III (2016/5) 74.

No NT, a misericórdia é mais que um auxílio oferecido ao pobre ou o perdão concedido a um pecador²⁹³. Traduz-se pela conjugação destes três vocábulos gregos: *σπλαγχνα*, *οἰκτιρμός*, *ἔλεος*. *Σπλαγχνα* acentua a sede deste sentimento - “víscera” e “coração”; *οἰκτιρμός*, sobretudo com a derivação do vocábulo, *οἶκτος*, *οἶκτο*, acentua a reação compassiva diante da infelicidade do próximo; *ἔλεος* indica, com mais prevalência, um sentimento de íntima comoção ou compaixão, e prevalece mais como *hesed*²⁹⁴.

Falar de misericórdia é falar de Deus, e é a misericórdia divina a referência para todo o crente: “*Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*” (Lc 6,36), ou “*deveis ser perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito*” (Mt 5,48), exortações que estão em perfeita continuidade com o que havia sido dito no AT: “*sereis santos, porque eu sou santo*” (Lv 20,7). As bem-aventuranças têm sua origem em Deus e concretizam-se em Jesus, através dos seus gestos, obras e palavras, ou seja, através de toda a sua pessoa²⁹⁵.

Tanto no AT como no NT, a misericórdia humana deve ser à semelhança da misericórdia divina que sempre a precede e a motiva. A variedade de termos, tanto no hebraico, como no grego, usados para exprimir a misericórdia, manifestam bem que o conceito não é unívoco e tem várias “nuances” de intensas, profundas e de uma grande riqueza. Deus é rico em misericórdia (cf. 1Pe 1,3).

O Evangelho de Lucas tem grande relevância na manifestação messiânica dos atributos divinos. Jesus surge à maneira de Moisés: na confluência do Deus da justiça e da misericórdia. Jesus apela à prática da justiça de Deus (cf. Lc, 10,12-15; 13,25), não menos que à sua misericórdia: “*Pai, perdoa-lhes: não sabem o que fazem*” (Lc 23,34). Em Cristo há, naturalmente uma superioridade em relação a Moisés e aos profetas, porque ele age com autoridade divina (cf. Lc 5,17-26). Por isso, em Lucas, todo o Evangelho é visto como uma visita misericordiosa de Deus, e Jesus é apresentado como sujeito dos atributos “*rahamim*”

²⁹³ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 38.

²⁹⁴ Cf. H. HESSER, *ἔλεος*, 1002.

²⁹⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Dives in Misericórdia*, (nº 2), p. 6; C. VILLAE, *La miséricorde dans la Bible*, 11.

divinos²⁹⁶, clemente e compassivo: que se compadece e perdoa: “O Senhor, ao vê-la, ficou comovido e disse-lhe: ‘Não chores!’” (Lc, 7, 13). A intervenção de Jesus em favor da viúva, é interpretado como visita de Deus ao seu povo.

São Paulo, na carta aos Efésios, diz melhor que ninguém e numa forma muito sintética, tudo o que procurámos dizer: “Deus, que é rico em misericórdia, pelo grande amor com que nos amou, quando estávamos mortos em nossos delitos, nos vivificou juntamente com Cristo- pela graça fostes salvos! - e com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos céus, em Cristo Jesus, a fim de mostrar nos tempos vindouros a extraordinária riqueza da sua graça, pela sua bondade para conosco, em Cristo Jesus. Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho. Pois somos criaturas dele, criados em Cristo Jesus para as boas obras que Deus já antes preparara para que nelas andássemos (Ef 2, 4-10).

²⁹⁶ Cf. J. P. SONNET, *Justice et miséricorde*, 20-21.

CAPITULO TERCEIRO

Retorno à vida do filho da viúva Naim: a trilogia das personagens

Introdução

Lucas escolhe este extraordinário acontecimento da ressurreição do filho único de uma viúva, para apresentar a verdadeira identidade de Jesus: as duas multidões em cena – os que com Jesus entram na cidade e o cortejo fúnebre que se encaminha para fora de portas – acabam por, em uníssono, professar que Jesus é um grande profeta e, através d’Ele, Deus visitou o seu povo. Um testemunho que se propaga para além das fronteiras de Naim²⁹⁷.

Neste episódio, Lucas apresenta a compaixão visceral de Jesus, que revela a perspicácia da Sua percepção, assim como a profundidade da Sua participação no sofrimento do outro. Diante da dor extrema da viúva de Naim, manifesta-se, espontaneamente, a misericórdia divina que constitui um dos traços constitutivos da revelação de Deus a Israel (cf. Jr 31, 20; Is 54, 7). No comportamento de Jesus, cumpre a profecia: Deus visita o Seu povo²⁹⁸. Se Deus é amor (cf. 1 Jo 4,8), este amor manifesta-se na encarnação redentora do Filho, que sendo Deus assume por inteiro a condição humana, expressão máxima da misericórdia (cf. Ef 2, 4-5; 1Pe 1, 3-4). Diante do enigma da morte, Jesus, o Senhor, inaugura a vitória salvífica de Deus sobre a morte.

Neste capítulo, correndo o risco de nos repetirmos, faremos uma breve análise introdutória da perícopes objecto do nosso estudo, para uma melhor compreensão e enquadramento mais próximo, no Evangelho de Lucas, da questão dos milagres. Com a mesma intenção, voltaremos a fazer, de forma sucinta, a apresentação dos personagens e dos papéis que cada uma exerce no episódio narrado. Jesus, o *Κύριος*, é o centro, o protagonista deste relato do qual o evangelista se serve para sublinhar, em Jesus, uma compaixão que mexe com

²⁹⁷ Cf. M. SEVIN, *L’approche des textes bibliques*, 255.

²⁹⁸ Cf. M. SALVIOLI, *La misericordia invisibile del Padre nella compassione visibile di Gesù*, 86-87.

as entranhas, característica da misericórdia de Deus e, por isso, reveladora da Sua identidade divina.

8. Enquadramento de Lc 7 11-17 dentro do Evangelho lucano

A narração evangélica lucana, segundo as diferentes divisões das edições críticas, consta de 19.404 palavras, que descrevem 146 episódios e outras unidades narrativas, distribuídos por 24 capítulos. Tendo em conta o Livro dos Actos, também de Lucas, com 18.374 palavras para a narração de 86 relatos, distribuídos por 28 capítulos, a obra de Lucas é a mais extensa do Novo Testamento²⁹⁹.

O objectivo do Evangelho de Lucas, segundo a Tradição, é despertar-nos para a verdade; assumirmos, diante da salvação operada por Cristo, a responsabilidade da fé no hoje da história, de modo que a salvação alcance a todos. Aos discípulos, guiados pelo Espírito Santo, é confiada, em Jerusalém, a missão de anunciar Jesus Morto e Ressuscitado, torná-Lo presente através dos Seus gestos, actos e palavras.

O Evangelho lucano é chamado o “Evangelho da Misericórdia” (cf. Lc 6, 36): Deus, por amor à humanidade, envia ao mundo o seu filho, para que cada mulher e cada homem realize a sua vocação de filho de Deus. Jesus é a expressão definitiva da misericórdia de Deus para se unir a Israel e alcançar os pagãos³⁰⁰.

Jesus, depois das tentações no deserto (cf. 4,1-9), na sinagoga Nazaré, aplica a Si a profecia de Isaías, proclamando um ano de graça do Senhor (cf. Lc 4, 18-19), um ano marcado pela misericórdia que se irá manifestar na sua pessoa por gestos e palavras, curas e pelo perdão para com todos³⁰¹. Em Cafarnaum, realiza as primeiras curas e chama os primeiros discípulos (cf.

²⁹⁹ Cf. R. A. MONASTERO - A. R. CARMONA, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 2ª ed. Verbo Divino, Pamplona, 1994, 286-287.

³⁰⁰ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 24-29.

³⁰¹ Cf. D. RAMIS, *Lucas, Evangelista da Ternura de Deus*, 30; A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec Saint Luc*, 531.

Lc 5, 1-11). Depois de rejeitado pelos conterrâneos, começa a fazer a experiência dos primeiros confrontos com os fariseus e líderes do sistema vigente, para quem as suas acções e palavras não passam despercebidas.

8.1. Enquadramento literário do texto (Lc 7, 11-17)

O episódio de Naim enquadra-se num amplo ensinamento de Jesus aos discípulos, depois da cura do servo do centurião romano, em Cafarnaum (Lc 7,1-10), e antes do encontro com os enviados de João Baptista, que transmitem a Jesus a pergunta que o precursor mandou fazer: “*és aquele que há de vir ou devemos esperar outro?*” A resposta de Jesus no final de Lc 7,22-23, “[...] *os mortos ressuscitam, a Boa Nova é anunciada aos pobres. E feliz de quem não encontrar em mim ocasião de queda*”, situam o episódio da viúva de Naim no contexto da revelação de Jesus como manifestação da misericórdia de Deus.

A perícopé está integrada na secção do Evangelho de Lucas dedicada ao ministério de Jesus na Galileia (Lc 4,4-9,50), que, expulso da terra onde fora criado (cf. Lc 4, 29), inaugura uma intensa actividade pública e itinerante³⁰². Esta secção evangélica debruça-se sobre a identidade de Jesus, que através dos seus gestos e palavras, dão testemunho d’Ele como Messias. Lucas, em todo o capítulo 7 (vv. 1-50), dá grande relevo aos gestos de misericórdia de Jesus, que levam muitos a acolhê-Lo como a visita de Deus (v.16) no seu Messias Salvador³⁰³. Na verdade, o capítulo 7 ocupa um lugar primordial na revelação de Jesus, que culmina na profissão de fé de Pedro (cf. Lc 9, 20). Herodes perplexo, procura saber quem Ele é (cf. Lc 9,9); os discípulos, com Pedro, afirmam que Ele é *o Cristo de Deus*. A sua identidade afirma-se num percurso geográfico, num confronto progressivo com Jerusalém que persegue e mata os profetas (cf. Lc 13,34). Jesus resistindo às categorizações de que é alvo, define-se a

³⁰² Cf. J.T. MENDONÇA, «Identidade e enigma: a interacção das personagens na secção galilaica de Lucas», in *Didaskalia*, 35 (2005) 175.

³⁰³ Cf. N. FUSARO, *Con-Passione*, 96-98;

si mesmo, através da sua história, tendo como ponto alto a cruz, como Messias e Filho de Deus³⁰⁴.

8.1.1. Enquadramento em relação ao texto precedente

O milagre de Naim segue-se à cura do servo do centurião em Cafarnaum (Lc 7,1-10). Na opinião de P. Lagrange, Lucas terá enquadrado aqui este episódio por causa da resposta de Jesus à interpelação de João Baptista (cf. Lc 7, 18-23)³⁰⁵. Jesus decide ir até Naim, sem um convite expresso ou uma decisão solidária dos que o acompanhavam. Uma caminhada seguida, até Naim, marcada pelo silêncio. Tudo parece previamente combinado e marcado pela pressa do tempo, e decorre ao longo de um único dia, com a saída de Cafarnaum pela manhã, muito cedo, para chegar a Naim a tempo, de no próprio dia, como era costume, enterrar o morto³⁰⁶.

À chegada, o encontro com o cortejo fúnebre à porta da cidade. Momento chave acontece quando Jesus, movido pela compaixão, realiza o prodígio e entrega o jovem a sua mãe. Tudo termina com um final feliz: aqueles que acompanhavam o defunto e sua mãe a fim de o enterrarem fora da cidade, e os que chegam acompanhando Jesus, quebram o silêncio e, em conjunto, formando um só povo, glorificam a Deus. Para além do itinerário geográfico, temos, no final do episódio, o termo de um caminho teológico, ou seja, uma palavra que explicita a identidade de Jesus: *Um grande profeta, Deus que visita o seu povo*. O encontro de Jesus com a viúva é o que provoca este ponto de chegada³⁰⁷.

8.1.2. Enquadramento em relação ao texto subsequente

Como já referimos, o episódio fundamenta a resposta de Jesus aos enviados de João Baptista, em Lc 7, 22: *“os mortos ressuscitam”*. À pergunta de João Baptista transmitida pelos

³⁰⁴ Cf. J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 179-182.

³⁰⁵ Cf. P. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Luc*, 208.

³⁰⁶ Cf. PERONDI, Ildo, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 179-182; J. SCHMID, *El Evangelio según San Lucas*, 207.

³⁰⁷ Cf. M. SEVIN, *L'approche des textes bibliques*, 256.

seus discípulos, Jesus responde, resumindo a sua atividade, que o identifica como sendo o Messias esperado por Israel. As obras referidas manifestam que Ele é Cristo, o Messias. Jesus cumpre as promessas messiânicas e alerta sobre os perigos que a sua resposta pode suscitar: *E feliz aquele que não ficar escandalizado por causa de mim* (Lc 7, 23). Para os que não acreditam em Jesus, Ele pode tornar-se uma ocasião de queda ou escândalo. Aqui podemos lembrar a profecia de Simeão: “*Eis que este menino foi posto para a queda e para elevação de muitos em Israel, e como um sinal de contradição* (Lc 2, 34). O desafio feito a João Baptista é aceitar a misericórdia divina n’Aquele de quem esperava a manifestação da sua justiça. Através da sua solicitude compassiva e misericordiosa para com os pecadores e os que sofrem - os mesmos sinais pelos quais Jesus quer que os seus discípulos sejam reconhecidos (cf. Jo 13, 35) – cumpre a sua missão de enviado do Pai.

8.2. Milagres em Lucas

Os milagres nos evangelhos não passam despercebidos, apesar de, no NT, serem uma questão complexa³⁰⁸. São fundamentalmente sinais que anunciam um tempo novo. Segundo Léon-Dufour, milagre é um *sinal* que Deus faz aos homens, a partir de um acontecimento surpreendente, que se deixa reconhecer mediante a fé³⁰⁹. A chave da sua interpretação, segundo T. Mendonça, é o próprio Jesus e a totalidade do seu destino³¹⁰. A fé aparece em Lucas como participação do homem na salvação oferecida em Jesus. Os milagres são obras de Deus, por isso os assistentes e os miraculados glorificam à Deus (cf. Lc 7,16; Mc 2,12; Mt 15,31; At 3,8).

Para P. Monnier, nos escritos joânicos, os milagres de Jesus são chamados de σημεῖον (*sinais*), enquanto que nos Sinópticos o termo empregue - δύναμις – refere a força, o poder. No Evangelho de João os «sinais» constituem a chave hermenêutica da fé em Jesus que se revela.

³⁰⁸ Cf. P. HAUDEBERT, «Symboles et paraboles ? Les miracles évangéliques», in *NRT*, 111 (1989/2) 249.

³⁰⁹ X. LÉON - DUFOUR, *Études d’Évangile*, Éditions du Seul, Paris, 1965, 126.

³¹⁰ J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 122.

A ressurreição é o sinal dos sinais da revelação cristológica, ou seja, o sinal fundamental e primordial da nossa fé³¹¹.

A comunidade nascente via nos milagres de Jesus, não só, a manifestação do poder (*dynamis*) de Deus, mas também, sinais da redenção a acontecer. São sinais escatológicos, anunciadores do Reino (cf. Lc 11,20), do cumprimento dos tempos messiânicos (cf. Lc 7,22).

Os milagres de Jesus são narrados numa linguagem quase sempre simbólica: «recuperar a vista», «andar», «dar a vida», «pôr de pé». Por exemplo, o gesto de “pôr de pé” significa a ressurreição. Em grego o verbo *anistémi*, significa “levantar” e “ressuscitar”. Embora conhecendo estes dois termos, o NT prefere o verbo *egeirein*. *A sogra de Pedro se levantou* (cf. Mt 8,15), *o paralítico levantou-se* (cf. Mt 9,5-7), a filha de Jairo, chefe da sinagoga, que já estava morta, foi-lhe ordenado que se levantasse (cf. Mt 9,25), Jesus reergueu o epilético endemoninhado (cf. Mc 9,27). Este mesmo verbo *egeirein* também designa um poder de outra ordem: a ressurreição espiritual do cristão. É a partir desta simbologia que se podem compreender os milagres e sinais redentores de Jesus³¹². São sinais realizados por Jesus sobretudo em favor dos pobres, como uma forma de união entre Deus e suas criaturas mais débeis.

Em Lucas, na opinião de A. George, os milagres são extremamente interessantes, não só pela abundância de pormenores, como também pela perspectiva missionária do seu autor, e da sua cultura helénica, que o diferencia da visão tradicional judaico-cristã³¹³.

Lucas faz referência sobretudo aos milagres de cura e aos exorcismos, com uma cuidada descrição das doenças, cujas causas são atribuídas aos demónios. Jesus, o mais forte, é apresentado por Lucas como vencedor de Satanás (cf. Lc 13,15; At 10,38), que triunfa sobre todo o mal. Jesus aparece como taumaturgo, através da simplicidade dos seus gestos e das suas

³¹¹ P. MONNIER, «Jésus ressuscité, le prophète plus grand que Moïse : Lecture de Jn 21,1-14», in *NRT*,139 (2017/1) 3-14.

³¹² Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Études d'Évangile*, 127-129.

³¹³ Cf. A. GEORGE, *Le miracle dans l'œuvre de Luc*, 249.

palavras de cura, inseridos no contexto do seu ensinamento, ou seja, no contexto de uma palavra que interpreta os gestos que realiza³¹⁴. Esse mesmo poder é transmitido por Jesus aos seus enviados (cf. At 9,36-42), com o objetivo de assegurar a continuidade da sua missão salvífica. Lucas é o único dos evangelistas a evocar explicitamente os milagres dos profetas do AT e, depois de Jesus, os milagres da Igreja nascente. Todos os milagres estão ao serviço da palavra, anunciando a salvação, convidando a uma decisão, à profissão de fé. São uma antecipação escatológica, que assinalam a presença do Reino de Deus a acontecer pelo poder da palavra de Jesus. A maioria dos seus milagres têm como destinatários preferenciais, os mais desfavorecidos. A tónica não são os milagres, mas sim a salvação já presente (cf. Lc 10,20).

8.2.1. O Milagre de Naim

A ressurreição do filho da viúva de Naim e a da filha de Jairo, são relatos da ressurreição narrados por Lucas, no seu Evangelho. No episódio de Naim, temos mãe e filho; e do outro relato, pai e filha. Nos Atos dos Apóstolos, Lucas narra dois milagres semelhantes: um de Pedro, que ressuscita Tabita, em Jope (cf. At 9,36); outro de Paulo, que ressuscita Êutico, em Tróade (cf. At 20, 7-12). Todos estes milagres têm por protagonistas pessoas jovens, cuja a morte tem um carácter mais trágico, e têm também semelhanças com outros episódios do Antigo e do Novo Testamento³¹⁵. Ao contrário da ressurreição da filha de Jairo, que acontece na intimidade da casa do chefe da sinagoga, a do jovem de Naim acontece na presença de todo o povo.

Há uma influência e semelhança entre estes dois episódios, que Lucas procura realçar, e aquele que relata a ressurreição do filho da viúva de Sarepta, por Elias (cf. 1Re, 17, 17-24), embora seja evidente a intenção do evangelista em fazer ressaltar a superioridade do milagre de Naim, em relação a de Sarepta. Têm vocabulários idênticos, ambos referem um filho único que,

³¹⁴ Cf. A. GEORGE, *Le miracle dans l'œuvre de Luc*, 249-268 ; J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 122.

³¹⁵ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 349-350.

depois de reanimado, começou a falar. Como temos vindo a referir, o milagre de Naim tem como única motivação a compaixão e o poder do mensageiro de Deus, o Κύριος.

Lucas tem a intenção de mostrar Elias como um “*typos*” de Jesus. Sendo ambos profetas, os seus milagres estão ao serviço da mensagem que transmitem, mas faz saber que Jesus é bem mais do que um profeta, e por isso lhe chama de “Senhor” no momento em que revela o seu poder sobre a morte, ressuscitando o jovem de Naim (cf. Lc 7,13). Um milagre interpretado como visita de Deus ao seu povo³¹⁶, um Deus cheio de misericórdia que se expressa gestos que erguem, que curam, que restabelecem relações e que libertam da própria morte.

A missão de Jesus é caracterizada por uma profunda empatia com o homem sofredor. A sua compaixão misericordiosa não é um sentimento superficial, mas visceral, sinal daquele amor incondicional de Deus, que vai até ao dom total de si (cf. Ef 2, 4-7)³¹⁷. O encontro daquele que está em situação de sofrimento com a misericórdia divina, faz passar da morte para a vida; a misericórdia vivifica!

O Papa Francisco, na audiência geral do dia 10 de Agosto de 2016, em pleno Ano Santo da Misericórdia, comentou assim o episódio da viúva de Naim:

«[...] A grande dor da mãe comove Jesus e provoca o milagre da ressurreição. O Senhor Se faz próximo para encontrar cada um de nós, para trazer e oferecer a sua poderosa palavra de consolação: “Não chores!” (v.13). A cada um de nós diz: “Levanta-te! Põe-te em pé como Deus te criou!”

[...] A misericórdia é um caminho que tem início no coração e chega às mãos, isto é, às obras de misericórdia. Do coração perdoado e com a compaixão de Jesus começa o caminho rumo às mãos, isto é, para as obras de misericórdia. Todos façamos o mesmo caminho, que vai do coração às mãos: “Levanta-te! Vai, vai!”; e com este “vai!” - em pé- saímos pela porta da saída. É a Igreja em saída: o caminho da misericórdia que vai do coração às mãos. Percorrei este caminho! »³¹⁸

³¹⁶ Cf. A. GEORGE, *Les miracle dans l'œuvre de Luc*, 252-258.

³¹⁷ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 352; M. SALVIOLI, *La misericordia invisibile del Padre nella compassione visibile di Gesù*, 68-86.

³¹⁸ PAPA FRANCISCO, *Misericordiosos como o Pai*, 111-114.

O milagre de Naim retrata o mistério central da nossa fé, onde Jesus pré-anuncia a ressurreição escatológica dos mortos³¹⁹. A ressurreição de Jesus, faz-nos reconhecer que a morte de cada um de nós não se encerra no vazio, mas vai sempre ao encontro da morte de Cristo e da sua ressurreição. Toda a morte e cortejo fúnebre, à semelhança do filho da viúva de Naim, cruza-se, no caminho, com Cristo ressuscitado, que está sempre presente nas dores e sofrimentos de cada um, com palavras de consolação, como vencedor da morte que nos chama a viver, desde já, na esperança da nossa ressurreição³²⁰.

9. A Trilogia das personagens: Jesus, a mãe viúva e o povo

Referindo-se a este episódio, J. T. Mendonça, em *A construção de Jesus*, diz: “Em, 7,11 assinala-se o início de um novo episódio, com uma marca de sucessão temporal, outra referência geográfica e distintas personagens. Estamos também perante um episódio de cura, mas desta vez mais radical, pois se o servo do centurião estava para morrer (7,2) o filho único daquela viúva havia falecido (7,12). É como se o poder de Jesus se fosse manifestando em crescendo”³²¹.

Neste episódio é apresentada a identidade e enigma de Jesus em interacção com outros personagens, no universo desta trama: Jesus, os seus discípulos, a mulher viúva, o jovem e a multidão. Estas figuras que emergem na narrativa, são iluminadas enquanto se cruzam com o protagonista, sejam elas figuras meta-terrenas ou figuras terrenas, colectivas ou individuais³²². Há uma permanente presença de Deus, por vezes indireta, na narrativa, ou em Jesus ou na boca de algum dos outros personagens. As multidões exclamam dizendo: *Um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo* (Lc 7,16). É o próprio Deus que é glorificado por meio do seu Filho Jesus, pelas maravilhas realizadas³²³.

³¹⁹ Cf. S. SABUGAL, *Joven, te lo digo, levántate!*, 470.

³²⁰ Cf. F. BRONSSIER, [et al.], *Parole de vie*, 47.

³²¹ J. T. MENDONÇA. *A construção de Jesus*, 123.

³²² Cf. J. T. MENDONÇA, *Identidade e enigma*, 176-179.

³²³ Cf. X. LÉON-DUFOUR, *Études d'Évangile*, 209.

As figuras meta-terrenas³²⁴ têm em comum um conhecimento preciso sobre a identidade de Jesus, enquanto no plano terreno permanece uma incógnita. Há uma tensão entre os conhecimentos que as figuras meta-terrenas possuem e a interrogação que as figuras terrenas perseguem. Para a primeira tipologia, figuras terrenas coletivas, usam-se os binómios: multidões/discípulos; publicanos/pecadores; fariseus/legisladores, numa representação que explora os efeitos da síncri³²⁵. A maior parte das figuras terrenas individuais destacam-se das colectivas, com características próprias do grupo proveniente. Neste episódio, o filho da viúva de Naim, apenas nos debruçaremos sobre alguns dos personagens: Jesus, como centro da narração, a mulher, o povo e, indirectamente o filho da viúva.

9.1. Jesus, o grande profeta, o *Κύριος* enviado de Deus

Agora todos glorificam a Deus e reconhecem Jesus como grande profeta, o *Κύριος* enviado de Deus, o Messias. Sentem que não estão sozinhos, porque Deus, em Jesus, voltou a visitar o seu povo. O Cristo é aquele que os profetas anunciaram, ou seja, é o próprio objecto da profecia. Jesus é a palavra de Deus que se fez carne, que veio habitar entre nós (cf. Jo 1,14). Ele é profeta por excelência, onde a profecia sobre o Messias se cumpre³²⁶.

Lucas escolhe este trágico episódio para apresentar a verdadeira identidade de Jesus. Enquanto personagem, há uma construção gradual de Jesus pelo processo narrativo que nos avizinha da inalienável singularidade da sua pessoa. Neste episódio, Jesus é caracterizado com traços de tipologias proféticas e confirma esta tipologia ao ressuscitar o filho único da viúva de Naim. O povo proclama-o não só como grande profeta, mas também como Deus que visita o seu povo (cf. Lc 7,16)³²⁷. Jesus é quem realiza, na sua pessoa e missão, os traços que

³²⁴ Os personagens Moisés e Elias devem igualmente ser consideradas figuras meta-terrenos, como símbolos da Lei e dos Profetas.

³²⁵ Cf. J. T. MENDONÇA, *Identidade e enigma*, 178-179; M. SEVIN, *L'approche des textes bibliques*, 255.

³²⁶ Cf. P. GARUTI, «La prophétie après Jésus Christ: un *no man's land?*», in *Angelicum*, 93 (2016/3) 495-511.

³²⁷ Cf. J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 115-134. Nesta mesma linha, ressalta J. T. Mendonça: “Na peripécia veterotestamentária o milagre é relatado para demonstrar que Elias é um verdadeiro profeta de Deus: «Eis que reconheço que tu és um homem de Deus e que a palavra do Senhor na tua boca é verdade» (1Rs 17,24),

caracterizam o Elias escatológico. Contudo, na sinagoga de Nazaré, todos, enfurecidos o expulsaram, recusando o seu estatuto profético³²⁸.

O carisma profético é um dos traços cristológicos mais importantes e que é posto em evidência neste episódio. “*O espírito do Senhor está sobre mim*” (Lc 4,18). Jesus, aplicando a si próprio esta passagem, apresenta-se como o Messias, Cristo, aquele que os profetas anunciaram. Ele fala como porta-voz de Deus, ou seja, como o Verbo que se fez carne e veio habitar, construir a sua tenda no meio de nós (cf. Jo 1,14)³²⁹.

Jesus é “um grande profeta” que personifica a salvífica “visita de Deus ao seu povo”, reconhece a comunidade constituída por aqueles a quem Lucas dirige o seu Evangelho. O evangelista afirma gradualmente: Jesus é o novo Elias; é Deus que veio visitar o seu povo; é o “Senhor”, o grande profeta messiânico, humanamente compassivo para com os sofrimentos e divinamente poderoso para com os mortos, é superior a Elias³³⁰. No episódio de Naim, é utilizado não apenas o substantivo «profeta», mas também o adjectivo «grande»: grande profeta!

Lucas atribui a João Baptista um papel importante na caracterização de Jesus e na percepção da sua identidade, sobretudo pelo impacto que a pergunta formulada por João tem na narração: «*És tu, aquele que há de vir ou devemos esperar outro?*». (7,20). No Deuterónimo (cf. Dt 18,15.18) alude-se à esperança do surgimento de um grande profeta, como Moisés, pelo que não é de estranhar a pergunta de João Baptista. Porém, Jesus transcende o próprio paradigma profético, que em Israel se encontrava ultrapassado.³³¹ Aceitar que Jesus era um profeta, ajudou o povo a reconhecer n’Ele aquele que Deus anunciara a Moisés, como se verifica com a Samaritana (cf. Jo 4) e, depois, com Natanael: *Filipe encontrou Natanael e lhe*

confessa a viúva. No texto de Lucas há uma espécie de desprivatização deste reconhecimento e o narrador diz que «todos» proclamavam a identidade profética de Jesus. J.T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 127.

³²⁸ Cf. L. PANIER, «Luc 4,14-30. Des formes d’annonciation», in *Sémiotique et Bible*, 140 (2010) 6-20.

³²⁹ Cf. P. GARUTI, *La prophétie après Jésus Christ: un no man’s land?*, 495.

³³⁰ Cf. S. SABUGAL, *Joven, te lo digo, levántate!*, 472-473; J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 129.

³³¹ Cf. J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 129-142.

diz: “Encontramos aquele de quem escreveram Moisés, na Lei, e os profetas: Jesus, o filho de José, de Nazaré” (Jo 1,45).

J.P. Sonnet, referindo-se a Jesus dentro da trama da compaixão divina, diz: «Podemos dizer que Jesus se encontra precisamente onde se encontrava Moisés: no ponto de articulação, em Deus, da justiça e da misericórdia». Esta é, segundo o autor citado, a novidade messiânica que faz descobrir Cristo no interior dos atributos divinos³³². Esta *synkrisis* entre Jesus e Moisés permite reconhecer Jesus como o profeta maior do que Moisés. Refere J. T. Mendonça que o título profético atribuído à Jesus, é demonstrado pela própria narração como não sendo adequado para descrever a novidade da pessoa e do ministério de Jesus. O seu ministério se revela progressivamente como cumprimento dos tempos escatológicos e pede uma outra designação. Ele instaura e torna presente o Reino de Deus e tem um estatuto divino em relação ao Reino. O uso da categoria profética é eminentemente persuasivo³³³.

9.1.2. A misericórdia divina revelada nas “σπλαγχνα” de Cristo

Jesus é o personagem principal, o sujeito das principais acções: a decisão de ir para Naim, viu a mãe, foi movido de compaixão, disse à mãe, aproximou-se do morto, tocou a padiola, disse ao jovem, o entregou à sua mãe³³⁴.

Σπλάγχνα é o lugar específico da revelação, em Cristo, da misericórdia divina, é lá onde Deus manifesta a sua compaixão por cada criatura que sofre, e a sua vontade salvífica³³⁵. Em Cristo o amor misericordioso de Deus se torna visível. É o objecto da Sua própria missão,

³³² J.P. SONNET, *Justice e miséricorde*, 21 ; P. MONNIER, *Jésus ressuscité, le prophète plus grand que Moïse*, 13-14.

³³³ J.T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 146-147.

³³⁴ Cf. M. L. VEYRON- MAILLET, *Polisémie d'un texte*, 187.

³³⁵ Cf. K. BIELINSKI, *La misericordia divina revelata negli «splanchna» di Cristo*, 199-200.

que anuncia um novo modo de pensar e agir. Por isso não é possível aderir ao Deus da misericórdia sem contemplar o Seu rosto, em Cristo.

Em Cristo se cumprem as promessas, com Ele chega a misericórdia de Deus, a salvação, *luz para iluminar as nações e glória de Israel, seu povo* (cf. Lc 2, 32). É sempre através da pessoa de Cristo que Lucas, e outros evangelistas, e nós mesmos, podemos perceber a ternura misericordiosa de Deus. É por Cristo e n'Ele que toda a misericórdia revelada na tradição do AT atinge a sua significação e plenitude, porque Ele encarna e personifica a misericórdia. Para Lucas, de algum modo, nas entranhas (*σπλαγχνα*) de Jesus se encarna a misericórdia onde a ternura de Deus é revelada e interpretada. Por isso, em Cristo se vê Deus: “Quem me vê, vê o Pai”, disse Jesus à Filipe (Jo 14,9). Em Cristo se revela o rosto de Deus, a misericórdia em acto, manifestada na história, ou seja, a misericórdia invisível do Pai se torna visível na compaixão visível do Filho. N'Ele Deus se faz próximo dos homens e das mulheres que sofrem, exercendo o seu poder libertador de várias formas³³⁶. Na Bula, *Misericordiae vultus*, encontramos um convite a olhar para Cristo, o rosto da misericórdia do Pai, e reconfortados com o seu olhar, dirigir também o nosso olhar actuante em favor dos mais necessitados (cf. nº 1).

Paulo, na Epístola aos Colossenses, qualifica Cristo como «a imagem do Deus invisível, o primogénito de toda criatura» (Col 1,15).³³⁷ É através da auto-revelação de Deus na História que temos um mais fácil acesso ao conhecimento da misericórdia como traço divino. Para o Apóstolo dos gentios, a expressão *σπλάγχνα* é usada para caracterizar o amor pessoal dos discípulos de Jesus. Só em Cristo é possível a realização deste amor compassivo que caracteriza profundamente o homem na sua totalidade³³⁸.

Alexandre Palma considera que o testemunho cristão supõe a ideia de compaixão, isto é, a capacidade de «sofrer com» (*com-passio*). Jesus é a definitiva resposta de Deus sobre o que

³³⁶ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 535-538.

³³⁷ Cf. M. COUNE, «Saint Luc et le mystère de la Transfiguration», in *NRT*, 108 (1986/1) 3-12.

³³⁸ Cf. K. BIELINSKI, *La misericordia divina revelata negli «splanchna» di Cristo*, 220.

é a misericórdia, pois n'Ele esta se revela como palavra e gestos vívidos³³⁹, e atinge o seu vértice e ganha rosto no permanente gesto da sua vida entregue, na sua morte e ressurreição. Na verdade, a revelação do Pai, “rico em misericórdia”, encontra a sua concretização em Jesus, pelo que, sublinha S. Lucas, n'Ele, presença de Deus, se manifesta o poder de mudar o trágico destino do homem vulnerável³⁴⁰.

9.1.3. Os gestos misericordiosos de Jesus

Percorrendo o Evangelho lucano, percebemos que em Jesus a misericórdia de Deus é apresentada em múltiplas situações: nos encontros de Jesus; nas histórias narradas por Jesus, em especial nas chamadas “parábolas de misericórdia”; nas palavras assertivas de Jesus; no seu olhar; nos seus actos concretos, que revelam o agir e a bondade de Deus que cura, conduz, reintegra e mantém vivo³⁴¹.

Através dos seus gestos e palavras, podemos descortinar como é que n'Ele a misericórdia acontece, se manifesta e ganha um rosto³⁴². De acordo com as palavras de Jesus, a misericórdia é a razão de ser da sua missão e introduz-nos na lógica do Reino dos Céus. Nos seus gestos e palavras encontramos manifestações concretas e comprometidas de compaixão para com o próximo e neles – nos seus gestos e palavras – há uma perfeita sintonia: as palavras iluminam o sentido dos seus gestos e os seus gestos dão corpo às suas palavras. Sem acção não há verdadeira misericórdia, pois são os gestos que a concretizam. Na parábola do bom samaritano, que usou de misericórdia para com aquele que caiu nas mãos dos salteadores, Jesus pergunta: “qual destes três te parece ter sido o próximo daquele homem que caiu nas mãos dos salteadores?”, O Escriba respondeu: “aquele que usou de misericórdia para com ele”. Concordando, Jesus conclui, dizendo: “Vai e faz tu também o mesmo” (cf. Lc 10, 36-37). A

³³⁹ Cf. A. PALMA., «Jesus: rosto da misericórdia», in J. AMBROSIO, (Coor.), *A misericórdia de Deus: Coração pulsante do Evangelho*, Juan AMBROSIO (Coord.), UCP, Lisboa, 2016, 104-122; P. C. MORALES, “Como voestro Padre es misericordioso”. *La misericordia en el Evangelio de Lucas*, 307.

³⁴⁰ Cf. K. BIELINSKI, *La misericordia divina revelata negli «splanchna» di Cristo*, 200-208.

³⁴¹ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 529-541.

³⁴² Cf. P. C. MORALES, “Como voestro Padre es misericordioso”, 287-292.

misericórdia não é só um sentimento que comove internamente as entranhas de Deus ou das pessoas, mas sim um sentimento que leva à acção, ao compromisso no bem e na salvação dos outros. Jesus denuncia o desprezo da misericórdia como uma traição à Lei da Aliança e confere, assim, uma centralidade à misericórdia na justa interpretação e vivência da Lei (cf. Mt 23,23)³⁴³.

A sociedade judaica no tempo de Jesus, encontrava-se regulada por regras e normas de natureza social e religiosa, com limites bem definidos. Porém, cada vez mais Jesus se vai confrontando, com a predominante «ideologia levítica» dos fariseus, ligada a diversas práticas de pureza ritual, que Ele relativiza tanto em relação aos lugares santos, aos tempos sagrados, como no que diz respeito aos contactos vedados, como a proibição de tocar um cadáver. Assim, vai dando um sentido novo às normas de pureza³⁴⁴.

No episódio de Naim, Jesus toca o esquife que transportava o filho morto da viúva (cf. 7,14). Os mortos tocados por Jesus ressuscitam, e, assim, relativizando as normas precisas e formais da justiça dos fariseus, mostra, de maneira tangível, o amor transformado em misericórdia, aquele amor misericordioso com poder para transformar os corações³⁴⁵. No “tocar” do esquife onde jazia o jovem morto, Jesus realiza um gesto pelo qual transmite a força divina. Afastando o elemento mágico, Lucas acentua as palavras de Jesus com que se dirige, com autoridade, primeiro à mãe e, depois, ao jovem (v. 14)³⁴⁶. Não admira que Jesus vá sendo visto pelos seus opositores como um subversor (cf. Lc 7,34; 23,2), preconceito desfeito no próprio relato lucano: “Realmente, este homem era justo!” (Lc 23,47).

No milagre de Naim, o que está na origem deste gesto milagroso é a compaixão (ἐσπλαγγίσθη) que Jesus sentiu por aquela mãe (cf. Lc 7,13). Como temos vindo a repetir, tudo começa com o olhar de Jesus sobre a viúva, que suscita nele uma profunda compaixão. A misericórdia é reactiva e esta relação implica o coração, ou seja, as entranhas- σπλάγχνα.

³⁴³ Cf. A. PALMA, *Jesus: rosto da misericórdia*, 108-114.

³⁴⁴ Cf. J.T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 182-185.

³⁴⁵ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 533-534.

³⁴⁶ Cf. F. BOVON, *L, Évangile selon Saint Luc*, 355.

A morte, em si mesma, manifesta um mal que se impõe a toda a humanidade e do qual todos nós buscamos libertação. Por isso, com a encarnação do Filho, se desencadeia a luta mais radical contra o mal e o príncipe do mal. Na morte e ressurreição de Cristo se manifesta, finalmente, para os crentes, a vitória sobre o mal³⁴⁷. Diante do mal, mais radical que é a morte, Jesus nos oferece esperança, no mistério da sua morte e ressurreição.

No episódio de Naim é evidente a relação entre a vitória sobre morte e a palavra. Jesus ressuscita o filho da viúva e ele começa a falar; após ele, todo o povo, como se também aqueles que testemunharam o milagre tivessem sido ressuscitados³⁴⁸.

9.2. A mãe viúva, visitada pela misericórdia de Deus

O relato evangélico destaca uma viúva que pertence à categoria dos pobres. O gesto de Jesus em favor da viúva, é sinal de que Deus visita o seu povo. Os destinatários desta visita são os pobres (*'anawim*), mais disponíveis para acolher o Messias. Deus é Aquele que ouve os gemidos dos que sofrem, as suas *entranhas* comovem-se ao ver a aflição do seu povo (cf. Ex 3,7-12). Ele intervém em favor dos mais desfavorecidos e indefesos. Os órfãos e as viúvas estão entre estes³⁴⁹. Jesus, o Deus vivo, é Aquele que vê, se compadece e se faz próximo.

Para a mulher bíblica, Deus é, acima de tudo, o Deus da vida. Põe n'Ele a sua confiança e d'Ele esperam a graça da maternidade. A morte de um filho causa-lhes um sofrimento que atinge não só o coração, mas também lhes move as entranhas (cf. Am 8,10; Jr 6,26; Zac 12,10)³⁵⁰. Esta mulher, pelo facto de ser viúva (*χήρα*) e ter perdido o seu único filho (*μονογενής*), pertence, só por isso, ao grupo dos *'anawim*, isto é, dos socialmente mais vulneráveis. Com a morte do filho, perdeu o seu mais próximo defensor e provedor.

³⁴⁷ Cf. P. GILBERT, *Fenomenologia de la misericordia y el Evangelio*, in *Isidorianum*, 49 (2016), 26-28.

³⁴⁸ Cf. M. SEVIN, *L'approche des textes bibliques*, 256.

³⁴⁹ Cf. P. C. MORALES, *Como voestro Padre es misericordioso*, 302-317; M. SEVIN, *L'approche des textes bibliques*, 259.

³⁵⁰ Cf. A. WÉNIN- C. FOCANT, *Vives, femmes de la Bible*, Bruxelles, Lessius, 2008, 142-143.

Viúva, - χήρα³⁵¹ - um termo que aparece 26 vezes no NT, das quais, 9 vezes, em Lucas, é a mulher que, por morte do marido, ficou sozinha, abandonada a extrema indigência. Nos primeiros tempos da Igreja, em sentido técnico, identifica um ministério exercido na comunidade, o ministério das viúvas. O cuidado e protecção das viúvas, como membros do povo de Deus e exercendo nele um serviço, cabia primeiramente aos seus familiares, aos filhos e aos netos e, depois, à comunidade cristã (cf. 1Tm 5,3-8)³⁵². Deus cuida pessoalmente das viúvas (cf. Jr 49,11; Dt 10,18), e chama também o povo a cuidar e a ser misericordioso para com elas (cf. Dt 14,29).

O Terceiro Evangelho, dá uma atenção própria à figura da mulher, seja viúva ou não³⁵³: Isabel (Lc 1,5-25), Maria (Lc 1,26-56), Ana (Lc 2,36-38), as mulheres que seguiam Jesus (Lc 8,1-3), Marta e Maria (Lc 10,38-42), a mulher encurvada, curada em dia de sábado (Lc13,10-17), a mulher que procura a dracma perdida (Lc 15,8-10), a viúva importuna (Lc 18,1-8), as mulheres, “Filhas de Jerusalém” que choravam por Jesus (Lc 23,27-31), bem como as outras mulheres que os outros sinópticos também referem. O encontro com mulheres é frequente nos caminhos que Jesus percorre, e trazem sempre elementos positivos à narração lucana³⁵⁴. No episódio de Naim, Lucas apresenta esta mulher como “mãe viúva” que ia a enterrar o seu filho único (v.12). Uma personagem ao serviço da revelação de Jesus.

Para a viúva de Naim, este filho era a consolação e a única segurança. Acabava de o perder, e com ele, desaparecem as promessas da progenitura. Para ela só restou a aprovação da *fê de Job* (Jó 2,9). Alguns autores, segundo o P. Lagrange, dizem que esta viúva desolada,

³⁵¹ Uma palavra que em hebraico se diz: *amânâh* e nos LXX *χήρα*. Refere-se à condição de uma mulher que perdeu o seu marido. Do ponto de vista económico a viúva só possuía para transmitir ao seu filho. A viúva tinha um direito em que as mulheres casadas não tinham. Depois da morte do seu marido elas se encontravam, normalmente, numa situação precária, sobretudo se tiver crianças ainda pequena. O autor sagrado associa muitas vezes as viúvas e o orfão ao estrangeiro, aos quais se recomenda muito cuidado. A lei diz que devem ser alimentados (Ex. 22,22) e vestidos (Dt. 24,17). O próprio Deus se declara como protector do órfão e da viúva (Dt 10,18), Ele é Pai dos orfãos e justiceiro das viúvas (Sl 68 (67), 6). Cf. P. LOUIS, *Dictionnaire de la Bible: Suplement*, Librairie Letouzey et Ané, Paris, 1928, 2411-2413.

³⁵² Cf. H. KRAFT, *χήρα*, in BS, *DENT*, Vol. I, 2078-2081; S. SOLLE, *χήρα*, in *DCBNT*, 4ªed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991, 501-503.

³⁵³ Cf. A.-M. PELLETIER, *Homme et femme selon la Sagesse*, in *NRT*, 137 (2015/4), 658

³⁵⁴ Cf. J.T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 22-23; F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 355.

representa Jerusalém, a filha de Sião, ameaçada de perder o povo de Israel, seu filho único, e que na verdade o perde, mas veio depois a recuperar, miraculosamente, por Jesus³⁵⁵.

Para J. T. Mendonça, a necessidade de consolação que todos temos e as linguagens com que o corpo e a alma se expressam, que, se calhar, não sabemos ainda atender devidamente; aquela porção íntima da vida que melhor se comunica, mais com o silêncio e as lágrimas, do que em palavras, é a expressão, por excelência da incondicional misericórdia divina que Jesus revela³⁵⁶. No episódio de Naim, a consolação que a mãe recebe, é a vida do seu filho. Jesus oferece aquela mãe uma relação nova com o seu filho, que aponta para o restabelecimento da relação entre os homens no seio da comunidade cristã. A consolação (*naham*) deriva da misericórdia de Deus que se faz próximo, em Jesus. É a arma da sua justiça (cf. Is 22,4; 61,2; 2Cor 5,21). A consolação de um Pai que não quer a morte dos seus filhos, mas sim que se convertam e vivam. Ressuscitando um morto, Jesus realiza o que exclusivamente pertence a Deus: dar a vida. Comovido até às entranhas pela mulher que acabou de perder o fruto das suas entranhas, Jesus lhe devolve de novo o que ela havia perdido.

A mãe viúva ocupa um lugar central no relato e é para ela que as atenções se dirigem. Há uma sequência de sete pronomes dirigidos a ela: o filho único era *dela*, *ela* era viúva, a multidão da cidade estava com *ela*, Jesus vendo-a, foi movido de compaixão por *ela*, disse a *ela*, entregou-o a sua mãe (*a ela*)³⁵⁷. Há um contacto que se estabelece com a mãe, pelo olhar, pelas palavras e pelo toque de Jesus.

Cristo aparece como o Messias dos pobres (*'anawim*), a quem Ele é chamado a anunciar a Boa Nova e um ano de graça e apresenta como modelo a imitar³⁵⁸. São eles, os pobres, os primeiros destinatários da misericórdia do Pai, por quem somos chamados a fazer uma opção preferencial e a reconhecer a presença de Cristo. Ao consolar, Deus ajuda o ser humano a aceitar

³⁵⁵ Cf. P. LAGRANGE, *Évangile selon Saint Luc*, 208.

³⁵⁶ Cf. J. T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 7-25.

³⁵⁷ Cf. M. L. VEYRON- MAILLET, *Polysémie d'un texte*, 185-186; I. PERONDI, *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim*, 184.

³⁵⁸ Cf. R. KOCH, *Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4,18-19*, p. 182-183.

o sofrimento como uma dimensão da sua misericórdia. Deus salva, fazendo justiça e misericórdia, ou seja, a consolação é resultante da misericórdia de Deus que se faz próximo³⁵⁹. Como nos ensina o Papa Francisco, a justiça é entendida na Sagrada Escritura como um abandono confiante à vontade de Deus³⁶⁰. Para a viúva de Naim a misericórdia Deus revelada em Cristo, abre novos caminhos de esperança e de vida.

9.2.1. A relação da viúva com seu filho é restaurada por Jesus

Aquela mãe chora a morte de seu filho. Jesus, atento, aproxima-se da morte, e esta proximidade de Deus - uma proximidade misericordiosa - venceu a morte, e o filho é entregue à mãe. Um morto, filho único de uma viúva, que, em virtude desta trágica circunstância, é figura central no episódio. Para ela, um verdadeiro recomeço acontece no encontro com Jesus que se aproxima dos *'anawim* (pobres de Israel) e dos pecadores, não como juiz, mas como médico cheio de misericórdia. Só o encontro com a misericórdia divina, permite ao homem uma nova forma de viver, de se relacionar, pensar e agir, ao jeito de Jesus. Pela sua misericórdia, Jesus restituiu a vida ao filho da viúva, e com filho que estava morto e agora vive, a pobre viúva, sua mãe, ressurgiu, ela também, no esplendor da sua humanidade; é recuperada a grandeza da sua maternidade, e, seu filho, experimenta novamente a grandeza da filiação. É este olhar divino, lançado por Jesus, que atrai a misericórdia do Pai. O jovem, respondendo ao imperativo *anestésico* de Jesus, manifesta o poder misericordioso de Deus, que restaura o homem naquilo que ele é de mais substancial.

O jovem que retorna à vida, é figura de Jesus ressuscitado que está no centro da nossa fé, onde se revela e triunfa, na sua plenitude, o amor misericordioso de Deus³⁶¹. A iniciativa de Jesus, a sua compaixão e a poder que manifesta, revelador da sua identidade divina, assegura

³⁵⁹ Cf. D. JANTHAL, «La consolation», in *NRT*, 138 (2016/4) 530-531 ; P. COULANGE, *Dieu a le privilège de voir les pauvres*, in *RCI*, 40 (2015/4) 15-23.

³⁶⁰ Cf. PAPA FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, nº 20.

³⁶¹ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 540 ; K. BIELINSKI, *La misericordia divina revelata negli «splanchna» di Cristo*, 208.

que o Deus de Israel é, e será sempre, o vencedor do mal e da morte. No milagre de Naim Jesus realiza um gesto que vai ao encontro da esperança última da nossa vida em Deus, a vitória sobre a morte, a ressurreição³⁶².

9.3. Um povo que celebra a «visita de Deus».

A actuação prodigiosa de Jesus sobre a vida e sobre a morte, é bem uma manifestação soteriológica da parte de Deus. No itinerário de Naim, depois da acção de Jesus, o povo entra em cena para glorificar a Deus. As multidões proclamam a visita de Deus em duas etapas: *um grande profeta surgiu entre nós e Deus visitou o seu povo*- λαὸς (v. 16). Jesus é reconhecido não só como um grande profeta, mas também, como visita de Deus ao seu povo³⁶³. Jesus é o grande profeta que está ao serviço do seu povo. Lucas descreve o ministério de Jesus, como Messias, identificando-o com a chegada do profeta escatológico. É significativo o uso do verbo «visitar», nesta passagem, e em duas exclamações de louvor pela irrupção do acontecimento messiânico, no *Benedictus*: «Bendito seja o Senhor Deus de Israel, porque *visitou* e redimiu o seu povo» (Lc 1,68) e «Graças ao misericordioso coração do nosso Deus, pelo qual nos *visita* o Astro das alturas» (Lc 1,78). O tema da visita de Deus, tão caro a Lucas, enraíza-se profundamente no AT, onde a visita de Deus é significada pela sua intervenção positiva na história. Deus intervém no AT seja para reorientar salvificamente o seu povo (cf. Am 3,2; Jr 6,15); seja para alumiar o seu povo com a sua gesta misericordiosa (cf. Gn 50,24; Ex 4,31; Jr 29,10; Sl 80,15; Zc10,3); seja para lhe marcar um fim escatológico pleno (cf. Sb 3,7). Todo o capítulo 7 do terceiro Evangelho, afirma claramente e com insistência que esta visita de Deus é uma realidade cumprida em Jesus, o enviado pelo Pai para nossa salvação³⁶⁴. Uma visita não

³⁶² Cf. P. HAUDEBERT, *Symboles et paraboles*, 252.

³⁶³ Segundo F. Bovon, a expressão redaccional, “um grande profeta surgiu entre nós, não é necessariamente um louvor. Cf. F. BOVON, 356, nota 54.

³⁶⁴ Cf. J. T. Mendonça, *A construção de Jesus*, 142-143.

só aos pobres, cegos e oprimidos, mas que também alcança os que estão presos nas regiões sombrias da morte³⁶⁵.

No Evangelho de Lucas, em reação aos seus sinais, as multidões glorificam a Deus e seguem Jesus, os seus adversários acusam-no de utilizar um poder demoníaco (cf. Lc 11,15). A confissão fé em Jesus como *um grande profeta e como visita de Deus ao seu povo* é feita pelos discípulos e pela numerosa multidão que O acompanhava (7,11), como a que seguia o cortejo fúnebre em Naim (7,12)³⁶⁶, ao contrário do que acontecia em Jerusalém, pelo que, antes da sua entrada messiânica na cidade santa, Jesus lamenta: «porque não reconheceste o tempo em que fostes visitada» (Lc 19,44).

Fortalecidos na fé e nas suas motivações éticas, o povo vê em Jesus o modelo a partir do qual cada discípulo deve cuidar e ocupar-se dos moribundos, das viúvas e dos órfãos, fazendo assim, da comunidade cristã, um lugar de acolhimento e de esperança³⁶⁷.

10. Atualidade do episódio de Naim como paradigma da vida cristã

Jesus, porque veio do *κόλπος* do Pai, onde sempre esteve, pode revelar *as entranhas* de Deus, cheias de misericórdia. Por ser Filho, pode nos revelar as *entranhas* do Pai³⁶⁸. Para Lucas, Jesus é o fruto e expressão *das entranhas misericordiosas do nosso Deus* (cf. Lc 1, 78). É este o núcleo e a mensagem central do terceiro Evangelho e da Cristologia lucana.

A misericórdia de Deus nos precede, para que a possamos exercer na relação com o próximo, ou seja, a misericórdia humana é um dom de Deus e tem o seu fundamento na divina

³⁶⁵ Cf. J. A. FITZMYER, *El Evangelio según Lucas*, 649.

³⁶⁶ Cf. J.T. MENDONÇA, *A construção de Jesus*, 121-125.143.

³⁶⁷ Cf. F. BOVON, *L'Évangile selon Saint Luc*, 352.

³⁶⁸ Cf. O. GONZÁLEZ DE CARDEDAL, *La entraña del cristianismo*, 3ª ed., Secretariado trinitário, Salamanca, 2001, 74-80.

misericórdia, aquela misericórdia compassiva que moveu Jesus e o incitou a agir quando viu a viúva de Naim.

A compaixão é uma atitude característica dos discípulos de Cristo, e esta períclope lucana no-la apresenta como paradigma da misericórdia visceral que somos chamados a pôr em prática na nossa existência crente. Ser misericordioso como o Pai, é como que um compêndio sempre presente no Evangelho de Lucas, o ponto alto da revelação do Pai aos homens. É a vocação que cada cristão deve assumir e tornar atuante no caminho da santidade, quando a dor, o mal e a morte parecem prevalecer³⁶⁹. Constitui uma obrigação moral para os cristãos de hoje, é como uma resposta actual à escuta e ao acolhimento da mensagem divina revelada nas “σπλάγχνα” de Jesus.

Neste episódio encontramos alguns traços que são, por assim dizer, os pilares da vida fraterna e que nos sugerem, a exemplo de Jesus, quatro atitudes: olhar com olhos de ver, consolar, reerguer e criar laços. Só indo à raiz da compaixão misericordiosa do Pai - às “σπλάγχνα” (entranhas) - podemos aprofundar convenientemente esta dimensão no percurso da nossa vida. Tudo isto implica pormo-nos a caminho, a exemplo de Jesus, tornando este lugar de encontro, de experiência existencial, e espiritual, um espaço de salvação e vida. Só em Deus podemos encontrar as verdadeiras entranhas que podem dar vida nova à nossa vida³⁷⁰.

No episódio de Naim, a insistência que se faz às *entranhas ou vísceras*, indica a singularidade íntima e profunda que caracteriza a compaixão de Jesus para com a viúva de Naim, no confronto com a humanidade prostrada. Na verdade, a compaixão de Jesus, não é um simples sentimento, é arreigada, profunda, existencial e vai até ao dom supremo da Sua vida no Mistério Pascal, onde se revela a plenitude da divina misericórdia. A misericórdia, como um

³⁶⁹ Cf. N. FUSARO, *Con-passione*, 158-162.

³⁷⁰ Cf. J. LOURENÇO, «Os Cantos de Servo. O grito da misericórdia de Yahwé», in J. AMBROSIO, (Coor), *A misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 83.

sentimento interior é sempre acompanhada de acções concretas, sem acção, não há verdadeira misericórdia³⁷¹.

O morto ergue-se, fala e é entregue à mãe como sinal sensível de que Deus está próximo da miséria humana para a transformar em Graça. A compaixão de Jesus pelos que sofrem e o Seu desejo de salvá-los, é um apelo dirigido a cada um dos discípulos, ontem e hoje, a deixar-se transformar pela acção salvífica de Deus no evento da cruz³⁷². Seguindo o exemplo da compaixão misericordiosa de Cristo, revelada no episódio de Naim, seremos capazes de experimentar e viver a compaixão para com os necessitados e ser misericordioso como Deus é misericordioso.

O episódio de Naim faz-nos descobrir a íntima relação entre o ver (*ὁράω*) e ter compaixão (*ἐσπλαγγίζομαι*). Trata-se de atuar em consequência do que se vê. São Paulo, na Carta aos Efésios, afirma que o coração tem olhos, um *ver* que está para além dum olhar superficial, que vai desde o coração, nos motiva e provoca a *actuar* (cf. Ef 1, 18). É um caminho que vai do coração às mãos, ou seja, às obras de misericórdia. A misericórdia aponta para algo que só o coração pode ver e levar à prática. Com este episódio que Lucas relata, e noutros episódios que falam da misericórdia, o evangelista pretende despertar nos seus leitores o desejo de se converterem, também eles, em instrumentos e testemunhas da misericórdia junto dos homens e mulheres de hoje, seguindo os traços de Jesus. É com este olhar misericordioso que Deus vê e é com a perspicácia desse olhar que somos convidados a ver aquilo que nos rodeia.

O Papa Francisco, na Bula *Misericordiae Vultus*, mais do que se referir à misericórdia divina, põe em destaque a misericórdia que Deus é, uma realidade concreta pela qual Ele revela o seu amor. É esta maneira de ser e de estar que deve ser assumida pelos cristãos como estilo e programa de vida. Por este programa passa a credibilidade da Igreja como sacramento do amor

³⁷¹ Cf. P. CABELLO MORALES, *Como vuestro Padre es misericordioso*, 195.

³⁷² Cf. K. BIELINSKI, *La misericordia divina revelata negli «splanchna» di Cristo*, 222-225.

e da misericórdia³⁷³. Também segundo W. Kasper, a misericórdia é a condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã; uma Igreja sem caridade e sem misericórdia não seria a Igreja de Cristo. Por sua vez, na opinião de J. Borges de Pinho, tudo o que temos a anunciar, se concentra e está ao serviço do anúncio e testemunho do amor misericordioso de Deus, que, em Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, veio ao nosso encontro, nos sustenta e solicita o nosso acolhimento e resposta amorosa. É urgente este anúncio no mundo contemporâneo, sobretudo àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais, em situações de precariedade e sofrimento. O anúncio e testemunho da misericórdia, constitui uma interpelação à dimensão profética da Igreja na luta pela justiça e na opção pelos mais pobres e necessitados. É, antes de mais, expressão indispensável de um estilo cristão de viver³⁷⁴. Diante dos males que assolam o mundo atual e como resposta aos “sinais dos tempos”, o limite que se impõe é, em última análise, a divina misericórdia.

Conclusão

A viúva e o filho morto, representam os pobres e a expressão máxima de despojamento, que é a morte. Esta mulher viúva, numa situação social de desproteção total e humanamente irremediável, só pela presença transformadora de Jesus consegue mudar o ciclo de aniquilamento e sentir as suas vidas a dela e a de seu filho - restauradas.

Neste episódio Lucas narra como Jesus faz viver de novo, quer o filho da viúva que estava morto, quer a viúva que, com o seu filho morto, deixara de ter razões para viver. Tudo aponta para o Mistério Pascal de Jesus, em que Jesus vence a morte e se manifesta como o

³⁷³ Cf. J. AMBROSIO, «A Misericórdia, chave de leitura e de ação da vida cristã», in J. AMBROSIO, (Coor.), *A misericórdia de Deus: Coração pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 15-26; PAPA FRANCISCO, *Misericordiae vultus*, nº 6, 11, 12, 13, 14; W. KASPER, *Misericórdia*, 192.

³⁷⁴ Cf. J.E. BORGES DE PINHO, «Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia», in J. AMBROSIO, (Coor.), *A misericórdia de Deus: Coração pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 124-161; W. KASPER, *Misericórdia*, 9-16.

Senhor da Vida. Jesus é a ressurreição e a vida, o grande profeta que veio anunciar a chegada do Reino de Deus. O olhar de Jesus sobre o drama daquela pobre mulher, move as suas entranhas e leva-O a agir, e no modo como age, revela a ternura misericordiosa de Deus. Também naquilo que à misericórdia diz respeito, em Jesus se cumpre o Antigo Testamento, pois n'Ele adquire um rosto, encarna, se personifica a misericórdia divina (cf. 2 Cor 1,3).

Revelando a verdadeira identidade de Jesus, a partir da experiência vivida no episódio de Naim, Lucas pretende levar os seus leitores a assumir e a cumprir a missão própria de cada um: dar a conhecer quem é Jesus. A ressurreição de Cristo manifestada em nossa carne mortal, nos faz experimentar que este amor paterno é mais forte do que a morte, seja ela física ou espiritual.

Segundo S. Sabugal, a profunda compaixão humana de Jesus e a sua potestade senhorialmente divina, acompanhado deste sinal anastásico testemunhado pela comunidade crente, constitui uma grande esperança para os que, como a mãe viúva, sofrem a perda e o abandono, e também para todos aqueles que, como o filho, se encontram em situações de morte humanamente irremediável³⁷⁵. Este poder divino sobre a morte, seja ela física, moral ou espiritual leva-nos a concluir que viver da misericórdia é viver uma liturgia pascal³⁷⁶. Por isso, perante as situações que parecem sem saída, de dor ou sofrimento, a resposta da esperança é a divina misericórdia.

³⁷⁵ Cf. J. SABUGAL, *Joven, te lo digo, levántate*, 473.

³⁷⁶ Cf. A. MATTHEUWS, *L'évangile de la miséricorde avec saint Luc*, 538.

CONCLUSÃO FINAL

Chegados ao final do nosso estudo sobre a perícopé lucana da Ressurreição do Filho da Viúva de Naim (Lc 7, 11-17), cumpridos os objetivos propostos inicialmente, podemos concluir que o agir misericordioso de Deus se faz presente ao longo de toda a Sagrada Escritura, mesmo quando os termos referentes à misericórdia não são empregues expressamente, pelo que se torna difícil fazer a escolha de um episódio que evoque, de modo abrangente, a experiência misericordiosa de Deus.

O Deus, justo e misericordioso, revela-se pelos seus atos e n'Ele a misericórdia e a justiça se abraçam³⁷⁷. É um Deus que ama os seus filhos de maneira visceral (cf. Ex 34, 6-7; Jr 31, 20), um Deus que quer viver no meio do seu povo e por isso manda construir um Santuário (cf. Ex 25,8). No AT, Deus fala e atua em favor do seu povo, manifestando a sua misericórdia e a sua compaixão que supera toda a justiça, e constitui a expressão da sua santidade, justiça e fidelidade.

No NT, a misericórdia, tem um rosto: Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado. O termo misericórdia, além de fazer referência ao coração que se debruça sobre a miséria do outro, evoca também a ideia do perdão. Ser misericordioso também significa ser capaz de dar a vida, o primeiro dom do Criador à criatura, por isso a misericórdia tem em si uma potência que vai além do imaginável. A capacidade de perdoar tem um poder recriador, que nos ultrapassa. Neste sentido, o misericordioso é um libertador, um salvador.

Deus é fiel (*hesed*) e atua em consonância com aquilo que é. Lucas procura mostrar como em Jesus é a misericórdia de Deus: uma misericórdia que toca o nosso corpo e nos envolve totalmente, até ao mais profundo de nós.

³⁷⁷ Falar da justiça e misericórdia é falar do núcleo central dos atributos de Deus onde se interagem essas duas potências divinas.

Dos livros do NT, o Evangelho de Lucas é, sem dúvida, aquele que recolhe, amplia e retrata com maior detalhe o tema do amor misericordioso de Deus, através das palavras e gestos de Cristo. No entanto a misericórdia não se exprime somente nas palavras e nos gestos, mas pelo conjunto do agir de Jesus. A misericórdia é a perfeição da essência divina e é descrita por Lucas de diversos modos, nos momentos chave da vida e do ministério de Jesus. Na sua perspectiva, o evangelista da misericórdia, mostra em alguns textos – concretamente naquele que escolhemos como ponto de partida do nosso trabalho, o episódio de Naim - o sentido profundo da misericórdia revelada por Jesus e as suas implicações na vida do discípulo de qualquer tempo: “Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso” (Lc 6,36). A misericórdia é, para Lucas, a única maneira de ser como Deus. Seguindo, acolhendo e testemunhando este traço divino, a Igreja se mostra ao mundo como serva e medianeira de Cristo, que, ao rigor e exterioridade da lei, prefere a misericórdia ao sacrifício (cf. Mt 9,12).

Para Lucas, nas suas narrativas, toda a história evangélica é entendida como uma visita misericordiosa de Deus. O Evangelho da infância nos apresenta Maria, louvando a misericórdia de Deus na história (cf. Lc 1,46-55) e nos lábios de Zacarias, Lucas põe o belo cântico do *Benedictus*, dando graças ao misericordioso coração de Deus que visita o seu povo (cf. Lc 1,67-79). Em Jesus, as entranhas misericordiosas de Deus nos visitam, e, por isso, o povo celebra de forma unânime e proclama Jesus como *grande profeta* (cf. Lc 7, 16): Jesus envolvido até às entranhas pela misericórdia, devolve vivo àquela mãe viúva o filho único que acabara de perder. É Ele o Senhor da vida que vence a própria morte. Jesus é o messias da justiça e da misericórdia, que n’Ele encarnam, por isso revela aos homens a misericórdia divina, ou seja, é na sua própria divindade e humanidade – naquela divindade humanada - que a misericórdia se manifesta³⁷⁸. Não apenas como o perdão que Deus concede aos homens; nem tampouco se trata de um gesto caritativo para com o homem de quem Jesus faz próximo... A revelação da divina misericórdia

³⁷⁸ Cf. J. P SONNET, *Justice et miséricorde*, 21-22; M. GIUSTO, *Eucharistie, révélation suprême de la miséricorde chez saint Augustin*, 222-224.

em Jesus, permite a contemplação da economia da salvação, entendida como o conjunto de tudo o que Deus dispôs em ordem à salvação dos homens. Pode dizer-se que a economia da salvação é fundamentalmente a vida terrena de Cristo, desde o seu nascimento à sua paixão e à redenção do homem, na qual, passo a passo, se vai desvendando o plano salvífico de Deus, preparado desde toda a eternidade, tipologicamente anunciado no Antigo Testamento e realizado em Cristo, no mistério pascal da sua paixão, morte e ressurreição, onde acontece o encontro mais profundo e decisivo da misericórdia de Deus com a condição humana marcada pela miséria, que a misericórdia de Deus, na entrega de Jesus por nosso amor, reabilita.

No episódio de Naim, permanente referência do nosso estudo, a expressão *σπλαγγίζομαι* torna claro que a misericórdia de Deus se concretiza na compaixão diante do sofrimento daquela mãe viúva e vai ao encontro dela. Das três vezes que Lucas usa este verbo esse verbo³⁷⁹, somente no milagre de Naim vem acompanhado pelo verbo *ἐπισκέτομαι*, usualmente traduzido por *visitar* (cf. Lc 7,16). Esta passagem da morte para a vida, do jovem de Naim, é um sinal messiânico que permite a Jesus ser reconhecido como *um grande profeta*. Prefigura e prepara o acontecimento culminante que dá cumprimento à misericórdia de Deus em Jesus: a sua ressurreição e exaltação à direita do Pai. A misericórdia que vence a morte e faz viver para sempre!³⁸⁰.

³⁷⁹ Cf. Lc 7, 13; na parábola do bom samaritano, Lc 10, 33; e na parábola do filho prodigo Lc 15, 20.

³⁸⁰ Cf. M. DE LOVINFOSSÉ, *L'événement visé par la seconde «visite» du Benedictus*, 364-365.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes Bíblicas

Bíblia 2000, Lucas e João, Publicações Alfa, Lisboa, 1997.

Bíblia de Jerusalém, (revista e ampliada), Paulus, Lisboa, 2015.

La Sagrada Escritura, «Texto y Comentario, Nuevo Testamento, Evangelios», Madrid: Biblioteca de autores cristianos, Madrid, 1964.

La Traduction Œcuménique de la Bible (TOB, édition intégrale), 7ª.ed., Les Édition du Cerf, Paris, 1997.

La Traduction Œcuménique de la Bible, NT, (TOB, traduction intégral), Les Édition du Cerf, Paris, 1972.

NESTLE, Eb. – NESTLE, Er. - ALAND, B. ALAND, K. (Ed.) *Novum Testamentum Graece*. 27ª ed., Deutsche Bibelgesellschaft, Stuttgart, 1993.

Magistério da Igreja

COMISSÃO PONTIFÍCIA BÍBLICA, *A Interpretação da Bíblia na Igreja*. Secretario Geral do Episcopado, Ed. Rei dos Livros, Lisboa, 1994, 1-166.

FRANCISCUS, *Litterae Apostolicae Sub Plumbo Datae Misericordiae Vultus*, in AAS 107 (2015), 399-420.

IOANNES PAULUS II, *Litterae Encyclicae Dives in Misericordia*, in AAS 72 (1980)1177-1232.

PAPA FRANCISCO, Exortação Apostólica *Gaudete et exultate*, Paulus, Lisboa, 2018.

Instrumentos de Trabalho:

BIEDER, W., *θνήσκῶς*, in BALZ, H. - SCHNEIDER, G. (Eds.), *DENT*. Vol. I, Sigure, Salamanca, 1996, 1892-1893.

BORN, Van den, (Org.), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Vozes, Petrópolis, 1971.

- BULTMANN, R., ἔλεος, in KITTEL, G – FRIEDRICH, G. (Dirs.), *GLNT*. Vol. III, Paideia, Brescia, 1967,407-412.
- BULTMANN, R., ἐλεημοσύνην, KITTEL, G. – FRIEDRICH, G. (Dirs.), *GLNT*. Vol. III, Paideia, Brescia, 1967, 420-424.
- BULTMANN, R., οἰκτιρω, in KITTEL, G. - FRIEDRICH, G. (Drs.), *GLNT*, Paideia, Brescia, Vol. VIII, 1972, 449-455
- CAMBIER, J., «Misericordia», in DÍEZ MACHO, A. – BARTINA, S. (Dirs.), *Enciclopedia de la Biblia*, Vol. 5, Garriga, Barcelona, 1965, 182-187.
- CARREZ, M., *Grammaire grecque du Nouveau Testament*, Labor et Fides, Genève, 1985.
- CERBELAUD, D., Miséricorde, in JEAN-YVES, L. (Dir.), *Dictionnaire Critique de Théologie*, Presses Universitaires de France, Paris, 1998, 738-740.
- EBEL, G., πορεύομαι, in COENEN, I – BEYREUTHER B – BIETENHARD, H., *DCBNT*, Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991⁴, 1987- 1987-1988.
- ESSER, H., ἔλεος, in COENEN, L. - BEYREUTHER, E - BIETENHARD, H. (Dirs.), *Diccionario Teologico del Nuevo Testamento*, Vol. III, Sigueme, Salamanca, Vol. 1983, 100-102.
- ESSER, H., ἔλεος, in COENEN, I. - BEYREUTHER, B. - BIETENHARD, H. (Eds.), *DCBNT*, 4^aed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991, 1002-1007.
- ESSER, H., σπλάγχνα, in COENEN, I. - BEYREUTHER, B. - BIETENHARD, H. (Eds.), *DCBNT*, 4^aed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991, 1008-1011.
- ESSER, H., οἰκτιρμός, in COENEN, I– BEYREUTHER, B. - BIETENHARD, H., *DCBNT* 4^aed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991, 1007-1008.
- FITZMYER, J., Κύριος, in BALZ, H. - SCHNEIDER, G. (Eds.), *DENT*. Vol. I, Sigueme, Salamanca,1996, 2438-2448.
- KOSTER, K., σπλαγγνον, in G. KITTEL, G. - FRIEDRICH, G. (edd.), *GLNT* XII, Paideia, Brescia, 1979, 931-934.

- KRAFT, H., *χῆρα*, in BALZ, H. - SCHNEIDER, G. (Eds.), *DENT*. Vol. II, Sigume, Salamanca, 2012, 2078-2081.
- LÉON - DUFOUR. X. - CAMBIER. J., Miséricorde, in X. LÉON-DUFOUR, X., (Dir.), *VTB*, Cerf, Paris, 1974³, 766
- LOUIS, P., *Dictionnaire de la Bible: Suplement*, Librairie Letouzey et Ané, Paris, 1928.
- MOULTON, W. F. – GEDEN, A., *A Concordance to the Greek Testament, according to the Texts of Westcott and Hort, Tischendorf and to the English Revisers*, T&T Clark, Edinburgh, 1967⁴.
- PRIDIK, K.-H., *καὶ*, in BALZ, H. - SCHNEIDER, G. (eds.), *DENT*. Vol. I, Sigume, Salamanca, 1996, 2122-2126.
- SCHAIK, V., *Misericórdia*, in V. DEN BORN, A., (Dr.), *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*, Vozes, Petrópolis, 4^a ed, 1987, 994.
- STOEBE, H. J., *Tener misericordia*, in E. ENNI - C. WESTERMANN, (Dr.), *Diccionario Teologico - Manual del Antiguo Testamento*, Vol. II, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1985, 957-966.
- SOLLE, S., *χῆρα*, in COENEN, I; BEYREUTHER, B; BIETENHARD. H, *DCBNT*, 4^aed., Edizioni Dehoniani, Bologna, 1991. 501-503.
- TAYLOR, W. C., *Introdução ao estudo do Novo Testamento grego*, Typographia do C: A: B, Recife, 1932.
- TRUMMER, P., *ἰκανός*, in BALZ, H. - SCHNEIDER, G. (eds.), *DENT*. Vol. I, Sigume, Salamanca, 1996, 1986-1987.
- WALTER, N., *σπλαγχνίζομαι*, in BALZ, H. - SCHNEIDER, G. (Eds.), *DENT*. Vol. II, Sigume, Salamanca, 2012, 1468-1470.

Estudos:

- AMBROSIO, J., «A Misericórdia, “chave” de leitura e de ação da vida cristã: Notas de leitura», in AMBROSIO, J., (Coor), *A misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 9-26.

- ARELLANO, FERNANDO. C., «Misericordia, amor a los pobres, colaboración en la construcción de la “casa común”», in *Isidorianum*, 49 (2016) 29-56.
- ARTUS, O., «*Miséricorde et Charité dans les Traditions d’Israël*», in *RCI*, 243 (2016) 26-38.
- BARTOLOMÉ, J. J., «Como vuestro Padre: Perfectos. Misericordiosos. (Mt 5,48; Lc 6,36)», in *Estudios Bíblicos*, 74 (2016/1) 33-50.
- BIELINSKI, K., «La misericordia divina revelata negli «splanchna» di Cristo», in *StMor*, 54 (2016/2) 199-225.
- BRONSSIER, F. [et al.], «Paroles de vie: 59 textes bibliques pour les funérailles», in *Cahiers Évangile*, 120, CERF, Paris, 2002, 1- 66.
- BORGES DE PINHO, J. E., «Igreja, anúncio e testemunho da misericórdia», in J. AMBROSIO, (Coor), *A misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 124-165.
- BOVON, F., *L’Évangile selon Saint Luc (1,1-9,50)*, Labor et Fides, Genève, 1991.
- CHAPELLE, A., «Israël, son serviteur (Lc 1,54)» in *NRT*, 125 (2003) 177-186.
- CHRUPCALA, L. D., «*IL καὶ avverbiale in Lc-At*», in *LibAn*, 61 (2011) 285-318.
- COULANGE, P., «Dieu a le privilège de voir les pauvres», in *RCI*, 40 (2015/4) 15-23.
- COUNE, M., «Saint Luc et le mystère de la Transfiguration», in *NRT*, 108 (1986/1) 3-12.
- DARDER., F. R., *Lucas, Evangelista da ternura de Deus. Dez catequeses para descobrir o Deus da Misericórdia*, Grafica de Coimbra, 1997.
- DELEBEBECQUE, E., *Études grecques sur l’Évangile de Luc*, Les Belles Lettres, Paris, 1976.
- DÍAZ RODELAS, J. M., «La enseñanza y los signos de Jesús. La misericordia, núcleo del Evangelio», in *AnVal*, Nueva Serie Año III (2016/5) 75-95.
- DUPONT, J., *Études sur les évangiles synoptiques*, Vol. II, Universit Press, Louven, 1985.
- FILLON, L. -Cl., *Les Miracles de Notre Seigneur Jésus Christ*, Tome II, P. Lethielleux, Librairie - Editeur, Paris, 1910.

- FITZMYER, J. A., *El Evangelio según Lucas: Traducción y comentarios, Capítulos 1-8,21*, Tomo II, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1987.
- FUSARO, Nicoletta, *Con-Passione: L'evangelo di Nain come paradigma di vita spirituale*, Citadella Editrice, Assisi, 2016.
- GARUTI, P., «La prophétie après Jésus Christ: un *no man's land* ?», in *Angelicum*, 93 (2016/3) 495-511.
- GEORGE, A., «Le miracle dans l'œuvre de Luc», in X. LÉON. X - DUFOUR (ed.), *Les miracles de Jésus selon le Nouveau Testament*, Éditions du Seuil, Paris, 1977, 249- 268.
- GILBERT, P., «Fenomenología de la misericordia y el Evangelio» in *Isidorianum*, 49 (2016) 9-28.
- GIUSTO, M., «Eucharistie, révélation suprême de la miséricorde chez saint Augustin», in *NRT*, 138 (2016/2) 222-221-240.
- GRELOT, P., *Jésus de Nazareth, Christ et Seigneur*, (LeDiv. 167), Les Éditions du Cerf, Paris, 1997.
- GRUSON, P., «Elie et Jésus dans les évangiles», in *Les dossiers de la Bille*, 50 (1993) 1-26.
- GONZÁLEZ DE CARDEDAL, O., *La entraña del cristianismo*, 3^a ed., Secretariado Trinitário, Salamanca, 2001.
- GOURGUES, M., «Le Père prodigue (Luc 15,11-32): De l'exégèse à l'actualisation», in *NRT*, 114 (1992/1) 3-20.
- HAUDEBERT, P., «Symboles et paraboles? Les miracles évangéliques», in *NRT*, 111 (1989/2) 249-254.
- HERNNAUX, J.-M., «L'indulgence du Jubilé» in *NRT*, 122 (2000/1) 92-102.
- JANTHAL, D., « La consolation: Quand Dieu fait justice en faisant miséricorde (en écho à Jean-Pierre Sonnet) », in *NRT*, 138 (2016/4) 529-535.
- JANTHIAL, D., *La miséricorde chez les Prophetes*. Institut d'Études Théologiques: Faculté jésuite de théologie à Bruxelles, (2016). 2^o Audio (56:26 mm).
- KASPER, W., *A Misericórdia: Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã*, Lucerna, Lisboa, 2015.

- KOCH, R., «Le Christ et l'Esprit du Seigneur selon Luc 4,18-19», in *NRT*, 115 (1993/6) 877-885.
- LAGRANGE, M.- J., *Évangile selon Saint Luc*, 5^aed., Librairie Lecoffre, Paris, 1941.
- LÉON – DUFOUR, X., *Études d'Évangile*, Éditions du Seuil, Paris, 1965.
- LEPORE, L., «Il midras di Giacobbe in funzione del giubileo», in *Biblia e Oriente*, 265-266 (2015/3-4), 161-188.
- LOMBARD, D., «Une lecture de Luc 15», in *Sémiotique et Bible*, 101 (2001/1) 50-55.
- LÓPEZ, F. G., *Comment lire le Pentateuque*, Labor et Fides, Genève, 2003, 358.
- LOURENÇO, J., «Os Cantos de Servo. O grito da misericórdia de Yahwé», in AMBROSIO, J. (Coor), *A misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 61-83.
- LOVINFOSSE, Marie., «L'événement visé par la seconde *visite* du Benedictus: d'après le champ sémantique entourant Lc 1,78» in *Science et Esprit*, 69 (2017/3) 361-379.
- LUCIANI, Didier., «Les œuvres de miséricorde dans l'Ancien Testament: des œuvres ou de la miséricorde?» in *RTL*, 47 (2016) 313-337.
- MATTHEEUWS, A., «L'évangile de la miséricorde avec saint Luc», in *NRT*, 137 (2015) 529-541.
- MARTÍNEZ DE PISÓN LIÉBANAS, R., «Devenir homme est le chemin de l'expérience de Dieu», in *NRT*, 117 (1995/4) 536-551.
- MEJZNER, M., «Vantaggio o Perdita? Le facce della misericordia nel *De opere et eleemosynis* di Cipriano», in *Gregorianum*, 98 (2017/1) 51-60.
- MENDONÇA, J. T., «Identidade e enigma: a interação das personagens na secção galilaica de Lucas», in *Didaskalia*, 35 (2005) 175-200.
- MENDONÇA, J. T., *A construção de Jesus: A surpresa de um retrato*, Prior Velho, Lisboa, 2015.
- MENDONÇA, J. T., *Elogio da sede*, Quetzal, Lisboa, 2018.
- MONASTERO, R. A - CARMONA, A. R., *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, 2^a ed. Verbo Divino, Pamplona, 1994.
- MONNIER, P., «Jésus ressuscité, le prophète plus grand que Moïse: Lecture de Jn 21,1-14», in *NRT*, 139 (2017/1) 3-14.

- MORALES CABELO, P., «*Como voestro Padre es misericordioso. La misericordia en el Evangelio de Lucas*» in *Isidorianum*, 50 (2016) 287-334.
- NOUVEL, B., «L'aujourd'hui de la grâce: Jésus à la synagogue de Nazareth (Lc 4,14-30)», in *BLE*, 467 (2016/3) 7-28.
- SABUGAL, S., «Joven, te lo digo, levántate!» (Lc 7,11-17): Análisis histórico-tradicional, In *EstAg*, 23 (1988) 469-482.
- SALVIOLI, M., «La misericordia indivisibile del Padre nella compassione visibile di Gesù, il Figlio» in *DivTh*, 50 (2008/2) 80-87.
- SCHMID, J., *El Evangelio según San Lucas*, Editorial Herder, Barcelona, 1968.
- SEVIN, M., «L'approche des textes bibliques», in *LumVit*, 50 (1995/3) 253-260.
- SONNET, J.-P., «Justice et miséricorde: Les attributs de Dieu dans la dynamique narrative du Pentateuque» in *NRT*, 138 (2016), 3-22.
- SONNET, J.-P., *D'Isaïe à Jonas. Les ailes de la colombe*, in *NRT*, 138 (2016/5) 536-548.
- PALMA, A., *Jesus: rosto da misericórdia*, in AMBROSIO, J. (Coor), *A misericórdia de Deus: Coração Pulsante do Evangelho*, UCP, Lisboa, 2016, 104-122.
- PANIER, L., «Luc 4,14-30. Des formes d'énonciation», in *Sémiotique et Bible*, 140 (2010) 6-20.
- PAPA FRANCISCO, *Misericordiosos como o Pai: Catequeses sobre a misericórdia*, Paulus, Lisboa, 2018, 86-88.
- PELLETIER, A.-M., «Homme et femme selon la Sagesse», in *NRT*, 137 (2015/4) 653-660.
- PEREIRA, H - BORGES MENESES, R., «Na parábola do desvalido no caminho (Lc 10, 25-37): Pelo conceito de competência», in *Burgense*, 57 (2016/1) 107-130.
- PERONDI, Ildo - *A compaixão de Jesus com a mãe viúva de Naim (Lc7,11-17) - Emprego do verbo splangizomai na perícopa e no Evangelho de Lucas*, PUC, Rio de Janeiro. Tese apresentada em Teologia, orientada pelo Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2015.

- RAMÓN, F. E., «Un Dios compasivo y fiel: La misericordia en el Antiguo Testamento», in *AnVal*, Nueva Serie, Año III (2016/5) 57-74.
- RASTOIN, M., «Le génie littéraire et théologique de Luc en Lc 15.11-32 éclairé par le parallèle avec Mt 21.28-23», in *NTS*, 60 (2014/1) 1-19.
- RATZINGER, J., *Jésus de Nazareth*, Éditions Flammarion, Paris, 2007.
- RATZINGER, J., *Deus e o mundo: a fé cristã explicada por Bento XVI; uma entrevista com Peter Seewald*, Ed., Tenacitas, Coimbra, 2005.
- REMY, G., «Maternité virginale et filiation divine», in *NRT*, 137 (2015/1) 51-72.
- RUIZ, E. R., «Rostros de Dios justo y misericordioso en el Salterio», in *Estudios Bíblicos*, 75 (2017/1) 77-102.
- URBANI, G., «Il villaggio/città di Nain: archeologia delle acchitture di un paesaggio antico», in *Liber Annuus*, 65 (2015) 431-452.
- VALLET, O., *L'Évangile des païens: Une lecture laïque de l'Évangile de Luc*, Albim Michel, Paris, 2003.
- VALENSIN, A – HUBY, J., *Évangile selon Saint Luc*. Traduit et commenté, Beauchesne, Paris, 1927⁴.
- VEYRON- MAILLET, M.-L., «Polysémie d'un texte: Analyses narrative et psycho-anthropologique de Luc 7,11-17», in *ETR*, 82 (2007) 179-191.
- VILLAE, C., «La miséricorde dans la Bible», in *Cahiers Évangile*, 178, Cerf, Paris, 2016, 72 p.
- VOELTZEL, R., *Selon les Ecritures- Nouveau Testament*, Editions clé, Yaoundé 1972.
- VOLO, R., «Dio misericordioso e pietoso (Es 34,6): Il sorprendente Dio della misericordia nell'Antico Testamento», in *Clarentianum*, 56 (2016/7) 133-152.
- VON BALTHASAR. H. U., *L'Amour seul est digne de foi*, Éditions Montaigne, Aubier, 1966.
- YVES, S., «Évangile de Jésus Christ selon Saint Luc» in *Cahiers Évangile*, Cerf, Paris, 137 (2006) 1-132.
- WARGNIES, P., «Le tiers inclus dans l'évangile de Luc», in *NRT*, 131 (2009/1), 3-22.
- WARGNIES, P., «Vous serez fils du Très-Haut – Luc 6,20-4», in *NRT*, 134 (2012/1) 3-20.

WÉNIN, A- C. FOCANT, C., *Vives, femmes de la Bible*, Lessius, Bruxelles, 2008.